



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL**

**GABRIEL CRISPIM DE BARROS**

**ENTRE A CAVALARIA E A SANTIDADE (PORTUGAL - SÉCULO XV):  
NUNO ÁLVARES PEREIRA, UM HERÓI MEDIEVAL NO ENSINO DE  
HISTÓRIA**

**São Luís  
2024**

**GABRIEL CRISPIM DE BARROS**

**ENTRE A CAVALARIA E A SANTIDADE (PORTUGAL - SÉCULO XV):  
NUNO ÁLVARES PEREIRA, UM HERÓI MEDIEVAL NO ENSINO DE  
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Souza  
Zierer

**Linha de Pesquisa:** Memória e Saberes Históricos

**São Luís  
2024**

Barros, Gabriel Crispim de.

Entre a cavalaria e a santidade (Portugal - século XV): Nuno Álvares Pereira, um herói medieval no Ensino de História / Gabriel Crispim de Barros. – São Luís, 2024.

114f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Adriana Maria de Souza Zierer.

1. Ensino de História. 2. Nuno Álvares Pereira. 3. Literatura de Cavalaria. 4. Galaz. 5. Idade Média em Portugal. I. Título.

CDU 93/94:37: 821.134.3"04/14"

**GABRIEL CRISPIM DE BARROS**

**ENTRE A CAVALARIA E A SANTIDADE (PORTUGAL - SÉCULO XV):  
NUNO ÁLVARES PEREIRA, UM HERÓI MEDIEVAL NO ENSINO DE  
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado e Doutorado Profissional, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

**Banca Examinadora:**

---

**Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer (Orientadora)**  
(PPGHIST/UEMA)

---

**Profa. Dra. Marcella Lopes Guimarães (Examinadora Externa)**  
(PPGHIS/UFPR)

---

**Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva (Examinador Interno)**  
(PPGHIST/UEMA)

---

**Profa. Dra. Viviane Oliveira Barbosa (Examinadora Interna)**  
(PPGHIST/UEMA)

Ao meu avô,  
eterno seu mestrinho

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha orientadora, Adriana Maria de Souza Zierer, que persistiu comigo por toda essa jornada do Mestrado, me auxiliando em cada passo, seja de forma firme quando necessário, seja de forma leve quando preciso, em diversos momentos pensei em desistir, mas com sua ajuda consegui chegar até onde estou. Muito obrigado também a professora Solange Pereira Oliveira que em diversos momentos me forneceu suporte e conselhos a respeito de como poderia lidar com a pesquisa e os caminhos que poderia tomar.

Agradecimentos a minha família, principalmente aos meus pais, minha mãe Maria José Crispim dos Santos e meu pai Maxwell Mariano de Barros, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos de felicidade e dificuldade, apoiando minhas escolhas e compreendendo minha rotina com minhas madrugadas. Um obrigado especial ao meu avô José dos Santos, o “Seu Mestrinho”, cuja uma das últimas palavras que trocamos reforçava como era importante o aprendizado na vida, tendo passado por muitos momentos de sofrimento, mas continuando a persistir.

Obrigado aos meus amigos também que me apoiaram em minha jornada, como Cleydison Alves, responsável pela diagramação do produto didático, João Paulo Shibata e William Salisbury, que me auxiliaram na tradução, Victória Karine e Samir Rebelo, que me forneceram meios para como lidar com a pesquisa. Agradeço também à Universidade Estadual do Maranhão, por fornecer as oportunidades, especialmente o Curso de Pós-graduação e os diversos professores que lá me ensinaram e me instruíram.

Sou grato ao Brathair - Grupo de Estudos Celtas e Germânicos, que me guiou em minha trajetória acadêmica tanto na graduação, durante todo o Mestrado. Agradeço a todos os membros, como, por exemplo, Ricardo Marques, Camilla Pereira, Elisângela Coelho e Israel Rodrigues e, em especial, a minha amiga, Gabriele Damasceno.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar os pontos de contato existentes entre a História e a Literatura durante a Idade Média. Nesse sentido, utilizando o contexto de Portugal durante o final do Medievo para analisar a figura do cavaleiro, especificamente através do condestável Nuno Álvares Pereira que teve grande participação no Movimento de Avis. Intitulado como maior cavaleiro de Portugal na documentação, como *A Crónica do Condestável de Portugal* por um autor anônimo, bem como *A Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, escritos no século XV, é descrito que isso é influência de narrativas arturianas. Especificamente é dito que o Condestável foi influenciado pela figura do cavaleiro literário Galaaz da obra *A Demanda do Santo Graal*, do século XIII. Os dois carregam elementos que compõem um modelo de comportamento idealizado de cavaleiro cristão ao ponto que Nuno Álvares Pereira foi canonizado na atualidade, assim, demonstrando a influência do Medievo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ensino de História, Nuno Álvares Pereira, Literatura de Cavalaria, Galaaz, Idade Média em Portugal.

## ABSTRACT

The present work seeks to demonstrate the points of contact between History and Literature during the Middle Ages. In this sense, using the context of Portugal during the late Middle Ages to analyze the figure of the knight, specifically through the constable Nuno Álvares Pereira who had a great participation in the 1383–1385 Portuguese interregnum. Titled as the greatest knight of Portugal in documentation, such as *Crônica do Condestável de Portugal* by an anonymous author, as well as *A Crônica de D. João I*, by Fernão Lopes, written in the 15th century, it is described that this is an influence of arthurian narratives. Specifically, it is said that the Constable was influenced by the figure of the literary knight Galahad from the novel *The Quest for the Holy Grail*, from the 13th century. Both characters carry elements that make up an idealized model of behavior of a Christian knight to the point that Nuno Álvares Pereira was canonized in the contemporary era, thus demonstrating the influence of the Middle Ages in the present day.

Keywords: History Teaching, Nuno Álvares Pereira, Chivalric literature, Galahad, Middle Ages in Portugal.

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – Cavaleiro Cortês e Cavaleiro Cristão -----	44
TABELA II – Comparação entre Nuno Álvares e Galaaz -----	72

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - GALAAZ ENTRE O LITERÁRIO E O HISTÓRICO .....	15
1.1 – O papel da figura do cavaleiro.....	15
1.2 – A Matéria da Bretanha e o Cavaleiro Cortês .....	211
1.3 – Galaaaz e <i>A Demanda do Santo Graal</i> .....	29
CAPÍTULO II - NUNO ÁLVARES PEREIRA ENTRE A CAVALARIA E A SANTIDADE .....	48
2.1 – Nuno Álvares Pereira e a Dinastia de Avis .....	48
2.2 – Nuno Álvares Pereira nas documentações.....	53
2.3 – Nuno Álvares Pereira e Galaaaz.....	65
CAPÍTULO 03 – A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA IDADE MÉDIA.....	80
3.1 – A importância da desconstrução dos preconceitos a respeito do Medievo .....	80
3.2 – A trajetória do estudo de Idade Média no Brasil e no Maranhão .....	87
3.3 – As reminiscências e apropriações medievais.....	92
CAPÍTULO 04 – PRODUTO EDUCACIONAL.....	101
4.1 – As bases do Produto Didático.....	101
4.2 – Os capítulos do Paradidático .....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS .....	109

## INTRODUÇÃO

Percebe-se a necessidade de construir no ambiente escolar um método mais dinâmico no que se refere ao aprendizado da Idade Média, principalmente no que corresponde ao atual território de Portugal. Diversos materiais didáticos se voltam para ao Medievo da França ou Inglaterra, mas existindo pouca ênfase no medievo lusitano, região que influenciou diretamente o Brasil ao longo de sua formação histórica, social e cultural como país e na qual carrega reminiscências dessa época.

O período medieval é apresentado aos estudantes como uma época distante e sem qualquer proximidade com a realidade atual dos alunos, sendo tratado como uma época sem quaisquer influências na atualidade brasileira, quase como se fosse algo alienígena e que não contribuiu em nada para seu aprendizado. Assim, a presente pesquisa foi elaborada por nós pensando em atender à necessidade na sala de aula em relação ao estudo do Medievo nas escolas brasileiras com o objetivo de torná-lo mais atrativo, bem como construir nos discentes uma consciência histórica a respeito de temporalidade e que auxilia no pensamento crítico.

Deste modo, se concentrando em suprir a carência do estudo desse período histórico em sala de aula, principalmente no contexto medieval lusitano no Ensino Médio no qual existe pouca ênfase, apesar de sua ligação com o Brasil. A proposta é justamente atender essa necessidade focando em construir na mente dos alunos uma melhor noção da relação passado e presente no contexto dos estudantes. Em suma, ligando o aprendizado acadêmico e com a dinâmica escolar, no que se refere à Idade Média.

Portanto, após várias discussões se chegou ao objetivo da pesquisa atual que se propõe na construção de um material didático voltado para estudantes do Ensino Médio que tem contato com a Idade Média por volta do Primeiro Ano e já tiveram anteriormente no Sexto Ano do Ensino Fundamental. A proposta é que o produto auxilie através da reflexão sobre a forma como o Medievo é retratado no livro didático, mas também na mídia e como esse período histórico influencia a realidade. Para isso, foi pensado em se concentrar na figura dos cavaleiros, personagens da sociedade medieval que ainda influenciam o imaginário na atualidade.

Assim, foi escolhido o condestável Nuno Álvares Pereira (1360-1431), um cavaleiro lusitano histórico e que foi santificado na Contemporaneidade, assim, estabelecendo uma relação entre o passado da Idade Média e a realidade atual. Devido as características atribuídas a ele na documentação do Medievo, como a *Crónica do Condestável de Portugal*, escrita por um autor anônimo, e a *Crónica de D. João I*, escrita por Fernão Lopes, ambos do século XV. É

dito que ele possuía valores como dedicação religiosa, pureza, castidade, honra, defesa dos mais fracos, colocado como o maior cavaleiro de Portugal, bem como imbatível em combate, e foi considerado um homem santificado, sendo canonizado na atualidade, especificamente em 2009,

Segundo as fontes, Nuno Álvares utilizou Galaaz (Galahad) como um modelo de comportamento, um cavaleiro fictício da literatura arturiana medieval, a chamada Material da Bretanha, e que tinha como tema principal as aventuras do Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda. De acordo com a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, escrito na França no século XIII por um autor anônimo, Galaaz especificamente se destacava como possuindo características mais ligadas ao religioso que ao carnal, por isso, era imbatível em batalha, sendo o escolhido para alcançar o Santo Graal, ou Cálice Sagrado, artefato que representava abundância tanto espiritual quanto física.

O Condestável almejou a ser como o cavaleiro arturiano, utilizando-o como modelo de comportamento, influenciando diretamente sua imagem de cavaleiro ideal e a construção como santo na atualidade. Foi percebido durante o desenvolvimento da pesquisa que os dois possuem fortes paralelos nas fontes medievais sendo descritos com atributos semelhantes que podem demonstrar aos estudantes como valores medievais ainda permanecem como atuais. Em suma, como o passado ainda tem ligação com o presente, e ao mesmo tempo também demonstrar como a Literatura pode influenciar a História.

Ressalta-se na formação do presente trabalho que, apesar da utilização de fontes literárias, como Sandra Pesavento (2003) reforça, existe a noção de uma diferença entre História e Literatura principalmente no que se refere em como a ficção é trabalhada em cada uma. Apesar de ambas trabalharem como narrativas, a História se estabelece como uma ficção controlada, enquanto, a Literatura não possui esse compromisso.

Com isso em mente, o tema proposto perpassou para a produção de um paradidático para os estudantes compreenderem o Medieval através de um cavaleiro histórico, e para o contexto português foi escolhido Nuno Álvares Pereira. Nesse sentido, visando o aprendizado do estudante, apresentando de forma didática a figura do Condestável como um herói das crônicas e documentos medievais. Apresentando de forma criativa para os alunos como o período medieval é fundamental para a construção do mundo atual e a compreensão da realidade em que o discente vive e pode ser traçado pelo passado que influencia o presente.

Trata-se de uma continuação dos nossos estudos desenvolvidos desde a Graduação na Universidade Estadual do Maranhão e como membro do Brathair - Grupo de Estudos Celtas e Germânicos, que possuía como foco a relação entre Galaaz e Nuno Álvares Pereira. A monografia foi defendida em 2020 e foi construída como uma análise da existência de um modelo de cavaleiro ideal cristão que provém da Literatura e que podia ser observado no contexto histórico medieval lusitano. No entanto, nós observamos que isso podia ser ampliado para ser encaixado na realidade dos estudantes no contexto brasileiro, ligando o passado e o presente ao considerar que o Condestável foi canonizado na época atual.

Diante disso, o foco durante a Pós-Graduação foi planejado em se concentrar em como o aprendizado acadêmico podia ter um impacto em sala de aula, especificamente no Ensino Médio brasileiro, tópicos que não haviam sido abordados anteriormente na Graduação. Nesse sentido, esta pesquisa tem como espacialidade Portugal durante o período medieval, especificamente durante o século XV, e foi selecionado se focar principalmente no segmento da cavalaria, parte da estrutura social medieval, e que fascina o imaginário atual e na qual os alunos estão inseridos. Assim, a ideia é apresentar a Idade Média através de um cavaleiro histórico e que foi influenciado por um cavaleiro literário, se aprofundando na relação História e Literatura.

A análise proposta pela pesquisa então tem sua metodologia pautada em compreender as noções de cavalaria medieval na Literatura por Galaaz e como isso vai influenciar a História com contexto português com Nuno Álvares Pereira. Mediante a isso, o primeiro capítulo do presente trabalho intitulado "Galaaz entre o Literário e o Histórico" foi escrito para se aprofundar na figura do cavaleiro no Medieval, trabalhando seu papel na sociedade medieval, suas origens, seu desenvolvimento e principalmente a sua representação na Literatura.

Outro ponto importante aprofundado no primeiro capítulo, trata-se das narrativas arturianas, ou Matéria da Bretanha, desde suas origens até seu período de cristianização, dedicando-se a apresentar as apropriações e mudanças que ocorreram com a Literatura do Rei Artur. Além disso, foca a análise da figura de Galaaz desde sua apresentação, seu papel na Matéria da Bretanha e sua construção como um modelo de comportamento a ser seguido através de suas características que o faziam ser um cavaleiro ideal em detrimento do restante dos personagens.

Já o segundo capítulo, intitulado "Nuno Álvares Pereira entre a Cavalaria e a Santidade", tem como objetivo em se aprofundar a respeito de Nuno Álvares Pereira, explicando o

Movimento de Avis e seu papel durante esse evento histórico luso, sua caracterização nas documentações medievais, como *A Crónica do Condestável de Portugal* e *a Crónica de D. João I de Portugal*, porque foi considerado um cavaleiro exemplar e como um santo, bem como sua influência na Contemporaneidade na qual foi canonizado. Além disso, demonstrando os pontos de contatos existentes entre o Condestável e Galaaz, como são caracterizados de forma semelhante nas fontes, e como o cavaleiro português se inspirou no cavaleiro arturiano.

O terceiro capítulo da pesquisa é denominado “A importância do estudo da Idade Média”, perpassando sobre a importância do ensino do Medieval nas escolas do Brasil, algo estabelecido como fundamental para a produção do presente trabalho, bem como uma reflexão a respeito de como esse período histórico é abordado no ambiente escolar, sendo distante da vivência do estudante e não relacionado a Portugal. Sendo também abordado a trajetória das pesquisas de Idade Média no Brasil e no Maranhão, bem como as reminiscências e apropriações feitas dessa época no país.

O quarto e último capítulo trata-se de “Produto Educacional”, focando justamente no Paradidático produzido como resultado da pesquisa, passando e explicando os objetivos dele, os capítulos e como foi sua produção. Trata-se de um *E-Book*.um material didático digital, intitulado "A Idade Média e a Literatura de Cavalaria através de Nuno Álvares Pereira", voltado para estudantes do Ensino Médio servindo como complemento para o ensino de Idade Média nas escolas.

Dessa forma, a pesquisa passa por aspectos fundamentais que foram vitais para a produção do Material Didático, como o período da Idade Média, o papel e construção da figura do cavaleiro, a Literatura de Cavalaria, os modelos de comportamento atrelados às narrativas arturianas, o personagem Galaaz, o Movimentos de Avis, Nuno Álvares Pereira, crônicas portuguesas, a importância do estudo do Medieval e as reminiscências medievais no Brasil. Assim, servindo como forma de fazer o estudante refletir a respeito desse período histórico colocando-se como um sujeito no tempo, bem como compreendendo as permanências do período e como a Idade Média influenciou seu dia dia.

## CAPÍTULO 1 - GALAAZ ENTRE O LITERÁRIO E O HISTÓRICO

### 1.1 – O papel da figura do cavaleiro

Se existe algo que simboliza de forma proeminente o Medievo no imaginário atual, certamente é a figura do cavaleiro, especialmente como heróis ideais e honrados de armadura completa montado a cavalo, geralmente enfrentando obstáculos e salvando donzelas em perigo. Na realidade, muito do que se pensa dos cavaleiros de forma fantástica e idealizada atualmente, é reflexo da Literatura da própria Idade Média, por exemplo, com as novelas de cavalaria.

A Matéria da Bretanha, o conjunto de narrativas envolvendo o Rei Artur e os membros da Távola Redonda, foi um grande expoente dessa imagem dos cavaleiros através de figuras como Lancelot, Persival e Galaaz, personagens fictícios que simbolizavam de forma idealizada a cavalaria medieval. Tais figuras literárias, deveriam ser almeçadas pela nobreza cavaleiresca da sociedade do Medievo como modelos de comportamento, espelhados para representar a perfeição que deveria ser buscada por eles através de determinadas características refletidas dos personagens.

Ressalta-se que o conceito de cavalaria é mais complexo e multifacetado do que se pensa, possuindo diversos significados do que o guerreiro montado, como afirma Jean Flori (2005), a ideia de cavaleiro não existia somente o aspecto militar, mas também no social, religioso e ideológico, e também não significava apenas uma força guerreira que usava cavalos para se locomover e para batalhar.

Durante a Idade Média Central, a figura do cavaleiro não simbolizava somente uma força militar, eles possuíam um papel essencial para ideologia do Feudalismo que justificava sua presença perante a sociedade, e principalmente diante Deus. O cavaleiro não era somente um soldado, ele possuía um dever enraizado na própria religiosidade da Europa Ocidental e como os medievais interpretavam o mundo. Como denota Ana Marcia Alves Siqueira:

A palavra "cavalaria" apresenta definição difícil, tanto pela complexidade da evolução do termo no plano histórico quanto pela amplitude de ressonâncias simbólicas. Poucos termos, como este, estão ligados ao poder evocativo rico em significado no imaginário com ressonâncias em outras épocas. A partir desse cabedal, quando um jovem era considerado digno de ingressar na "ordem da cavalaria", passava a ser mais que um guerreiro montado, mas uma espécie de figura simbólica ligado ao herói errante, defensor das mulheres desamparadas, de órfãos e da igreja, conduzido por uma rígida ética de lealdade e justiça, mas também ligado à imagem de um guerreiro cruzado imbuído da missão de libertar o túmulo de Cristo das mãos dos infieis ou do aventureiro em busca de fama, riquezas e do amor de belas donzelas. Nenhum dessas imagens sozinhas é capaz de estabelecer, de modo completo, o retrato do cavaleiro tal como legado pelo medievo e por sua literatura (SIQUEIRA, 2017, p. 294).

Percebe-se então que o conceito de cavaleiro é algo complexo de ser explanado no que corresponde ao âmbito do Medievo, sendo sua retratação expandida além do seu período, alcançando uma representatividade até os dias de hoje através do imaginário. A figura do cavaleiro não se resume simplesmente a um guerreiro a cavalo, mas está atrelado diretamente a um simbolismo que se perpetuou na Literatura e passou para a História.

Desse modo, o cavaleiro da Idade Média passa a ser associado gradualmente a uma figura heroica errante, defensor dos oprimidos, mulheres e, principalmente, da Igreja. Assim, é colocado como possuindo um estrito código de honra ligado à honra e justiça, bem como responsável pelo combate contra os denominados “infiéis” pela Cristandade do período. Com isso, a cavalaria possuía uma função importante na sociedade do Medievo, seja historicamente quanto na Literatura.

A sociedade medieval feudal, segundo o pensamento dos *oratores*, era idealmente organizada de forma trifuncional, na qual existia uma distinta divisão da população em três camadas distintas, mas com isso cumprindo um significado fundamental em como o mundo deveria ser estruturado segundo a doutrina cristã da época, como discute Jacques Le Goff:

Mas o esquema que mais sucesso teve entre os clérigos e o que mais sucesso tem, actualmente, entre os historiadores, é o trifuncional que Georges Dumézil distinguiu como uma das estruturas fundamentais da cultura indo-europeia. Esse esquema reconhece a existência, no espírito e nas instituições das sociedades que são herdeiras dessa cultura, de três funções necessárias ao seu bom funcionamento: uma primeira função, de soberania mágica e jurídica, uma segunda, de força física, e uma terceira, de fecundidade. Ausente na Bíblia, surge no Ocidente cristão nos séculos IX-X e impõe-se a partir de um texto do bispo Adalberon de Laon no seu *Poème au Roi Robert (le Pieux)*, por volta de 1030. Adalberon distingue três componentes na sociedade cristã: *oratores*, *bellatores* e *laboratores*, ou seja, os que rezam, os que combatem e os que trabalham, o que corresponde ao panorama social a seguir ao ano mil. (LE GOFF, 1989, p. 15).

Como apontado na citação anterior, existia uma estrutura fundamental na visão ideológica da época em como a sociedade deveria ser organizada, aqueles que rezam, aqueles que trabalham e aqueles que lutam. Nesse contexto da sociedade trifuncional, os *bellatores*, correspondem à nobreza, simbolizando sua função como combatentes, sendo considerado pelos medievos um dever imposto pelo divino. Em suma, uma responsabilidade que os nobres deveriam exercer no mundo e que justificava a estratificação social do Medievo como uma ordem celeste considerada imutável.

Nesse contexto, aqueles que combatem, foram personificados posteriormente na figura do guerreiro montado, o cavaleiro, possuíam a função de proteger pelas armas as outras duas

classes, aqueles que rezam e aqueles que trabalham. Assim, demonstrando um dever moral acima do que seria uma simples força militar, mas uma função ordenada pelo divino que justificava a existência da cavalaria no Medievo na própria estrutura social, política, cultural, religiosa e ideológica em vigor no período.

Apesar disso, nota-se que os próprios cavaleiros apesar de representarem a principal força de combate na época inicialmente, possuíam uma origem humilde como subordinados dos nobres no início da Idade Média, entretanto, gradualmente passaram a ser integrados como parte da nobreza, adquirindo terras e privilégios. Como detalha Hilário Franco Júnior:

Os guerreiros, detentores de terras e do monopólio da violência, isto é, da força militar, tinham dupla origem. O estrato mais alto dos *bellatores* era constituído por indivíduos pertencentes a antigas linhagens. Muitas vezes essas famílias remontavam a grandes servidores, importantes personagens da época carolíngia. Assim, a verdadeira nobreza feudal era um pequeno grupo de pessoas com descendentes importantes e conhecidos. O segundo nível da camada dos *bellatores* era formado por elementos de origem humilde, armados e sustentados por um poderoso senhor, que geralmente lhes cedia uma certa extensão de terra com os correspondentes trabalhadores. Assim surgiram os cavaleiros. (FRANCO JÚNIOR, 1983, p. 37).

Percebe-se então através do trecho que, originalmente, apesar do dever de combatentes ser vinculado à nobreza, especificamente, de antigas linhagens que formavam um pequeno grupo social; os próprios cavaleiros inicialmente possuíam um estrato social humilde, mas que gradualmente adquiriram espaço e se fundiram com a figura do nobre, principalmente por seu estilo de combate característico, o montado, utilizando cavalo para fins bélicos.

Como Hilário Franco Júnior (1983) aprofunda em sua obra *O Feudalismo*, os cavaleiros gradativamente acabaram recebendo terras adquirindo mais poderes políticos e domínio sobre os camponeses. Então, o estilo de vida da cavalaria passou a imitar o da velha nobreza a quem servia. Isso se deve principalmente à superioridade da técnica de combate a cavalo que acabava aumentando o prestígio e poder dos cavaleiros. Por fim, o título *miles* (cavaleiro) foi-se se enobrecendo com apoio da Igreja e, desta forma, em fins do século XII na França, desapareceram as nítidas diferenças entre cavaleiros e nobres.

Entretanto, o vínculo da guerra com o cristianismo é por si só uma contradição, tendo em vista que os preceitos dessa religião se afastavam do teor bélico em favor de um pacifismo. Sendo assim, a figura do cavaleiro, como o responsável pela batalha na organização social, mas, principalmente, como ideal cristão, deveria ser questionável. E isso de fato ocorreu no início da religião cristã, na qual se afastava plenamente o ideal de combatente com a de um cristão, porém, gradualmente isso começou a se modificar no Medievo.

As sucessíveis invasões e guerras internas durante os séculos IX e X acentuam um fenômeno contraditório, no qual os clérigos avertem cada vez mais ao combate principalmente ao se tornarem vítimas de pilhagens nos monastérios, ao mesmo tempo, necessitam de guerreiros para se proteger. A forma para solucionar essa discordância foi definir os limites de piedade e violência, surgindo o conceito de "guerra justa" e "guerra injusta", como explica Jean Flori:

Paralelamente, desenvolvendo as ideias de Santo Agostinho, os teóricos do direito tentam estabelecer distinções mais precisas entre guerras justas e injustas. As justas têm por objetivo o restabelecimento da paz rompida por culpa do inimigo, a recuperação das terras e bens espoliados, a punição dos culpados; essas guerras devem ser empreendidas sem espírito de vingança nem esperança de lucros, e sim unicamente por iniciativa de autoridade legítima. As injustas, ao contrário, quebram a paz, atacam e pilha; empreendidas sem aval do poder legítimo, elas se assemelham a roubos ou pilhagens. (FLORI, 2005, p. 133).

Como pode ser analisado ao longo da citação, apesar de uma força militar, os cavaleiros no papel de *bellatores* deveriam seguir certos ideais vinculados às noções de “guerra justa” para atuarem, ao mesmo tempo, não realizarem as chamadas “guerras injustas”. Demonstra-se através disso que os próprios cavaleiros deveriam seguir certas diretrizes como aqueles que combatem e que determinaram seu papel na sociedade do Medievo, e especialmente aos preceitos da religiosidade cristã.

Apesar de tudo, historicamente os cavaleiros possuíam tendência de praticar constantemente as "guerras injustas" por meio de pilhagens e de conflitos feudais, sendo a Igreja uma das principais vítimas desses acontecimentos, tentou controlar essa violência em uma época de paz. Assim, iniciou-se o conceito de "Paz de Deus" a partir do século X, que buscou obter dos cavaleiros um juramento solene sob pena de excomunhão e perjúrio a justamente não praticar violência contra igrejas, membros do clero, e todos aqueles que não poderiam se defender por não portarem armas.

Diante disso, apesar de seu papel como combatentes, existe uma evidente vontade da Igreja de limitar os conflitos, especialmente buscando controlar a violência em meios as intensas guerras internas feudais. Como Jean Flori (2005) se aprofunda, é também estabelecido após a "Paz de Deus" a chamada "Trégua de Deus", visando restringir ainda mais as atividades guerreiras dos cavaleiros, como proibindo o uso de armas em certos dias específicos da semana.

O conceito de "guerra justa" ganhou novas camadas no período das Cruzadas com a Igreja sacralizando o combate contra os chamados infiéis para dominar Jerusalém, assim, assumindo um papel de “guerra santa”. Nesse contexto o cavaleiro (*miles*) passa a ser um

cavaleiro de Cristo (*miles christi*), que possuía o dever de lutar contra os muçulmanos em nome da religião cristã e teria seus pecados perdoados em caso de morte.

Diante do sucesso da Primeira Cruzada, a cavalaria também ganha um papel importante com o surgimento das ordens militares de cavaleiros, formadas para garantir a proteção de peregrinos em direção à Terra Santa e dos territórios conquistados. Como compreende Franco Cardini:

Da necessidade de se defender os territórios conquistados, de defender os peregrinos, assistir aos fracos e aos doentes, tornar, por assim dizer, «permanente» a mobilização que possibilitara a Cruzada, nasceram as ordens monástico-militares (ou religiosas-militares, religiosas-cavaleirescas), que, em muitos aspectos, se podem considerar como o produto mais característico da ética elaborada nas «ligas de paz» e do desejo dos reformadores eclesiásticos de subordinação da cavalaria aos seus programas, mas que, sob um outro ponto de vista, vão, inclusivamente nas suas consequências imediatas, muito além desses limites, na medida em que exprimem a conversio à vocação eclesial de, pelo menos, uma parte do mundo cavaleiresco europeu. Deixa, portanto, de haver subordinação e funcionalização para passar a haver identificação. (CARDINI, 1989, p. 63-64).

Através da citação, percebe-se que a dinâmica das Cruzadas permitiu a origem de ordens monástico-militares, como Templários e Hospitalários, que pode ser considerado a culminação do meio eclesiástico da subordinação da cavalaria. Diante disso, o papel do cavaleiro passa a ser vinculado mais ainda ao defensor de Cristo, e através da organização dessas ordens se atrelam ainda mais aos ideais que a Igreja almejava para os guerreiros ao longo do Medievo se tornaram, sendo atrelados ainda mais à religiosidade e moral cristãs.

O símbolo da figura do cavaleiro também possui uma dinâmica própria dependendo de sua localidade, existindo casos específicos que merecem ser ressaltados. Em Portugal, por exemplo, devido aos eventos da Reconquista, ou Cruzada Ibérica, fizeram a nobreza lutar sob o comando régio, em algumas ocasiões, mediante a remuneração e concorrendo com outras categorias sociais, como mercenários. Em suma, a assimilação entre nobreza e a profissão ligada à guerra ocorreu no reino português com relativa demora, somente durante o século XIII, a partir de então é que a nobreza passou a ser mais preceptiva aos ideais de cavalaria (SIQUEIRA, 2017).

Diante disso, percebe-se que a figura do cavaleiro passou por diversas transformações e possuía um papel fundamental na compreensão de mundo dos medievos, tendo origens inicialmente humildes até gradualmente serem vinculados à nobreza na qual originalmente serviam. Como parte da sociedade trifuncional, eram a epítome dos *bellatores*, aqueles que combatem, possuindo a função de proteger as outras duas classes, ao mesmo tempo, passaram

cada vez mais a serem vinculados à Igreja que buscava controlar a sua violência, resultando posteriormente nas ordens militares eclesiásticas das Cruzadas.

Parte da busca para controlar tal violência e ética dos cavaleiros está vinculada às narrativas literárias de cavalaria, na qual demonstravam em suas histórias personagens que deveriam personificar ideais a serem almeçados pela nobreza. Os maiores exemplos disso se encontram na chamada Matéria da Bretanha, o ciclo de contos do Rei Artur com seus cavaleiros, possuindo uma imensa popularidade ao longo da Idade Média.

Nesse sentido, personagens arturianos como Lancelot, Galaaz, Persival, Tristão, e tantos outros da Távola Redonda deveriam servir como exemplo de comportamento para os cavaleiros por personificar os ideais que a cavalaria medieval deveria demonstrar e almejar possuir. Isso pode ser especialmente visto no caso português, como explica Ana Marcia Alves Siqueira:

No século XIII, Afonso III favoreceu o florescimento de uma produção cultural efervescente nos círculos aristocráticos, quando regressou da França, trazendo juntamente com seus vassalos, os hábitos culturais nobiliárquicos de além Pirineus. Além da poesia trovadoresca, principal produção cultural das cortes aristocráticas, as novelas de cavalaria, as crônicas e a literatura moralística religiosa tornaram-se moda na corte. Na ausência de uma tradição épica autenticamente nacional, anterior ao século XIV, quando foi composta *Amadis de Gaula*, a nobreza portuguesa buscou nas novelas de cavalaria do ciclo arturiano seus modelos de heroísmo (SIQUEIRA, 2017, p. 294).

É perceptível, como visto na citação acima, que houve uma forte influência das obras de cavalaria, especialmente da Matéria da Bretanha no reino lusitano, devido a uma ausência de uma tradição épica portuguesa anterior ao século XIV. Diante disso, foi criado um modelo de heroísmo, um exemplo de cavaleiro, derivado de tal ciclo literário arturiano que diretamente influenciou ideais para a nobreza lusa da época.

Assim, é perceptível que a figura do cavaleiro foi diretamente influenciada pela construção ideal do modelo de comportamento derivado das novelas de cavalaria, demonstrando uma relação entre a História e a Literatura durante o período medieval. Entretanto, para compreender mais esse processo, antes de adentrar a como o cavaleiro literário pode ser visto e exemplificado em Portugal no Medievo, é necessário nos aprofundarmos antes com o que exatamente é a Matéria da Bretanha, o ciclo de narrativas do Rei Artur, e como passou por mudanças através dos séculos.

## 1.2 – A Matéria da Bretanha e o Cavaleiro Cortês

A figura do Rei Artur originou-se na Idade Média, passando por diversas mudanças e ressignificações ao longo do tempo, mas permaneceu no imaginário até alcançar a Contemporaneidade, principalmente através de desenhos, séries e filmes. As narrativas denominadas como arturianas, ou Matéria da Bretanha, são o coletivo de histórias e obras relacionadas ao personagem juntamente com seus cavaleiros da Távola Redonda.

Tais histórias tiveram grande repercussão e influência na Europa Ocidental durante todo o Medievo, além disso, também foram utilizadas por diferentes grupos na Idade Média como forma de buscar fortalecimento político. Percebe-se a importância nesse caso do estudo do Imaginário, como apontado por Jacques Le Goff (1994) qualquer documento que vai ser trabalhado pelo historiador sem exceção ou dúvida possui imaginário. Um documento em prosa que pode ser estudado tanto no seu conteúdo como na sua forma, nesse sentido, documentos como fonte para o historiador exprimem não apenas seu conteúdo em si, mas também em sua essência demonstram o campo do imaginário da época.

Deste modo, as fontes refletem não apenas a situações concretas, mas também expressam igualmente o imaginário acerca da cultura, administração, tempo, poder, da justiça e da sociedade. Devido a isso, percebe-se a importância do estudo da narrativa da arturiana e como suas mudanças refletem significativamente mudanças sociais, históricas e culturais da sociedade em que estavam inseridas no período medieval. Vale ressaltar que se compreende, nessa pesquisa, a definição de Pesavento (2004) que o imaginário pode ser descrito como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que a humanidade, em todas as épocas da História, construiu como forma de dar sentido para si e para o mundo.

Entretanto, é difícil formar uma fronteira exata entre História e a Literatura quando se trabalha com a Matéria da Bretanha, considerando que desde o surgimento existem dúvidas a respeito da existência histórica do Rei Artur, principalmente porque a forma na qual ele é retratado passou por diversas mudanças ao longo dos séculos. Como apontado por Zierer (2013), Artur inicialmente não era descrito como um rei, mas como um chefe de guerra celta romano, um *dux bellorum*, na obra *Historia Brittonum (História dos Bretões)* do século IX escrita pelo monge galês Nennius, o manuscrito no capítulo 56 menciona as doze batalhas vencidas por Artur contra os saxões

É importante compreender o contexto histórico que Artur inicialmente estava inserido, se foi uma figura que realmente existiu ou não, suas façanhas são traçadas no século VI onde

uma das suas batalhas ocorreu, a Batalha do Monte Badon contra os saxões, tendo em vista isso, Nennius escreveu esse documento séculos após esses acontecimentos. O *dux bellorum* era de origem de bretã, um povo celta da Bretanha na qual eram divididos em vários clãs diferentes, entretanto, a falta de unidade política entre eles causou sua conquista no século I pelo Império Romano.

Embora a Bretanha tenha sido incorporada ao Império Romano, como Zierer (2013) explica foram mantidas a língua e a hierarquia célticas, inclusive sendo construído a Muralha de Adriano para impedir ataques de outros invasores. Entretanto, com a desagregação do Império Romano Ocidental, as legiões se retiraram e os bretões foram atacados no século VI pelos saxões, um povo de origem germânica. Nesse contexto é que surge a figura de Artur como um campeão bretão que venceu os saxões em diversas batalhas e teria unificado os clãs.

No entanto, se tais afirmações são verdadeiras ou não, o fato é que os saxões dominaram a maior parte da Bretanha, com parte dos bretões se refugiando no atual território conhecido como País de Gales no qual as primeiras narrativas e a maior parte dos registros a respeito de Artur foram escritos como um símbolo de resistência. Ressalta-se que as primeiras fontes latinas sobre os bretões e a Batalha do Monte Badon não mencionam Artur, como *De Excidio et Conquestu Britanniae* (Sobre a Ruína e Conquista da Bretanha) de São Gildas, que aponta a figura de um Ambrosio Auréliano. Além disso, desde *Historia Brittonum* Artur já era uma figura cristianizada, sendo posto que teria conseguido vencer os saxões (um povo considerado pagão) usando o símbolo da Virgem Maria fixado em seu escudo.

Desse modo, percebe-se que a primeira mudança significativa a respeito da figura de Artur foi de sua transformação de chefe de guerra celta do período romano nas primeiras documentações para um monarca aos moldes medievais em contos posteriores, mas a sua própria historicidade está envolta de mistérios. A partir do século XI, entretanto, a Matéria da Bretanha passou por uma apropriação política por parte dos normandos que conquistaram a Grã-Bretanha e a passaram a utilizar a figura de Artur para fins políticos.

Nesse sentido, o personagem foi transformado em um rei guerreiro e expansionista semelhante aos próprios moldes dos reis normandos, como Guilherme, o Conquistador. Assim, a dinastia anglo-normanda se colocava como dominadora da linhagem bretã utilizado Artur como forma de justificar a dominação do território. Inserido nesse contexto no século XII, foi encomendado a obra *Historia Regum Britanniae* (*História dos Reis da Bretanha*), escrita pelo clérigo normando Geoffroy de Monmouth, em resposta a desavenças com rei da França:

Como resposta, Henrique I (1100-1135), vassalo do rei Luís VI, o Gordo (1108-1137), e rei da Inglaterra, encomendou a Geoffroy de Monmouth a história de um rei expansionista, conquistador de trinta reinos e de Roma. Artur, assim como Rolando, também combatia pela Cristandade ao expulsar os pagãos da Bretanha: os saxões, escotos e pictos, impondo o cristianismo na região (ZIERER, 2013, p. 145).

Como apontado no trecho acima, existia a intenção política em transformar a figura de Artur em um espelho do monarca ideal normando, principalmente em resposta à figura de Carlos Magno retratado em *La chanson de Roland (A Canção de Rolando)* do século XI descrito como modelo de comportamento ideal do rei francês. Assim, pode-se configurar que a Literatura e a História se conectam no período medieval, expressando modelos de comportamentos que deveriam ser almejados, bem como a apropriação de personagens como forma de fortalecimento político.

Artur é posto na obra como um campeão do cristianismo que conquistou trinta reinos e inclusive derrota o Império Romano. Além disso, ele simbolicamente vence a figura do soberano francês ao vencer Frollo governador da Gália. Portanto, os normandos em *Historia Regum Britanniae* procuravam tanto agradar a população nativa, os bretões, através de Artur, e ao mesmo tempo, fazer frente à monarquia francesa.

Como Adriana Zierer (2010) explica, os normandos logo perceberam que poderiam beneficiar-se das crenças de origem celta para seus próprios benefícios políticos como descendentes de Artur, além de valorizar o glorioso passado dos bretões ao vincular com os novos conquistadores. A obra ainda o coloca o papel do herói como campeão da cristandade e protegido pela figura de Virgem Maria, mas ao mesmo também atribui uma espada mágica Caliburn (Excalibur) forjada no Outro Mundo celta, Avalon, assim, descrevendo Artur com características ambíguas, pois detinha tanto elementos pagãos quanto cristãos.

Gradualmente Artur foi adquirindo mais membros de sua corte que se tornaram personagens relevantes nas narrativas até mesmo superando o rei em importância, originando os cavaleiros da Távola Redonda. Esse elemento aparece pela primeira vez na transformação da *Historia Regum Britanniae* de verso para o vernáculo por Robert Wace para que a obra fosse lida como um modelo da corte normando, tornando-se o *Roman de Brut* escrito em 1155, sendo apresentada como mesa redonda da qual todos os cavaleiros sentavam-se como iguais.

Com isso, a partir do século XII, a Matéria da Bretanha passou a ser apropriada pela nobreza em detrimento da realeza, com Artur tornando-se um personagem mais secundário. Em contrapartida, seus cavaleiros ganharam mais destaque, pois eram construídos como ideais de

comportamento da nobreza. Além disso, era considerados iguais entre si pela característica da mesa em que se sentavam, como explana Le Goff:

[...] rei Artur, chefe dos bretões da Grã-Bretanha. Em torno dele, a imaginação dos contadores teceu uma história que conquistou um enorme sucesso: a dos doze cavaleiros da Távola Redonda. É uma história que prodigiosamente encantou os homens e as mulheres da Idade Média, entre outras coisas porque é fundada sobre uma rígida igualdade entre os cavaleiros: uma igualdade que é expressa por um achado muito simples: eles sentam em volta de uma "mesa redonda", uns dos lados dos outros, sem que exista entre eles a menor hierarquia. (LE GOFF, 2007, p.30).

A citação demonstra que a narrativa dos cavaleiros da Távola Redonda obteve um enorme sucesso durante a Idade Média entre homens e mulheres, onde esses heróis faziam façanhas incríveis na Literatura influenciando o Imaginário da época. Além disso, os personagens realizam grandes façanhas de cavalaria e, por se sentarem a uma mesa redonda, eram iguais entre si em valores e força. É válido destacar que o grupo se expandiu cada vez mais durante todo o Medievo, a ponto de que, dependendo da história, o número muda significativamente, sendo de doze até mesmo mais de duzentos membros registrados.

Uma das principais obras que reflete a figura do cavaleiro arturiano ideal é *le Chevalier de la Charrette (O Cavaleiro da Carreta)*, escrito aproximadamente entre 1176 e 1181, pelo clérigo francês Chrétien de Troyes, que retratava as aventuras do cavaleiro Lancelot como o modelo de comportamento a ser buscado pela nobreza. O personagem que não estava presente nas narrativas anteriores é apresentado na obra como um herói ideal, o maior cavaleiro do mundo, e era imbatível em combate devido ao seu amor por Genevra (Guinevere), a rainha e esposa de Artur, demonstrando o que pode ser considerado um modelo de cavaleiro cortês.

A partir do século XII as narrativas de cavalaria, especialmente as histórias arturianas, passam a destacar o amor cortês no qual o cavaleiro ideal tinha como máxima não o dever com o senhor, mas como serviço de uma dama. Dessa forma, o amor e os caprichos da donzela amada eram a força-motriz que movia o cavaleiro, sendo o que pode ser considerado como uma vassalagem amorosa:

Trata-se do amor exclusivo, total, apaixonado que um jovem cavaleiro devota a uma dama de uma posição mais elevada que a sua, na maioria das vezes casada, às vezes com seu próprio senhor. As convenções sociais religiosas levam então esse amor a assumir um caráter secreto, pleno de fantasmas; ele se assimila a uma ardente devoção, expressa em termos de vassalagem: a vassalagem amorosa. A dama, por pudor e moderação, por escolha também, impõe provas a seu pretendente, uma demora que retarda o momento da realização. Esse amor adúltero não é de forma alguma platônico (FLORI, 2005, p.146).

Como pode ser observado, o amor cortês era caracterizado através da imensa devoção do cavaleiro à dama que normalmente era casada e geralmente com seu próprio senhor, e isso foi um tema popular presente na Matéria da Bretanha, como é caso de Lancelot e Genevra, no qual o cavaleiro ideal possuía um caso de amor com a própria esposa de seu rei. O herói em *le Chevalier de la Charrette* é constantemente colocado em provações nas quais testam seu amor por donzela, seja por capricho dela ou não, e que no fim levam a relação carnal entre os dois.

Diante disso, tais narrativas do amor cortês alcançaram imensa popularidade no Medievo a partir do século XII, colocando a figura do cavaleiro como o ideal de comportamento que a nobreza deveria alcançar. E acima de tudo, o destaque recebido pela Távola Redonda ao invés da figura de Artur, também demonstravam a utilização da Literatura como forma de fortalecimento político.

Nesse cenário, a figura da mulher, a senhora, como é caso de Genevra para Lancelot, passa a ter um papel fundamental em tais narrativas, convertendo um papel de vassalagem que deveria ser entre vassalo e seu senhor, para se tornar um papel de subordinação perante o amor da amada do cavaleiro. Dessa forma, as relações feudais passam a ter um novo significado na novela de cavalaria de caráter cortês, especialmente as vinculadas à Matéria da Bretanha, como Javier Roberto González destaca nesse trecho a seguir:

[...] muito mais notadamente, nas novelas de cavalarias de matéria artúrica, até o ponto de acrescentar ao inicial dever de *auxilium* e *consilium* para com o senhor um novo dever, agora de serviço amoroso para com a “senhora”, a dama, com o qual aquela virtude heroica inicialmente feudal se redefine como cortês. A mulher, e a par dela o vasto mundo da intimidade e da relação entre os sexos, fazem assim sua fulgurante aparição na ficção heroica e reformulam um tipo de vassalagem até então puramente masculino, até convertê-lo em outro serviço mais rico e profundo, de natureza mista masculino-feminina: os cenários para as façanhas e para a manifestação das virtudes do herói já não serão apenas a guerra e a política, mas também, junto a estas, o amor, a alcova, a festa e os jogos, formas e ocasiões, todas elas, de uma sociabilidade ampliada e tornada complexa. (GONZÁLEZ, 2013, p.207-208).

Nesse sentido, é importante destacar que o cavaleiro cortês, como afirmado na citação, em suma possuía um serviço amoroso em relação a sua donzela amada como forma de demonstrar suas façanhas de combate. Percebe-se, então, que a figura do cavaleiro não é limitado à figura de guerra ou polícia nesse contexto literário, mas uma sociabilidade ampliada em favor de sua dama e na qual era o motivo de realizar seus deveres como cavaleiro.

Dessa forma, personagens como os cavaleiros Tristão e Lancelot, demonstrariam em batalha, a profundidade de seus sentimentos por suas damas, Isolda e Genevra, que eram casadas, suas capacidades em batalha. Eles eram campeões de suas amadas, imbatíveis em combate, como forma de se provarem dignos do seu amor, ao mesmo tempo que se encontravam em um dilema por estarem traindo seus senhores, os esposos delas. Ressalta-se que não eram apenas uma relação amorosa platônica, nos dois exemplos é colocado de forma explícita na narrativa que os casais tinham relações carnavais nos seus casos de amor.

Em relação a isso, Christiane Marchello-Nizia (1996) esclarece em seu artigo *Cavalaria e Cortesia*, pode-se considerar que a invenção da relação cortês permite, entre outras coisas, tornar menos clara a dependência econômica do jovem cavaleiro em relação ao seu senhor. A dama casada de alta posição detém a possibilidade de ajudar o cavaleiro que a ama e que ela ama de volta. Assim, nessa Literatura, como compreende a figura de Lancelot, é essencial a função da donzela amada em fornecer apoio social e financeiro. Outro fato importante é que o amor do cavaleiro e de sua senhora não tem finalidade de procriação apesar de carnal, sendo uma relação estéril, caso contrário, desarranjaria a linhagem.

Nesse contexto, Artur passa a ser uma figura mais secundária, mas ainda exercendo um papel vital nas histórias em que seus cavaleiros possuem mais destaque como combatentes invencíveis, através do amor por suas donzelas. Diante disso, diferente de suas primeiras representações, o monarca é retratado mais como um juiz do que como um personagem ativo no campo de batalha, características que passam a ser retratadas por seus cavaleiros, enquanto, ele permanece em sua corte.

Tais características retratadas no romance cortês de cavalaria a intenção da nobreza era garantir o fortalecimento político construindo um modelo de cavaleiro cortês que deveria ser almejado em detrimento da própria figura do rei, no caso, Artur. Assim, percebe-se que durante esse período a Literatura de cavalaria possuía como principal público alvo a nobreza medieval como forma de propagar um modelo ideal de comportamento.

Entretanto, posteriormente, a partir do século XIII o modelo de cavaleiro ideal na narrativa arturiana passa por mudanças significativas com a cristianização da Matéria da Bretanha. A Igreja se apropria das histórias do ciclo arturiano como forma de propagar outro ideal de cavaleiro em contraste com o cavaleiro cortês, isso é, o cavaleiro cristão ideal. Diante disso, Lancelot, Tristão e outros cavaleiros passam a não ser exemplos ideais a serem seguidos, mas pecadores diante da visão religiosa cristã.

A Matéria da Bretanha passou por diversas mudanças e determinou modelos específicos a serem seguidos ao longo dos séculos e que historicamente afetaram a aristocracia da época. Portanto, percebe-se que a Literatura de cavalaria teve um impacto significativo na sociedade da época, afetando diretamente a História durante o período medieval, como observado por Franco Cardini:

Os séculos XII e XIII, que, tradicionalmente, costumam ser apontados como o auge da época equestre na nossa Idade Média, assinalam, sem qualquer dúvida, uma espécie de vitória da cavalaria. Poetas, tratadistas e até teólogos e hagiógrafos parecem não falar de outra coisa; cronistas e pintores reflectem constantemente o esplendor das cerimónias do revestir da armadura; a alta aristocracia e mesmo o rei abandonam os seus títulos gloriosos para se ornarem simplesmente — e foi o caso de todos os grandes monarcas da época, desde Ricardo Coração de Leão a S. Luís — com o título de cavaleiro (CARDINI, 1989, p.68).

Como demonstrado acima, a figura do cavaleiro na Literatura Medieval teve uma grande influência em figuras históricas durante o período medieval, ocorrendo um verdadeiro fenômeno que influenciou nobres, mesmo monarcas, a se considerarem cavaleiros. Dessa forma, mostrando a influência de tais narrativas cavaleirescas tendo impacto imediato na realidade histórica do medievo e que construíram uma forma idealizada do que seria um cavaleiro.

Tais valores construídos na Literatura serviam como guias para a sociedade nobre da época, especificamente os jovens que deveriam se espelhar nesses exemplos durante a Idade Média. E isso é evidente especialmente nas narrativas de cavalaria, principalmente envolvendo a Matéria da Bretanha, na qual o modelo de cavaleiro cortês, como o personagem Lancelot, deveria simbolizar o ideal que o homem jovem nobre deveria almejar na época.

Diante disso, apesar de tais características atribuídas a personagens fictícios serem difíceis de replicar, não necessariamente refletindo o que a juventude medieval era de fato, eram populares entre eles e também eram almejadas por eles. Como destaca Christiane Marchello-Nizia neste trecho:

Nem todo jovem na Idade Média é necessariamente corajoso como Roland ou um amante cortês como Lancelot ou Tristão. Mas sem dúvida ele teria ouvido o nome e talvez a história desses heróis épicos e cortesões cujas aventuras percorrem toda a Idade Média, ornando até mesmo os vitrais ou os capitéis das igrejas, heróis que sempre são jovens, ou pelo menos homens que possuem as qualidades da juventude. (...) Ora não há dúvida de que, entre os séculos XI e XVI, essencialmente duas noções dominam a literatura européia, ligadas ao amor e à proeza: a cavalaria e a cortesia.

É através do estudo desses temas que podemos, pelo menos em parte, compreender o sistema de valores, ainda que imaginário, que guiava a vida desses jovens tão distantes... (MARCHELLO-NIZIA, 1996, p.140).

É perceptível através da citação anterior, que as narrativas de cavalaria dominaram a Europa durante a Idade Média, especialmente entre a juventude através da cavalaria e cortesia, sendo vistas como forma deles se identificarem ou seguirem como modelo. E sobretudo, é válido destacar que o estudo de tais obras, como aquelas partes da Matéria da Bretanha, é de grande importância para a compreensão do imaginário do medieval, especialmente dos jovens do período.

Com isso, nota-se que ao longo da Idade Média Central as narrativas do ciclo arturiano foram se moldando conforme as necessidades de uma parte específica da sociedade medieval como forma de construir modelos de comportamento para seus próprios fins políticos. Assim, primeiramente Artur foi de um líder militar celta romano em *Historia Brittonum* campeão dos bretões como manifestação de um símbolo de esperança que esse povo conseguiria se sobressair e vencer os saxões, fato que nunca ocorreu historicamente.

Entretanto, a figura de Artur em *Historia Regum Britanniae* passa a ser de um monarca conquistador aos moldes normandos para uma legitimação da conquista da região da Grã-Bretanha como continuadores da linhagem de Artur. Entretanto, posteriormente, são criados os cavaleiros da Távola Redonda que com o passar das narrativas foram adquirindo mais destaque que o governante.

Isso culmina em *le Chevalier de la Charrette* no século XII onde Lancelot é o cavaleiro ideal e o campeão da esposa de Artur, com quem possuía um relacionamento romântico, enquanto o rei se transforma em apenas um mediador e personagem secundário. Assim, demonstrando importantes mudanças que ocorreram durante o Medieval a respeito da Matéria da Bretanha por meio do fortalecimento político de determinadas camadas sociais e como se constituiu a figura do cavaleiro cortês como um modelo de comportamento ideal para nobreza. Posteriormente, entretanto, a partir do século XIII a narrativa arturiana passa por um processo de cristianização, fazendo surgir um novo modelo de comportamento ideal em favor das morais pregadas pelos preceitos da Igreja e da religiosa cristã medieval.

### 1.3 – Galaaz e *A Demanda do Santo Graal*

A partir do século XIII a Matéria da Bretanha passa por mudanças significativas ao ser apropriada pela Igreja como forma de inserir os ideais do cristianismo no núcleo da cavalaria da época. Diante disso, as narrativas arturianas passam a se tornar uma forma de refletir determinadas características religiosas e morais que o clero defendia como um modelo de comportamento que deveria ser almejado pela cavalaria do Medievo.

No primeiro momento, Artur era a figura central nos relatos do ciclo arturiano e era retratado como um poderoso rei guerreiro, como ocorre em *Historia Regum Britanniae*. No segundo o momento, os membros da Távola Redonda como Lancelot em *le Chevalier de la Charrette* possuíam um maior destaque por meio do amor cortês e como o ideal de cavalaria. Mas durante o processo de cristianização da Matéria da Bretanha, o monarca vai ser considerado uma figura pecadora e condenável diante da moral religiosa, juntamente com os cavaleiros do amor cortês que eram exaltados nas histórias anteriores.

A principal obra que exprime esse momento é a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal* (*La Queste del Saint Graal*), escrita por um autor anônimo na França durante o século XIII. Através do seu personagem principal, o cavaleiro Galaaz, surge um novo modelo de comportamento que deveria ser almejado em detrimento do modelo cortês, apresentando em destaque mais o espiritual e o religioso, e condenando as relações carnavais e amorosas das narrativas anteriores, por exemplo, a relação de Lancelot e Genevra.

É importante também destacar as especificidades da versão portuguesa desta obra arturiana em relação a suas demais versões existentes, sendo a tradução que utilizamos para o presente trabalho, trata-se de uma versão adaptada para a língua portuguesa moderna pelo professor Heitor Megale durante o século XX. A edição lusitana é a união de outras três obras de cavalaria pertencentes às histórias da Matéria da Bretanha. Não apenas a novela de cavalaria em questão possui uma grande influência e sucesso no território português, mas a edição lusitana também possui certos complementos significativos e algumas diferenças na narrativa de acordo com os registros.

No caso, *A Demanda do Santo Graal* portuguesa é a união do romance original do século XIII de mesmo título *La Queste del Saint Graal*, mas em conjunto com a obra *Le Morte d'Arthur*, de Thomas Mallory. Além disso, também condensando alguns certos elementos do

ciclo *Tristan en Prose* que destaca as façanhas do cavaleiro da Távola Redonda, Tristão, e seu romance proibido com Isolda (ZIERER, 2016, p.11).

Portanto, atualmente, *La Queste del Saint Graal* está parcialmente preservada em francês antigo e em castelhano, mas com a possível versão mais completa em português sendo *A Demanda do Santo Graal*. Isso pode ser constatado por meio de um manuscrito sobrevivente de uma cópia do século XV do reinado do rei lusitano Duarte I que está preservada na Biblioteca Nacional de Viena.

Apesar disso, através de uma análise linguística e histórica, sabe-se que provavelmente a tradução original do francês para o português dessa novela de cavalaria arturiana foi realizada por um clérigo chamado Bibas ou registrado também como Vivas. Isso ocorreu durante o reinado e a pedido pessoal do monarca lusitano Afonso III. Desse modo, *A Demanda do Santo Graal* adentrou e foi traduzido para Portugal durante século XIII, assim, no mesmo século em que a obra foi escrita na França por um autor anônimo.

A trama central da novela de cavalaria é a missão de recuperar o Santo Graal, o Cálice Sagrado, a taça usada por Jesus Cristo na Última Ceia e que contém Seu sangue coletado durante a crucificação. A relíquia santa aparece em uma visão para os mais de cem cavaleiros da Távola Redonda durante o Pentecostes, mas desaparece devido aos pecados da corte arturiana, assim, iniciando a missão de encontrá-lo, como pode ser observado nessa passagem da obra:

E quantos no paço estavam sentados, logo todos foram repletos da graça do Espírito Santo e começaram a olhar uns aos outros, e viram-se muito mais formosos, muito mais do que costumavam ser, e maravilharam-se muito do que aconteceu e não houve quem pudesse falar por muito grande tempo, antes estavam calados e olhavam-se uns aos outros. E eles assim estando sentados, entrou no paço o santo Graal, coberto de um veludo branco; mas não houve um que visse quem o trazia. E assim que entrou, foi o paço todo repleto de bom odor, como se todos os perfumes do mundo lá estivessem. E ele foi para o meio do paço, de uma parte e da outra, ao redor das mesas. E por onde passava, logo todas as mesas ficavam repletas de tal manjar, qual em seu coração desejava cada um. E depois que teve cada um o de que houve mister a seu prazer, saiu o santo Graal do paço que ninguém soube o que fora dele, nem por qual porta saíra (*A Demanda do Santo Graal*, 1989, p. 41).

Nesse sentido, o Graal se manifesta como uma representação do Divino, concedendo tanto abundância física quanto espiritual para aqueles que entram em contato com a relíquia sagrada. A partir de então, ao longo da trama os cavaleiros passam por uma série de desafios e provações que testam, especialmente sua fé, fazendo, então, a missão dos membros da Távola Redonda uma jornada espiritual e não mais carnal.

O personagem principal da obra, Galaaz, não existia nas histórias arturianas anteriores, mas a partir do século XIII passa a ter maior importância que o Rei Artur e Lancelot, esse último que é descrito como seu pai. O protagonista através de suas qualidades, como sua pureza, dedicação religiosa, castidade, espiritualidade, bondade, honra, é o verdadeiro escolhido dos cavaleiros da Távola Redonda para alcançar o Cálice Sagrado, sendo descrito como a epítome do exemplo de "bom cavaleiro" em *A Demanda do Santo Graal*.

É revelado durante a obra que a missão de recuperar o Santo Graal servia com o propósito de separar os “bons cavaleiros” e os “maus cavaleiros”, em suma, aqueles considerados virtuosos e os caracterizados como pecadores de acordo com a moral da fé cristã e os interesses da Igreja. Isso pode ser observado no seguinte trecho:

Tanto quer ser como buscar as maravilhas da santa Igreja e as coisas escondidas e as maravilhas e os grandes segredos que Nosso Senhor não quis outorgar que alguém os achasse que estivesse em pecado mortal. A demanda do santo Graal é, pois, que ele separou os bons cavaleiros dos maus, como o grão da palha. E quando ele separar os luxuriosos dos bons cavaleiros, então mostrará a estes homens bons e a estes bem-aventurados as maravilhas que andam buscando do santo Graal (*A Demanda do Santo Graal*, 1989, p. 140).

Portanto, é perceptível através do enredo em questão que a narrativa da busca pelo Santo Graal na verdade se centra em caracterizar um certo modelo de comportamento por meio do “bom cavaleiro”, o que deveria ser o ideal segundo os preceitos da Igreja, assim demonstrando certos aspectos e características que deveriam fundamentar esse modelo. Em contraste a um exemplo negativo, o “mau cavaleiro”, nesse sentido, uma figura que não deveria ser almejada que por meio dos seus pecados não era digno do Cálice Sagrado e das maravilhas do Celeste representados em sua presença.

É interessante ressaltar que Galaaz torna-se um contraste em relação à figura de seu pai Lancelot nas histórias anteriores, pois enquanto um simboliza o ideal do cavaleiro cortês, favorecendo a donzela acima de tudo, no caso seu caso com Genevra que o leva à vassalagem amorosa, o cavaleiro ideal cristão favorece o espiritual acima do carnal:

A diferença básica entre o cavaleiro cortês e o cristão é que o primeiro deve provar seu valor através de uma série de aventuras capazes de enobrecê-lo. A aventura dá sentido à ação do cavaleiro. Ele deve testar continuamente sua valentia e força, por merecer o amor de determinada dama. Lancelot do Lago é quem melhor expressa esse modelo de cavaleiro cortês. No *Cavaleiro da Carreta*, fará qualquer ato para

provar seu amor a Guinevere, inclusive sendo joguete dos caprichos da dama que, ao reconhecê-lo num torneio, coloca-o à prova pedindo que perca os combates para, em seguida, pedir-lhe que os ganhe. Já o modelo do cavaleiro cristão proposto na *Demanda do Santo Graal*, através de Galaaz, realiza façanhas voltadas para um propósito não mais carnal e sim espiritual. (ZIERER, 2012, p.39).

Percebe-se diante disso que a Igreja através de Galaaz buscava criar um novo modelo de comportamento que deveria ser almejado em contraste a Lancelot e o amor cortês promovido nas narrativas arturianas anteriores que passa a ter um teor negativo que anteriormente não exista na Matéria da Bretanha. Diante disso, a jornada de *A Demanda do Santo Graal* favorece mais os aspectos religiosos da fé cristã dos personagens em favor de Deus para alcançar o Cálice Sagrado, em contraste com aqueles que são caracterizados de forma negativa, como Lancelot e a maioria dos outros membros da Távola Redonda, são postos como pecadores por conta de estarem mais ligados ao carnal que ao espiritual.

Descrito como exemplo de cristão ideal, Galaaz é retratado ao longo da trama como possuindo forte religiosidade, jurando virgindade eterna, possuindo um celibato clerical, além disso, constantemente ora e jejua. O cavaleiro não pecava nem mesmo em pensamento, e, por razão disso, é favorecido pelo Divino, nunca perdendo uma batalha por conta de sua espiritualidade e até mesmo não morrendo, mesmo ingerindo veneno.

Uma das suas principais características na obra, era utilizar uma vestimenta de espinhos como forma de se manter puro e não ser tentado pelo terreno. Isso está muito vinculado à ideia de pureza material e física como forma de não cair em tentação, mas também era ligado à concepção do que seria santidade, como aprofundado por André Vauchez:

O amálgama que se operou então entre o ideal monástico e a perfeição cristã, marcaria de modo duradouro as representações da santidade na mentalidade comum. Até o século XIII, pelo menos, os fiéis considerariam espontaneamente como um santo todo homem ou toda mulher que renunciasse à vida mundana para levar uma existência austera e dominar seu corpo pelo sofrimento voluntário (VAUCHEZ, 1995, p.63).

Como expõe a citação, o cavaleiro renunciou a uma vida mundana e isso era expresso até mesmo com sofrimento autoimposto, mostrando como alguém santo e escolhido por Deus que abandonou as tentações físicas em prol do Celeste. Isso demonstra que as características de Galaaz atuavam como modelos ideais ligados à espiritualidade e à santidade do período medieval.

Ele demonstra como o maior dos "bons cavaleiros" e o principal escolhido para alcançar o Santo Graal de diversas formas diferentes também na obra, como sendo o único que pode se sentar no assento perigoso da Távola Redonda, destinado apenas ao eleito e, caso alguém tentasse além dele, morreria. Outro ponto é que Galaaz, semelhante a Artur em relatos anteriores, também retira uma espada da pedra que simbolizava o escolhido para completar a busca pelo Cálice Sagrado.

É notável destacar que apesar da narrativa de *A Demanda do Santo Graal* reforçar constantemente sua pureza, Galaaz foi originado de um relacionamento pecaminoso, pois Lancelot não era casado com sua mãe durante a sua concepção, o tornando um filho ilegítimo. Apesar disso, o personagem é destinado para provar as suas virtudes e os seus valores acima dos outros cavaleiros, isso pode ser notado na seguinte passagem da novela de cavalaria:

Porque Deus que te fez nascer em tal pecado como sabes, para mostrar seu grande poder e sua virtude, te outorgou, por sua piedade e pela vida boa que começaste desde a infância até aqui, poder e força e bondade de armas e bravura sobre todos os cavaleiros que, em qualquer época, trouxeram armas no reino de Logres; assim darás cabo a todas as outras maravilhas e aventuras em que todos os outros falharam e falharão. E por isso quero todos os teus feitos saber, a que darás cabo tu, que foste feito em tal pecado, e a que os outros não puderam chegar que foram feitos em leal casamento (*A Demanda do Santo Graal*, 1989. p. 27).

Percebe-se nessa passagem que o cavaleiro apesar de ser nascido mediante a um pecado, foi uma atitude colocada por Deus também para mostrar seu valor, seu poder e sua virtude mesmo através de suas circunstâncias, assim, são colocado não apenas como um atributo que deveria ser superado, mas para mostrar sua pureza mesmo mediante disso. Assim, Galaaz é caracterizado com atributos positivos ligados à fé cristã, apesar do seu nascimento impuro, sendo proeminente nas armas e em bravura, destinado a ser o maior cavaleiro de sua época, que vai conseguir o que outros falharam mesmo que eles tenham nascidos de casamentos legítimos.

Outros elementos que destacam o personagem como aquele que vai ser sucedido na missão de encontrar a relíquia sagrada e como o maior cavaleiro do mundo no enredo é o fato de conseguir retirar a espada da estranha cinta sem danificar o estojo frágil em que estava guardada, sendo em essa arma associada ao rei bíblico Davi em outras versões da obra e na qual é ancestral de Galaaz. Tal armamento possui seu cinto feito dos cabelos de uma virgem, a Heroína do Graal, irmã de Persival, e só poderia ser retirado pelo cavaleiro mais virtuoso e o maior do mundo, destacando o papel dele na missão de encontrar o Santo Graal.

Na realidade existem muitos paralelos que ligam o cavaleiro a figura de maior modelo do cristianismo, o próprio Jesus, na qual é colocado como o messias que era descendente de Davi tal como cavaleiro. Nesse sentido, *A Demanda do Santo Graal* destaca que o personagem possui vários paralelos com Cristo ao longo da narrativa. Como explica Jean Flori (2005), Galaaz nasce para substituir Lancelot como o eleito para o Santo Graal, tendo nascido de uma virgem que tomou o lugar de Genevra por meio de um encantamento. Isso torna ele um salvador que, semelhante a Jesus, nasceu de uma virgem pura como uma alusão a figura de Maria.

Outros momentos da trama reforçam os paralelos do personagem com Cristo, como ele conseguir exorcizar um demônio, curar uma leprosa usando sua vestimenta e também fazer um paralítico andar, milagres análogos aos feitos de Jesus na bíblia. Além disso, Galaaz também é o responsável por converter o cavaleiro muçulmano Palamades ao cristianismo. Suas qualidades não se limitam apenas a espiritualidade, mas também a questão física referente a sua aparência, sendo descrito como possuidor de grande beleza, por exemplo. Isso demonstra que personagem é considerado belo tanto externamente quanto internamente, não como uma forma de vaidade pessoal, mas para enfatizar a natureza pura de sua alma.

Na realidade por tal beleza espiritual e física Galaaz, apesar de seu juramento de castidade e virgindade eterna perante sua fé cristã, atrai os outros no sentido romântico e carnal, mas mesmo diante disso o cavaleiro não cede. Em um determinado episódio da obra a filha do rei Brutos, se apaixona pelo personagem e se interessa por sua beleza, deste modo, almejando se deitar com ele e ter relações sexuais, sendo uma das provações que ele é imposto para provar que era digno de ser alcançar o Santo Graal.

Diante da situação, Galaaz não cede, demonstrando ser de fato um cavaleiro cristão ideal, veemente nega ter relações carnis com a donzela e também qualquer interesse amoroso, rejeitando educadamente a filha do Rei Brutos e reforçando seu comprometimento religioso e sua pureza espiritual, e conseqüentemente com o seu juramento de eterna castidade, como pode ser visto na seguinte passagem:

Ai, donzela! Quem vos mandou aqui certamente mau conselho vos deu; e eu cuidava que de outra natureza éreis vós. E rogovos, por cortesia e por vossa honra, que vos vades daqui, porque, com certeza, o vosso louco pensar não entenderei eu, se Deus quiser, porque mais devo recear perigo de minha alma do que fazer vossa vontade (*A Demanda do Santo Graal*, 1989, p. 100).

Como pode ser compreendido no trecho acima, Galaaz recusa-se a se deitar com a donzela, justificando que está mais atrelado à natureza religiosa de Deus do que com as relações, assim, demonstrando novamente que é um cavaleiro mais ligado ao espiritual que o material. Isso contrasta especialmente com Lancelot que como cavaleiro ideal cortês nas narrativas arturianas anteriores deveria ser subserviente a sua amada, Genevra, e atender suas vontades como seu campeão.

A pureza e compromisso religioso de Galaaz é testada novamente no acontecimento posterior em que após a rejeição a filha do Rei Brutos fica indignada e tenta se matar como forma de pressionar o cavaleiro a se deitar com ela. Por um momento considerado a vida da donzela e sua honra cavaleiresca o herói quase aceita a proposta, mas a dama falece por intervenção do Divino para que Galaaz não cometa o pecado, reforçando seu papel como escolhido e abençoado por Deus.

Com a morte da donzela, uma sequência de combate se inicia com Galaaz e seu companheiro, o cavaleiro chamado Boorz, contra o exército inteiro do rei Brutos, acreditando que eles são os responsáveis pelo falecimento de sua filha. No entanto, ambos são abençoados por Deus, então conseguem vencer os combates, demonstrando que forças divinas estavam ao seu lado e que eram inocentes no ocorrido e o monarca aceita o ocorrido.

Isso reforça a caracterização de Galaaz nesse momento da Matéria da Bretanha como um modelo de cavaleiro cristão ideal, em suma, sendo caracterizado por suas virtudes ligados a fé cristã e que a Igreja buscava implementar no núcleo da cavalaria. Por sua dedicação religiosa o personagem era imbatível em combate e capaz de realizar milagres, sendo um paralelo de Cristo, assim, reforçando seu papel como abençoado por Deus.

Considerando o contexto das Cruzadas, o personagem Galaaz também está entrelaçado com o conceito de Cavaleiro de Cristo (*miles christi*), pois suas façanhas enfatizam noções para os cavaleiros almejarem seguindo os dogmas religiosos de possuírem respeito dos pela Igreja e a colocar a sua violência direcionada contra os não-cristãos (ZIERER, 2012). O personagem, por exemplo, possui um escudo branco com uma cruz vermelha, feita com o sangue de Josefes, filho de José de Arimatéia, um personagem bíblico. Assim, o escudo se constituiu como um paralelo direto ao símbolo dos cruzados e das ordens militares de cavalaria como os Templários.

Percebe-se, então, que um dos temas centrais presentes em *A Demanda do Santo Graal* trata-se do eterno e constante conflito entre as forças do bem e do mal, assim, todos aqueles que participam da busca pelo Cálice Sagrado de alguma forma passam por provações que testam

sua fé e seus valores como cavaleiro. Galaaz como aquele que nunca cai em tentação e comete o pecado, superando todos os desafios que são impostos durante a obra e alcançando a relíquia sagrada simboliza a vitória de Deus contra o Diabo.

Dessa forma, Galaaz simboliza o cavaleiro cristão ideal que a Igreja estabeleceu para a cavalaria se inspirar, obtendo na narrativa vitória contra os oponentes por meio suas características positivas ligadas à sua castidade, virtude, bondade, religiosidade, pureza, lealdade, espiritualidade e castidade. Nesse sentido, ele nunca comete pecado, nem mesmo em pensamento ou diante de vários testes durante a missão, além disso, Deus está constantemente interferindo ao seu favor.

Devido a todos esses fatores no final da novela de cavalaria Galaaz e o Santo Graal são arrebatados juntos para Paraíso pelos anjos, não possuindo uma morte física, mas uma elevação espiritual. Paralelamente o enredo coloca o reino arturiano entrando em um profundo declínio, morrendo diversos cavaleiros e com a Távola Redonda sendo destruída, simbolicamente também marcando um para fim a cronologia das narrativas da Matéria da Bretanha.

Ressalta-se que apesar de ser o principal escolhido, Galaaz não é o único dos eleitos, ele é acompanhado por duas outras figuras, Persival e Boorz que também conseguem terminar a jornada junto dele na busca pelo Santo Graal, mas mesmo entre eles o protagonista se mostra superior espiritualmente. Isso se deve ao fato que independente se o cavaleiro é “bom” ou “mau” nos termos da obra, todos são igualmente testados e passam por provações, mas diferente de Galaaz seus dois companheiros se mostram como não completamente puros.

Enquanto Persival e Boorz chegam a cair em tentação, Galaaz se destaca por superar as provações e não cometer pecado. Portanto, ele é considerado como o ideal de cristão perfeito *A Demanda do Santo Graal*, pois não demonstra possuir desejos sexuais, se abstendo do carnal e se concentrando no espiritual, possuindo uma superioridade não apenas entre os pecadores, os “maus cavaleiros”, mas também em relação aos outros dois escolhidos, destacando-se como o maior dos “bons cavaleiros”.

Por exemplo, durante um determinado momento da trama, Persival acaba passando por uma provação durante sua jornada semelhante a que Galaaz vivenciou com a filha do rei Brutos. O cavaleiro encontra uma belíssima donzela grega, mas acaba caindo em tentação ao se apaixonar por ela, mas Deus intervém o impedindo de cometer o pecado, como pode ser visto nesse trecho:

E pareceu-lhe que aquela voz fora tão forte, que deveria ser ouvida por todo o mundo; e caiu esmorecido por terra, e ficou assim muito tempo. E depois acordou e olhou ao redor de si e viu a donzela rir, porque vira que tivera medo. E quando a viu rir, espantou-se e logo entendeu que era o demo que lhe aparecera em semelhança de donzela para o enganar e o meter em pecado mortal. (*A Demanda do Santo Graal*, 1989, p. 155).

Como pode ser observado acima, apesar de Deus interferir em ambos os casos, Galaaz estava comprometido quase a se deitar com a filha do rei Brutos para tentar salvar a vida dela, pois ela ameaçou se matar caso recusasse novamente, além disso, o cavaleiro desde o início rejeitou a proposta da dama. Por outro lado, na situação de Persival ele por espontânea vontade buscou se relacionar com a donzela grega, não hesitando e quase pecando, sendo necessário Deus diretamente salvá-lo revelando que a mulher se tratava de um demônio disfarçado.

Em suma, Galaaz quase comete o pecado, não por vontade própria, pois explicitamente rejeitava os prazeres carnavais, mas seguindo o código da cavalaria e não querendo que a filha do rei Brutos morresse. Por causa disso, na narrativa o divino intervém matando a filha do rei Brutos para preservar a pureza do cavaleiro para permanecer casto. Entretanto, no caso de Persival, ele caiu em tentação quando avistou a donzela grega, movido pela luxúria, diferente de seu companheiro que condenava ter a relação sexual, não se deixou ser seduzido, e quase cometeu o pecado apenas como forma de salvar a vida da dama.

Apesar disso, a comparação com Galaaz não tira o mérito de Persival e Boorz, pois ainda são “bons cavaleiros”, por suas virtudes e suas religiosidades conseguem cumprir o objetivo na obra, tornando-se modelos de comportamentos ideais que contrapõem os denominados “maus cavaleiros”. Neste sentido, todos os três personagens possuem as virtudes cardeais, justiça, prudência, fortaleza e temperança, juntamente com as teologais, como a fé, esperança e caridade, e por isso Deus intervém quando necessário para ajudá-los (ZIERER, 2013).

Persival é um caso interessante também, pois ele é um personagem mais antigo que Galaaz e antes da existência desse cavaleiro nas narrativas arturianas, é ele o herói do Graal originalmente. O primeiro autor a apresentar o conceito de Graal foi Chrétien de Troyes em *Le Conte du Graal* ou *Perceval* (*O conto do Graal* ou *Percival*) durante o século XII, mas a relíquia ainda não possuía o mesmo peso cristianizado que vai adquirir no século XIII em *A Demanda do Santo Graal*.

O próprio conceito do Graal surge no paganismo celta, especificamente como o caldeirão da abundância, aparecendo no poema do século X *Preideu Annwvyn* (*Os Despojos do Outro Mundo*), em que vai o Artur vai para o Outro Mundo em busca desse objeto mágico, mas

acaba falhando no processo e apenas ele com sete companheiros sobrevive à missão. Chrétien de Troyes vai usar esse conceito e transformar no Graal na história de Persival, retratado como um cavaleiro puro que necessita encontrar o objeto e curar o seu tio, o Rei Pescador (ZIERER, 2002).

Entretanto, o Graal apresentado por Chrétien de Troyes trata-se de uma escudela, no caso, um prato que era usado para alimentar o monarca com um alimento não especificado e Persival falha em sua missão, pois o personagem não pergunta o que seria o cortejo misterioso que o carrega. O autor morreu antes de terminar *Le Conte du Graal* resultando na história não ter um desfecho, essa abertura fez a obra ter diversas continuações diferentes ao longo do período medieval.

Quem transforma o Graal no Santo Graal que aparece na narrativa arturiana posterior, o cálice usado por Jesus Cristo na Última Ceia e que possuía seu sangue, é o poeta Robert de Boron no final do século XII, aproveitando as lacunas deixadas por Chrétien de Troyes, cristianizando a Matéria da Bretanha e colocando os cavaleiros da Távola Redonda em uma jornada espiritual vinculado à fé cristã, como cita Jean Flori:

(...) a problemática aberta por Chrétien de Troyes dá lugar a respostas divergentes. (...) Robert de Boron, prolongando as primeiras *Continuações de Perceval*, cristianiza o tema e associa a cavalaria do Ocidente ao mundo bíblico. À idéia de translação, do Oriente para o Ocidente, do saber e da cavalaria, ele acrescenta a idéia da translação dos significados e dos valores da religião. Assim, o Graal é para ele ao mesmo tempo o cálice que fundou a Eucaristia na última Ceia e o cálice em que José de Arimatéia recolheu o sangue de Cristo na cruz. José, preso pelos romanos, depois libertado após uma conversão milagrosa do imperador Vespasiano, funda então a ordem dos guardiões desse Graal, transferindo, segundo a vontade do Cristo, de Jerusalém para Avalon (=Glastonbury). Desde então, os cavaleiros do rei Artur vêm-se investidos de uma missão espiritual (FLORI, 2005, p. 169).

Percebe-se em relação a isso que o Graal passou por uma transformação não apenas de um elemento pagão para cristão, mas todo seu sentido foi modificado na narrativa arturiana a partir de Robert de Boron. A jornada dos cavaleiros não é apenas um ideal de cortesia, mas uma missão espiritual em busca do Cálice Sagrado que simboliza diretamente o Divino e na qual apenas os “bons cavaleiros”, segundo os dogmas da Igreja poderiam alcançar, com a missão indo de Persival do século XII para Galaaz no século XIII.

Isso representa o início do processo de cristianização do ciclo arturiano com a implementação de um novo modelo de cavaleiro que vai substituir o cortês, no caso, surgindo através de Galaaz mais tarde. Apesar de *Le Conte du Graal* não colocar o Graal como o Cálice

que possuía o sangue de Cristo, é válido ressaltar que o cortejo que o acompanha na obra possui fortes elementos da religiosidade cristã, como a própria presença de uma lança que sangra, paralela àquela que atingiu Jesus na cruz.

Assim, como Jean Flori (2005) continua reforçando, Robert Boron utiliza a maioria dos temas deixados em aberto por Chrétien de Troyes, mas os cristianiza ainda mais na Matéria da Bretanha, atingindo com esse processo, seu apogeu definitivo em *A Demanda do Santo Graal*. Nesse momento, a novela de cavalaria do século XIII introduz Persival não mais como o único cavaleiro do Graal, mas compartilha seu posto com Boorz e Galaaz, apesar de acabar perdendo o grau de importância para esse último como eleito.

É provável que a caracterização de Persival por Chrétien de Troyes no século XII não fosse a mais adequada para os interesses da Igreja ao utilizarem a Matéria da Bretanha como fortalecimento político. Assim, Galaaz o substituiu como forma de consolidar um modelo de comportamento cristão mais adequado às características que um cavaleiro ideal deveria seguir e em relação à espiritualidade cristã.

Fato é que no processo de cristianização e prosificação da narrativa arturiana, Persival continuou como um cavaleiro escolhido, mas não é mais o principal eleito em *A Demanda do Santo Graal*, pois é ultrapassado em pureza por Galaaz (ZIERER, 2013). Tais fatores podem ser notados justamente em relação a Percival acabar caindo em tentação com a donzela grega, enquanto, Galaaz não peca nem mesmo em pensamento, permanecendo rejeitando relações carnis.

Além disso, nas narrativas de Chrétien de Troyes, Persival era descrito ainda como uma espécie de cavaleiro cortês, incluindo uma relação amorosa com uma donzela na qual resgata e que passa a ser um elemento que o concede destaque no campo de batalha. Tal característica que não permanece depois em *A Demanda do Santo Graal* que o ignora esse elemento e não apresenta nenhuma parceira romântica para o cavaleiro.

Apesar de ser descrito como inferior a Galaaz na trama por quase perder sua castidade, Persival continua a demonstrar características de um modelo de comportamento cristão ideal, sendo classificado como o segundo principal eleito dentre os três. As ações realizadas por Persival demonstram suas virtudes ao longo da novela de cavalaria, como, por exemplo, conseguir curar a perna queimada de Lancelot que havia pegado fogo após uma visão infernal.

Persival em *A Demanda do Santo Graal* é responsável por impedir que um eremita, portanto um sujeito do clero, se suicidasse devido a uma tentação diabólica, evidenciando que,

apesar de ser descrito como cavaleiro em um grau inferior se comparado a Galaaz, o personagem ainda demonstra pureza e dedicação religiosa como um cavaleiro cristão ideal e eleito. Além disso, permanecendo casto durante toda a história e se tornando um sacerdote no final, resolvendo se dedicar a uma vida religiosa até o fim de sua vida, morrendo um ano depois de alcançar o Santo Graal com os seus companheiros.

Assim, apesar de perder seu posto para Galaaz como o herói do Graal, Persival através de suas características positivas ligadas à fé cristã, ainda se consolida como um modelo de cavaleiro cristão ideal por meio de suas virtudes e religiosidade, demonstrando principalmente por seus feitos. E o mesmo pode ser dito de Boorz, o terceiro dos escolhidos a terminar a missão, que apresenta virtudes cristãs segundo as vontades da Igreja, como, por exemplo, orando e jejuando constantemente, mas que diferente dos seus outros dois companheiros, ele não é casto.

Boorz acabou tendo relações sexuais, mas não foi movido pela luxúria, pois o cavaleiro foi enfeitiçado por uma donzela que desejava ter um filho com um dos membros da Távola Redonda, o obrigando a cometer o pecado. Diante disso, o personagem teve contato com a copulação, tornando-se a sua única ação condenável, por mais que tenha sido uma ação involuntária e sendo vítima da situação, tendo um filho fruto desse relacionamento, o cavaleiro Elaim, o Branco, que também se tornou um dos escolhidos pelo Santo Graal (ZIERER, 2013).

Um episódio que destaca os seus atributos positivos ao longo da novela de cavalaria foi durante seu reencontro com o cavaleiro Leonel, seu irmão, no qual o personagem preferiu resgatar uma donzela indefesa que iria ser abusada a auxiliá-lo ao ser cercado por inimigos. A ação de Boorz foi movida pelos valores da cavalaria, optando por auxiliar uma indefesa, além disso, durante o ato orou para que seu irmão ficasse seguro e por isso Leonel conseguiu sobreviver.

Leonel passa a manifestar um exemplo de “mau cavaleiro” ao ser tomado pelo pecado da ira por seu irmão não o ter ajudado, ameaçando matar Boorz e no processo assassinando um outro cavaleiro e, o mais impactante, um eremita, em suma, um membro do clero, um ato extremamente pecaminoso segundo os preceitos cristãos e a honra da cavalaria. Com isso, sem escolhas, o personagem é obrigado a enfrentar seu irmão, mas o Divino intervém a seu favor, como pode ser visto na seguinte passagem:

Então desceu entre eles uma chama de fogo, em semelhança de raio, tão acesa, que lhes queimou todos os escudos. E eles ficaram tão aflitos, que caíram por terra e ficaram muito tempo desmaiados. E depois que se ergueram, olharam-se e viram

entre si a terra toda acesa de fogo que queimava. Mas quando Boorz viu que seu irmão não tinha nenhum mal, estendeu as mãos para o céu e agradeceu muito a Deus (*A Demanda do Santo Graal*, 1989. p. 115).

Percebe-se no acontecimento que Deus o impede de cometer o pecado do fratricídio, criando uma barreira de fogo entre os dois cavaleiros que impede o combate, com Boorz demonstrando profunda gratidão diante do acontecimento milagroso. Posteriormente, o personagem também escuta vozes do Celeste o instruindo a não ficar mais na companhia de seu irmão e se encontrar com Persival. Com isso, esses atributos demonstram seu caráter como abençoado por Deus que o guia e intervém a seu favor justamente por seguir o modelo de cavaleiro cristão ideal característico da obra.

Portanto, Boorz demonstra forte dedicação religiosa, e, semelhante a Galaaz e Persival, um modelo de cavaleiro ideal cristão que o marca como um dos eleitos para alcançar o Santo Graal, com os Céus intervindo para que ele permaneça puro como ocorre com seus dois companheiros. No entanto, Galaaz é o melhor cavaleiro, ausente de quaisquer vícios e pecados, sendo puro e possuidor de todas as virtudes cristãs.

Diante disso, é construído em torno da figura desses três personagens, características que a Igreja pretendia semear para o núcleo da cavalaria do período, utilizando a Matéria da Bretanha para estabelecer um modelo de comportamento idealizado como “bons cavaleiros”.

Em contraste ao trio de personagens, a maior parte dos outros membros da Távola Redonda falham na busca pelo Santo Graal devido aos seus inúmeros pecados, com diversos personagens que possuíam destaque antes na narrativa arturiana sendo colocados como pecadores. Por exemplo, cavaleiros como Lancelot e Tristão, que anteriormente eram considerados como modelos a serem seguidos em outras obras em *A Demanda do Santo Graal* são considerados como "maus cavaleiros".

O cavaleiro cortês passa a ser visto em um viés negativo com a cristianização da Matéria da Bretanha. A vassalagem amorosa torna-se condenável, pois os cavaleiros passam a amar mais a sua dama que a Deus. Na realidade, uma das primeiras advertências para a missão de alcançar o Santo Graal era não levar consigo nenhuma mulher, demonstrando o caráter negativo das relações amorosas e carnavais, como percebe-se neste momento:

Cavaleiros da tábola redonda, ouvi. Vós jurastes a demanda do santo Graal. E Nascimento, o ermitão, vos manda dizer por mim que nenhum cavaleiro desta demanda leve consigo mulher nem donzela, senão fará pecado mortal. E não seja tal que nela

entre, se não for bem confessado, porque em tão alto serviço de Deus como este, não deve entrar se não for bem confessado e bem comungado e limpo e purificado de todos os danos e de pecado mortal; porque esta demanda não é de tais obras, antes é demanda dos segredos e das coisas escondidas de Nosso Senhor, que fará ver conhecidamente ao bem-aventurado cavaleiro que ele escolheu para seu servo entre todos os cavaleiros terrenos, ao qual mostrará as grandes maravilhas do santo Graal e lhe fará ver o que o coração mortal não poderia pensar, e língua humana não poderia dizer. (*A Demanda do Santo Graal*, 1989. p. 47-48).

Nesse sentido, o episódio revela que foi avisado que um dos principais juramentos que os membros da Távola Redonda deveriam fazer durante a busca pelo Santo Graal, era não levar consigo mulheres, ligando-as ao pecado mortal, à luxúria. Isso demonstra um contraste evidente em *A Demanda do Santo Graal* em relação à vassalagem amorosa de Lancelot por sua dama, Genevra, bem como Tristão por Isolda nas narrativas do amor cortês anteriores, que passa a ser visto de uma forma negativa e pecaminosa.

Assim, enquanto o modelo de cavaleiro cortês apresenta a dama como o motivo de serem imbatíveis em combate por seu amor e dedicação a ela, isso passa a ser associado a um atributo pecaminoso na Matéria da Bretanha cristianizada, colocando-os como “maus cavaleiros”. Nesse sentido, é reforçado de forma positiva um modelo de cavaleiro cristão ideal, em suma, valorizando os ideais religiosos das virtudes teológicas cristãs, como a pureza e a castidade, e por isso eram invencíveis no campo de batalha.

Posteriormente, isso é demonstrado de forma explícita na trama ao ser colocado Lancelot tendo uma visão dele e de sua amada, Genevra, no inferno, condenados por seu relacionamento e traição ao rei, reforçando o caráter pecaminoso de seu envolvimento que era exaltado em obras anteriores, como pode ser demonstrado nesta passagem:

E no meio daquele fogo havia uma cadeira em que sentava a rainha Genevra toda nua e suas mãos diante do peito, e estava descabelada e tinha a língua puxada fora da boca, e queimava-lhe tão claramente como se fosse uma vela grossa, e tinha na cabeça uma coroa de espinhos que ardia a grande maravilha e ela mesma queimava em todo o corpo ali onde sentava. Mas ela fazia um pranto tão grande e dava gritos tão grandes e tão doloridos, que bem parecia a quem a ouvisse que por todo o mundo era ouvida. (*A Demanda do Santo Graal*, 1989, p. 170-171).

Como é perceptível no trecho acima, o amor cortês, que antes era exaltado por sua dedicação à dama, adquire um sentido desfavorável, pecaminoso, pondo Lancelot, o maior dos cavaleiros anteriormente, como um "mau cavaleiro" na obra. O motivo de uma invencibilidade nas narrativas era seu amor por Genevra, entretanto, isso começa a ter um sentido negativo em

*A Demanda do Santo Graal*, condenando o personagem ao inferno por suas ações imorais juntamente com sua amada, o pecado da luxúria.

Assim, em contraponto direto com o pai, um cavaleiro cortês, Galaaz é um cavaleiro cristão, criado para o substituir na tradição arturiana posterior como forma de construir um modelo de comportamento que valorize os dogmas cristãos, a pureza e dedicação religiosa. Nesse sentido, ele passa a ser considerado como o melhor cavaleiro do mundo por suas virtudes, castidade, pureza e dedicação religiosa, não por amor a uma determinada mulher como ocorre com seu pai.

Enquanto seu pai é condenado pelo pecado da luxúria, amando Genevra acima de Deus, Galaaz é considerado um santo cavaleiro ao longo da narrativa, realizando milagres e não possuidor de quaisquer pecados, inclusive vestindo uma túnica de espinhos, algo enfatizado constantemente durante a trama. Em determinada passagem, por exemplo, o Rei Pescador destaca as suas características:

Filho, santo cavaleiro e santa pessoa, cheio de grande direito, rosa perfeita e lírio me semelhas perfeitamente, porque és limpo de toda luxúria. Rosa me semelhas perfeita, porque és mais formoso do que outro cavaleiro e melhor e de melhor graça, repleto de todas as virtudes e de todas as habilidade do mundo. És árvore nova de Jesus Cristo, que ele encheu de todos os bons frutos que alguém poderia ter. (*A Demanda do Santo Graal*, 1989, p. 446).

Nesse sentido, como se percebe, a novela de cavalaria cria um evidente contraste entre Lancelot, movido e condenado pela luxúria, com Galaaz, limpo de qualquer luxúria e detentor de todas as virtudes e habilidades do mundo. Enfatizando novamente o personagem como o maior dos cavaleiros, maior que qualquer um, mesmo que seu pai tenha sido o melhor em obras arturianas anteriores. E principalmente, o cavaleiro é retratado de forma mais enfática seus paralelos com Jesus Cristo, o maior exemplo que um cristão poderia se espelhar, exaltando Galaaz como um modelo de cavaleiro cristão.

Estabelecemos, então, que Lancelot é um cavaleiro cortês, enquanto Galaaz é um cavaleiro cristão. Vale-se, então, ressaltarmos as principais características e diferenças entre esses dois modelos de cavaleiros que foram construídos na Literatura durante a Idade Média através da Matéria da Bretanha por meio da Tabela 1.

TABELA 1 – Cavaleiro Cortês e Cavaleiro Cristão

<b>Cavaleiro cortês</b>	<b>Cavaleiro cristão</b>
Principal representante Lancelot ( <i>O Cavaleiro da Carreta</i> ) - Século XII	Principal representante Galaaz ( <i>A Demanda do Santo Graal</i> ) - Século XIII
Descrito como o maior cavaleiro do mundo	Descrito como o maior cavaleiro do mundo
Imbatível em combate	Imbatível em combate
Honra o código de cavalaria	Honra o código de cavalaria
Modelo a ser seguido	Modelo a ser seguido
Movido pelo amor pela sua dama acima de tudo (Genevra)	Movido pela espiritualidade acima de tudo (Cristianismo)
Utilização da Matéria da Bretanha pela nobreza (Fortalecimento político)	Utilização da Matéria da Bretanha pela Igreja (Cristianizar o núcleo da cavalaria)
Caso de amor proibido e atos carnavais recíprocos (Incentivo à traição em comprometimento ao amor em detrimento de seu senhor)	Destaca-se pelo seu compromisso em manter a castidade e virgindade eterna (Pureza tanto no corpo quanto na alma)
Relacionamento entre os dois amantes é visto de forma positiva	Pecados como luxúria e casos de amor, principalmente traição, são considerados pecaminosos e condenados

Fonte: Autorial Própria

Percebe-se através da tabela acima as semelhanças, mas também as principais divergências do que se pode considerar um cavaleiro cortês e um cavaleiro cristão na Literatura da Idade Média no que se relaciona ao Ciclo Arturiano. Isso é caracterizado não apenas na temporalidade em que se encontravam as principais obras representantes, como *O Cavaleiro da Carreta* do século XII, enquanto, *A Demanda do Santo Graal* foi escrito no século XIII, mas também no contexto social e político em que tais narrativas estavam inseridas, refletido por

meio dos seus personagens principais, Lancelot (Cavaleiro Cortês) e Galaaz (Cavaleiro Cristão).

Assim, nota-se por meio do que é destacado na Tabela 1, que existem características semelhantes entre o que seria considerado um Cavaleiro Cortês e um Cavaleiro Cristão por ambos se apresentarem como modelos de comportamento voltados para a cavalaria do Medievo. Destaca-se, por exemplo, os dois sendo considerados como valores que levam o personagem, no caso, o cavaleiro, a ser imbatível em combate, destacar dentre seus pares justamente por ser o auge, o maior exemplo que poderia ser almejado, justamente pelos valores que seguem e que, portanto, deveriam ser imitados.

Percebe-se, então, que a figura do Cavaleiro Cortês, cujo principal representante trata-se de Lancelot, durante o século XII, é centrado nos princípios da cavalaria de servidão à dama. Diante disso, suas façanhas de cavaleiro o fazem se destacar frente aos demais, sendo inigualável em batalha justamente devido ao amor a sua senhora, no caso de Lancelot trata-se de Genevra, esposa de seu senhor, Rei Artur. Assim, existe um destaque na narrativa centrada no amor do casal, mesmo que seja uma relação extraconjugal, e, principalmente, no cavaleiro demonstrando sua dedicação a amada.

Em contraponto, a figura do Cavaleiro Cristão, cujo principal representante é Galaaz, durante o século XIII, é reforçado pelos princípios da religião cristã. Assim, o personagem é descrito como constantemente jejuando e orando, bem como utilizando uma vestimenta de espinhos para demonstrar seu desapego a relações carnis. Desse modo, suas façanhas de cavaleiro que o fazem se destacar diante dos demais, é relacionado com sua pureza espiritual e física, possuindo um voto de virgindade e castidade eterna, destacando sua dedicação religiosa, de modo que Deus intervém a seu favor.

Em função disso, tanto Galaaz quanto Lancelot em suas respectivas obras, são considerados como os maiores dos cavaleiros, aqueles cujas façanhas deviam ser destacadas. Além disso, seguindo a conduta de cavalaria, demonstravam bravura, honra e comprometimento com os mais necessitados. Pai, Lancelot, e filho, Galaaz, são adições posteriores à Matéria da Bretanha, apenas surgindo no Medievo no século de escrita de suas narrativas. Isso se deve ao fato dos dois serem criados com um determinado propósito, no caso, como a Tabela 1 demonstra, como fortalecimento político por parte da nobreza do período (Lancelot e o Cavaleiro Cortês no século XII), ou como forma de cristianizar o núcleo da cavalaria da época (Galaaz e Cavaleiro Cristão no século XIII).

As principais diferenças, então, se constituíram por meio de motivações além do próprio enredo, mas da sociedade e compromisso político do período, demonstrando a relação existente da História e da Literatura na qual uma reflete e impacta a outra no Medieval, como é possível perceber através dessas duas exemplificações. Como a Tabela 1 demonstra, Lancelot era o modelo de cavaleiro para a nobreza do século XII, enquanto, Galaaz era o cavaleiro ideal para a Igreja no século XIII.

Nesse sentido, apesar de serem descritos como cavaleiros perfeitos, ambos possuem características distintas que diferenciam de forma marcante o que seria um Cavaleiro Cortês e o que seria um Cavaleiro Cristão, como pode ser visto na Tabela 1. Lancelot possuía sua devoção por sua dama, Genevra, como força motriz para suas realizações como cavaleiro, enquanto, Galaaz, possuía o seu compromisso espiritual como justificativa para suas façanhas.

Portanto, Lancelot era movido pelo amor a sua dama, disposto a fazer qualquer coisa para agradá-la, sendo por isso o maior dos cavaleiros, enquanto, Galaaz, era imbatível por sua pureza, castidade e fervor religioso. O modelo de Cavaleiro Cortês, onde o caso de traição é representado de forma positiva em favor do amor à donzela, vai posteriormente se tornar negativo em narrativas arturianas cristianizadas devido ao seu caráter pecaminoso.

Devido a isso, personagens que nas narrativas arturianas anteriores, como Lancelot em *Cavaleiro da Carreta*, que possuíam destaque, passam a ter serem colocados como “maus cavaleiros” em *A Demanda do Santo Graal* por estarem mais ligados ao material que ao espiritual. Desse modo, atuando como o contraponto dos considerados “bons cavaleiros”, possuindo como função na obra serem usados como exemplos de mau comportamento que não deveriam ser seguidos.

Isso se deve ao fato de que aqueles considerados como “maus cavaleiros” atuam como contramodelos, ou seja, aqueles que exemplificam os vícios e pecados que cavaleiros não deveriam possuir. Com isso, reforçando ainda mais as virtudes de outros personagens, como Galaaz, ao decorrer da obra, consolidando mais as características que a Igreja queria que a cavalaria almejasse.

Assim, é notável que a figura do cavaleiro na Literatura possuía uma forte presença como um modelo de comportamento que reflete na História. Figuras históricas almejavam ser semelhantes aos personagens literários e foram nomeados como cavaleiros para imitá-los buscando ter façanhas heroicas e dignas de honrar o código de cavalaria.

Várias figuras da realeza medieval se tornaram cavaleiros, como Ricardo Coração de Leão e São Luís, como forma de comprometimento com a cavalaria. Assim, colocando significado também político na cavalaria no âmbito literário, ao ponto que as narrativas arturianas passam por apropriações e mudanças para formarem modelos de comportamento que deveriam ser almejados pela sociedade.

Nesse sentido, *A Demanda do Santo Graal* é considerada o ápice do processo de cristianização da Matéria da Bretanha, consolidando através de Galaaz um modelo de comportamento, o Cavaleiro Cristão, que favorecia os interesses da Igreja em contraste com as narrativas arturianas anteriores, que destacava o Cavaleiro Cortês. Isso perpassa por um longo processo de tentativa clerical de controlar a violência da cavalaria do período, bem como o comportamento **no** qual deveriam exercer perante a Deus e a sociedade.

A obra terá um papel de grande importância na Península Ibérica, sendo traduzida e chegando em Portugal no mesmo século em que foi escrita na França, sendo uma novela de cavalaria de grande sucesso. Ressalta-se que *A Demanda do Santo Graal*, apesar de narrar acontecimentos fictícios, impacta de forma significativa o imaginário da sociedade lusitana medieval, com figuras como o cavaleiro Nuno Álvares Pereira e o monarca Dom Sebastião se espelhando nos personagens virtuosos como modelos de comportamento, em especial Galaaz.

Dessa forma, destacando de forma mais intensa o papel significativo que a Literatura de Cavalaria possui um impacto na História, no sentido de interferir em aspectos sociais e políticos da sociedade do Medievo. Especialmente o Ciclo Arturiano adquire grande popularidade e perpassa por diversas mudanças durante os séculos que refletem uma busca de fortalecimento de interesses de determinados grupos. Isso é demonstrado no contexto português no qual o Cavaleiro Cristão pode ser percebido no final da Idade Média com um destaque considerável, como veremos a seguir.

## CAPÍTULO II - NUNO ÁLVARES PEREIRA ENTRE A CAVALARIA E A SANTIDADE

### 2.1 – Nuno Álvares Pereira e a Dinastia de Avis

A chamada “Crise dinástica de 1383–1385” ocorreu no final do século XIV em Portugal e foi marcada no final pela formação da Dinastia de Avis após um período de intensos conflitos, podendo ser denominado também como Movimento de Avis, ou mesmo “Revolução” de Avis por alguns estudiosos. O contexto está majoritariamente atrelado ao rei Fernando de Portugal (1369-1373) que acabou morrendo sem deixar herdeiros masculinos, iniciando uma época de disputas pelo domínio do trono luso.

O conflito resulta no fato de que, antes do seu falecimento, o rei casou sua única filha, Beatriz de Portugal, com o rei João I de Castela (1379-1390), assim, o poder teria que ser passado para ele ou para a viúva D. Leonor Teles. Tal situação, gerou um processo de divergência interna principalmente em relação à ameaça de Castela dominar o território luso por estar sem a presença de um rei. Com o auxílio de certos grupos e setores da sociedade lusitana que não aceitavam o domínio de Castela, houve um movimento de apoio à figura de D. João de Avis (1385-1433), apesar do mesmo ser um filho ilegítimo, irmão bastardo de D. Fernando, fato que normalmente não deveria ter acesso ao trono português.

Como reforçado por Marques (1980), a rebelião tem várias camadas de complexidade em torno daqueles que a apoiaram, mas pode-se destacar principalmente uma classe média de burgueses, artesão e filhos-secundogênitos de nobres em busca de cargos e terras. Como destacado por Adriana Zierer (2017), no final do século XIV não havia um sentimento de nacionalidade portuguesa e devido a isso a maior parte da nobreza do período apoiava D. João de Castela assumir o trono luso ao invés de apoiar D. João de Avis.

Em meio a esse contexto, se destaca o cavaleiro português Nuno Álvares Pereira que se torna o principal comandante militar do futuro rei lusitano e que auxiliou na formação da Dinastia de Avis vencendo as forças castelhana em diversas batalhas, sendo o próprio também um filho-secundogênito. Segundo João Gouveia Monteiro que escreveu uma biografia a seu respeito, *Nuno Álvares Pereira - Guerreiro, Senhor Feudal e Santo: Os três rostos do condestável* (2017), o cavaleiro lusitano nasceu em junho de 1360, mas quanto ao dia e sua localidade exata, não existe um consenso. a respeito

Ele era um filho ilegítimo, seu pai era Álvaro Gonçalves Pereira, prior dos Hospitalários, e um cavaleiro que se destaca no cenário português da época, tendo servido três monarcas lusitanos. Mas ele não seguiu o compromisso com o juramento de celibato clerical, algo que ocorreu também com seu pai, D. Gonçalo, arcebispo de Braga, tendo Álvaro Gonçalves pelo menos trinta e dois filhos com diferentes mulheres. Já a mãe de Nuno Álvares Pereira, Iria Gonçalves do Carvalho, camareira de D. Beatriz de Portugal, teve também outros filhos com o prior, além do Condestável.

É destacado nos documentos que o cavaleiro português herdado as virtudes e certos costumes positivos dos seus pais, assim, Nuno Álvares Pereira possuía a honra, a lealdade e liberalidade, os bons serviços, a devoção mariana, a sensatez e discrição do seu pai, Álvaro Gonçalves Pereira. Ao mesmo tempo, o Condestável havia herdado da sua mãe, Iria Gonçalves do Carvalho, a religiosidade, devoção, piedade e a sua pureza, bem como a castidade, a abstinência, o jejum e a caridade (MALEVAL, 2012).

Nuno Álvares Pereira ao ficar do lado de D. João de Avis durante o conflito contra Castela, foi colocado numa posição na qual deveria desafiar sua própria família, enfrentando seus próprios irmãos no campo de batalha. O condestável tem um papel decisivo nos conflitos que se seguiram. Na realidade, suas façanhas já poderiam ser notadas desde início do confronto contra o reino rival, como destaca Marques:

A guerra passou por três fases principais: na primeira (Janeiro-Outubro de 1384), D. João I invadiu Portugal, alcançou Lisboa e cercou-a em vão durante quatro meses; no entanto, os Portugueses, chefiados por Nuno Álvares Pereira, filho ilegítimo do Mestre dos Hospitalários, derrotou os Castelhanos em Atoleiros, no Sul (Alentejo). (MARQUES, 1980, p. 185).

Assim, como é descrito na citação, percebe-se que Nuno Álvares Pereira se destacou durante o confronto desde seu começo e foi essencial para a vitória portuguesa, liderando o exército e vencendo os castelhanos em diversas situações em momentos decisivos com a invasão de D. João de Castela ao território luso. A figura de Nuno Álvares Pereira foi tão importante nesses eventos que ele recebeu o título de Condestável, a maior patente militar abaixo apenas do rei.

No final desse processo político e militar, Nuno Álvares Pereira auxiliou diretamente na consolidação de João de Avis como D. João I de Portugal, sendo o rei posto inicialmente como

regedor do reino em 1385 e, posteriormente, eleito monarca nas cortes de Coimbra, com isso, iniciando a fundação da Dinastia de Avis.

A partir de então, a documentação exalta a importância do Condestável, sendo considerado como o maior cavaleiro de Portugal, principalmente valorizando o fato de nunca ter perdido nenhuma batalha, bem como por ter vencido com um número menor de soldados o exército castelhano, como ocorre na Batalha de Aljubarrota. Isso é reforçado por Marques:

Na segunda fase (Maio-Outubro de 1385), D. João I de Castela invadiu Portugal de novo, para sofrer uma completa derrota em Aljubarrota, às mãos de um exército muito mais pequeno mas dispoendo de uma organização superior e beneficiando do apoio dado por arqueiros ingleses e acaso por conselheiro da mesma nacionalidade; (MARQUES, 1980, p. 185).

Assim, como visto no trecho acima, percebe-se que Nuno Álvares destacou-se como um exímio comandante militar, conseguindo liderar um número menor de soldados para vencer o superior número de combatentes do lado de Castela. Suas vitórias podem ser atribuídas ao apoio não apenas de outros reinos, como Inglaterra e seus arqueiros, mas também do Condestável organizar de forma mais consistente o exército, garantindo a vitória portuguesa no conflito.

Nesse sentido, apesar de ser reforçado o caráter religioso das conquistas do cavaleiro português, Nuno Álvares Pereira conseguia vencer batalhas decisivas aplicando estratégias de combate como, outro exemplo, o uso de infantaria contra o exército de Castela na Batalha de Atoleiros. O Condestável utilizou as mesmas táticas usados pelos ingleses contra os franceses durante a Guerra do Cem Anos, conseguindo derrotar as forças castelhanas através da escolha do terreno e com auxílio de técnicas de guerra inglesas (ZIERER, 2019).

Apesar disso, vários registros, como a *Crónica do Condestável de Portugal*, escrita por um autor anônimo, bem como a *Crónica de D. João I*, escrita por Fernão Lopes, ambas no século XV, mas em momentos diferentes, destacam sua intensa religiosidade e espiritualidade, como se suas vitórias demonstrassem uma bênção do Divino e não apenas um feito de estratégia militar. Em suma, como se as realizações de Nuno Álvares Pereira no campo de batalha fossem milagrosas, mas isso também ligado ao fator político de promover a Dinastia de Avis utilizando-se da figura de Nuno Álvares Pereira como fortalecimento e legitimidade.

Especificamente sobre a Batalha de Aljubarrota existe uma forte memória portuguesa atrelada ao ocorrido, como destaca Marcella Lopes Guimarães (2010), os lusitanos a destacam

especialmente como um acontecimento que deve ser lembrado para as próximas gerações serem educadas a respeito. As crônicas destacam tal evento como um exemplo máximo, como provação de um gênio, Nuno Álvares Pereira, como um monumento a ser destacado.

D. João de Avis se chocou com diversos nobres, inclusive com Nuno Álvares, durante o seu processo de centralização do poder, pois retirou as terras que havia concedido ao cavaleiro, existindo até a ameaça do Condestável de se retirar de Portugal. A disputa foi resolvida através do matrimônio entre a filha de Nuno Álvares Pereira, D. Beatriz Pereira de Alvim, e um filho bastardo de D. João, Afonso de Bragança, mas outros nobres não se contentaram e abandonaram o reino. Apesar disso, não importava se a realidade da História havia sido distinta, através das crônicas foi construída a imagem de rei perfeito, D. João de Avis, e seu cavaleiro ideal, Nuno Álvares Pereira (ZIERER, 2017).

Como observado pela historiadora Fátima Fernandes (2009), as crônicas se constituem como um eficiente mecanismo fortalecimentos políticos de uma linhagem ou dinastia com grande repercussão e de perpetuação de modelos. Assim, promovendo a idealização de nobres na documentação destacando qualidades extra-humanas como forma de perpetuar um certo grupo que deveriam representar.

Desse modo, percebe-se que Nuno Álvares Pereira se destacava nos documentos como imbatível por possuir auxílio divino, mas existia uma intenção política a respeito de suas características para consolidar a Dinastia de Avis que alcançou o poder com o seu auxílio. Isso se reforça principalmente porque D. João de Avis, por sua origem bastarda, precisava reforçar sua consolidação, assim, sendo escrito diversas obras que reforçassem politicamente seu reinado.

Tanto o monarca D. João de Avis quanto Nuno Álvares Pereira, não eram filhos legítimos, como membros da nobreza secundogênita, normalmente não se estabeleciam no poder. Portanto, existia a intenção da documentação de fortalecimento político e legitimação do poder através da Literatura, e um desses documentos trata-se da *Crónica do Condestável de Portugal* e a obra *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes.

A primeira obra destaca, por exemplo, principalmente suas vitórias serem atribuídos ao Divino e pela intensa dedicação religiosa do cavaleiro português, que passou os últimos anos de sua vida como um clérigo, perdoando todas as dívidas e doando seus bens para a Igreja, inclusive “morrendo com cheiro de santidade”, segundo a crônica. Através dessa concepção,

houve um intenso processo de tentativa de canonização de Nuno Álvares Pereira como um santo desde o período medieval.

Durante seus últimos anos de vida, Nuno Álvares Pereira não se casou após a morte de sua esposa e de sua filha, dedicando os seus últimos momentos exclusivamente à vida religiosa. Ingressou em 1423 na Ordem do Carmo, doando seus bens, perdendo as dívidas, assim, o condestável permaneceu dedicado intensamente à fé cristã até seu falecimento em 1431, reforçando sua castidade e espiritualidade até o fim de sua vida (ZIERER, 2019).

Após seu falecimento, como indica João Golveia Monteiro (2017), houve uma tradição de milagres sobre a sepultura de Nuno Álvares Pereira ou eram proporcionados através de relíquias suas. Além disso, é apontado festividades promovidas em sua honra na Igreja do Carmo que demonstram uma devoção popular a sua figura. O Frei José de Sant'Anna, com base em crônicas anteriores, arrola também uma série de duzentos e vinte um milagres associados ao condestável.

De acordo com Margarida Garcez Ventura (2011), por exemplo, D. Duarte I (1433 - 1438), segundo rei da Dinastia de Avis e filho de João I, nos textos laudatórios de Nuno Álvares Pereira possuía argumentos a respeito de sua santidade. Nesse sentido, sendo referido no documento a sua vida religiosa, a sua castidade, seu comportamento misericordioso, sua ascendência nobre e sua invencibilidade.

Também enfatiza que em a *Crónica das Carmelitas*, escrita por José Pereira de Santana em Portugal no século XVIII, é notável que na própria Idade Média, após a morte de Nuno Álvares Pereira, sua atribuição santa (melhorar esse trecho, “sua atribuição santa” está solto). No registro, o rei D. Duarte ofereceu uma lâmpada de prata a sua figura. A chama era acesa diante do seu túmulo representando a gratidão do monarca por um certo benefício, como se estivesse pagando uma promessa, apontando que o condestável possuía um caráter póstumo de santo.

Assim, ocorre um longo processo de tentativa de canonização de Nuno Álvares Pereira, destaque-se, por exemplo, que durante o período ditatorial português, o Salazarismo, ocorre uma apropriação de sua figura que passa a ser associada ao regime que possuía um caráter militar. Durante o governo de Salazar, existe a tentativa de canonização do cavaleiro no século XX, mas não foi aceito pelo Papa Pio II pelas questões políticas envolvidas (ZIERER, 2019).

Devido a isso, a beatificação do condestável foi realizada somente em 1918 pelo Papa Bento XV, enquanto a santificação propriamente dita de Nuno Álvares Pereira apenas foi

alcançada no dia 26 de abril de 2009 pelo Papa Bento XVI, com o cavaleiro sendo nomeado como São Nuno de Santa Maria, reforçando o impacto do passado no presente, em suma, uma figura do Medievo refletindo na Contemporaneidade.

Ressalta-se a importância da origem nobre de Nuno Álvares Pereira como forma de reforçar sua santidade, pois ao longo do Medievo, a nobreza vai ser associada ao sagrado. Como reforçado por Georges Duby (1994), durante o período medieval acreditava-se que os nobres possuíam um sangue iluminado e eram mais suscetíveis a ascender à santidade, e isso lhes dava o direito de proteger os mais pobres, mas, ao mesmo tempo, também justificava a desigualdade. Isso é explicado também por Vauchez (1995), que enfatiza que a Igreja considerava que o sangue da nobreza conferia uma sacralidade, criando uma predisposição natural para a santidade por serem bem-nascidos.

## 2.2 – Nuno Álvares Pereira nas documentações

A *Crónica do Condestável* é a principal documentação a respeito de Nuno Álvares Pereira e a mais antiga também, foi escrita por um autor anônimo do século XV e inspirou várias outras obras a respeito, como a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes (1385-1460). O documento se concentra em narrar parte da vida do condestável de forma biográfica, mas não se preocupando especificamente na questão cronológica, exaltando mais suas façanhas.

A obra provavelmente foi escrita por um autor anônimo entre 1431 e 1443, pois tais datas remetem à morte de Nuno Álvares Pereira. Além disso, utiliza também como base a escrita de Fernão Lopes que usou *A Crónica do Condestável* como inspiração, e que certamente não era o seu autor (MONTEIRO, 2017). *A Crónica do Condestável* passou por um processo de modernização no século XX e que foi responsabilidade de Jaime Cortesão, sendo essa a versão que utilizamos como fonte durante a pesquisa.

Sua importância é considerável como fonte sobre a vida do condestável e a respeito do Movimento de Avis, se trata também da primeira crônica senhorial conhecida escrita em língua portuguesa e que conseguiu sobreviver até a atualidade. Um dos pontos de destaque, é que a obra é a única que se dispõe a falar um pouco sobre a juventude do cavaleiro português, considerando que a maior parte da documentação apenas remete a Nuno Álvares Pereira já adulto. Apesar disso, apenas menciona brevemente o condestável com cerca de treze anos e não se aprofunda tanto em sua criação, mas destaca seu gosto pela leitura.

A *Crónica do Condestável* trata-se de uma crônica biográfica senhorial, como destaca Marcella Lopes Guimarães (2010), e não uma crônica régia, possuindo a intenção de preservar do esquecimento a memória de um “virtuoso senhor”, nesse caso, demonstrando um pouco de sua criação, sua linhagem, suas primeiras façanhas de combate, temas que geralmente outros cronistas e autores acabam por utilizar como fonte. Interessante ressaltar que acontecimentos como a *Batalha de Aljubarrota*, a qual já mencionamos nessa pesquisa, é apenas brevemente tratada na crônica por si só, se dedicando em apenas no capítulo 51, enquanto Fernão Lopes, por exemplo, vai dedicar mais de quinze capítulos abordando-a.

A crônica contém uma explícita valorização dos grupos da sociedade lusitana que apoiaram João I de Portugal no trono e o surgimento da Dinastia de Avis. Possivelmente, esses segmentos sociais eram parte da burguesia ascendente de Portugal e nobres descontentes com a dominação de Castela, sendo também supostamente um regime apoiado por parte da população menos abastada.

Tal como *A Demanda do Santo Graal* separa os “maus cavaleiros” e “bons cavaleiros”, a *Crónica do Condestável de Portugal* faz um trabalho semelhante em relação àqueles que apoiaram a submissão ao governo de Castela e aos apoiadores da Dinastia de Avis. O documento elogia de forma intensa aqueles que auxiliariam D. João, enquanto, ao mesmo tempo, diminui aqueles que favoreceram os castelhanos, incluindo outros membros da realeza, como Leonor Teles, a rainha regente de Portugal, que é retratada de forma extremamente negativa nos documentos por favorecer a imagem da Dinastia de Avis

Por exemplo, em diversos momentos ao longo da crônica, são apresentados certos modelos e contramodelos, isso se constituiu através dos sujeitos a favor da dominação de Castela que seriam os “falsos portugueses”, enquanto isso, cita os apoiadores do regime de D. João de Avis como os “verdadeiros portugueses”, possuindo claras intenções políticas com essa escolha, como podemos testemunhar por meio da citação a seguir:

E o que mais irava D. Nuno e os verdadeiros portugueses é que o vergonhoso concerto, que impedira os inimigos de lutar, fora negociado pelo conde galego, João Fernandes Andeiro, o favorito da Rainha, para maior desonra do Rei e do seu reino (*A Crónica do Condestável*, 1993, p. 56).

Percebe-se que existe uma verdadeira intenção de diferenciar a sociedade portuguesa favorecendo aqueles que apoiam D. João, em suma, a Dinastia de Avis, como aqueles

“verdadeiros portugueses” e colocando os aliados de Castela como “falsos portugueses. Isso reforça a intenção política da obra, principalmente utilizando Nuno Álvares Pereira como parte dos “verdadeiros portugueses”. Assim, o condestável como um dos principais aliados do futuro monarca, é retratado na documentação como um símbolo que encarna o maior exemplo entre os “verdadeiros portugueses”.

Assim, Nuno Álvares Pereira é posto como a representação de um novo modelo de nobreza em oposição à velha nobreza, que o documento destaca como ligada a interesses materiais e traiçoeira, enquanto, o condestável é destacado como um eleito de Deus, uma nobreza renovada e devotada, que libertaria Portugal de Castela (ZIERER, 2017).

A exaltação de Nuno Álvares Pereira como o maior cavaleiro de Portugal ao longo do documento também demonstra seu papel como “verdadeiro português” ao ser imbatível em batalha por suas virtudes e pureza. Na realidade, tal como Galaaz na Matéria da Bretanha, o condestável é descrito de forma a destacar sua religiosidade reforçando como se fosse escolhido por Deus e possuir certa santidade.

A *Crónica do Condestável de Portugal* destaca Nuno Álvares Pereira como se estivesse em uma missão divina e que proteger o reino português contra os castelhanos, se tratava da vontade de Deus. Como podemos observar na seguinte citação, é como se o cavaleiro tivesse escolhido servir D. João de Avis através do Celeste, mesmo que isso o fizesse ser contrário à sua própria família:

[...] andava pensando como o conde Andeiro urdia o fim da sua traça, e que muitos dos fidalgos portugueses se não pejavam já de falar do Rei de Castela como seu senhor, Nun'Álvares escutou uma voz, como se fosse o espírito de Deus, dizer-lhe que a defesa do reino cabia a D. João, Mestre de Avis, que era filho de El-Rei Pedro, e mui nobre e valente cavaleiro (*A Crónica do Condestável*, 1993, p. 63).

Além de reforçar o caráter santificado de Nuno Álvares Pereira, torna-se evidente a intenção de exaltar a figura do cavaleiro português ao mesmo que a do futuro rei, colocando a decisão do condestável de servi-lo como se fosse uma interferência do próprio Espírito Santo. Diante disso, a obra retrata o comandante militar luso não apenas como o maior cavaleiro de Portugal, mas como alguém em uma missão divina que resultaria na criação da Dinastia de Avis.

Assim, apesar de Nuno Álvares Pereira durante o Movimento de Avis acabar se colocando contra a maior parte de seus parentes que se aliaram a Castela, a aliança de D. João de Avis e o condestável é tratada como sendo a consolidação de uma profecia de origem divina. Ironicamente, apesar da Dinastia de Avis utilizar da figura do cavaleiro português como forma de reforço político, um elemento pouco presente ou completamente ignorado é o fato que D. João de Avis e Nuno Álvares Pereira já entraram em um profundo desacordo.

É dito que o rei D. João de Avis buscou recuperar os territórios que concedeu para Nuno Álvares Pereira durante o processo de centralização régia, acarretando em uma disputa que apenas foi sanada entre eles com a união matrimonial entre a filha de Nuno Álvares Pereira, D. Beatriz, com o filho bastardo do rei João de Portugal, D. Afonso, que se tornou primeiro duque de Bragança, mas raramente isso é mencionado na documentação por tornar o condestável um símbolo do fortalecimento político para a Dinastia de Avis.

A descendência do Condestável resultou na formação da Casa de Bragança, demonstrando que sua linhagem continuou a estabelecer ligações matrimoniais com a família real portuguesa. Provavelmente mais pelo prestígio da descendência de Nuno Álvares Pereira que por D. Afonso, que era bastardo, tendo esse recebido o título de Conde de Barcelos pelo casamento com D. Beatriz e a pedido do sogro. Diante disso, existia a forte memória na corte real portuguesa que o cavaleiro luso era um guerreiro invencível e um senhor virtuoso, isso é reforçado pelo fato de *A Crónica do Condestável de Portugal* ter sido escrita pouco tempo depois de sua morte, fortalecendo que ele era uma figura de grande prestígio na época e que deveria ser lembrada, bem como admirada e imitada (AMADO, 1997).

A segunda principal fonte que podemos atribuir a respeito de Nuno Álvares Pereira trata-se da *Crónica de D. João I*, escrita após a morte do Condestável por Fernão Lopes entre 1461 e 1448, embora tenha sido publicado somente durante o século XVII, suas ideias eram conhecidas oralmente, sendo lidas em praça pública em momentos comemorativos, além de ter servido na educação da corte régia (ZIERER, 2017). Apesar do foco ser o monarca D. João, como o título sugere, Nuno Álvares tem um caráter de destaque na obra por ser um dos principais pilares que vai permitir a fundação da Dinastia de Avis.

A escrita desse documento se deu através de iniciativa de D. Duarte, sucessor e filho de D. João de Avis, pois era necessária uma legitimação simbólica da Dinastia de Avis, apesar da origem bastarda do seu fundador, e isso se deu através da Literatura. Aquele incumbido com a tarefa foi Fernão Lopes, guarda-mor da Torre do Tombo, contratado para escrever crônicas a

respeito de todos os monarcas de Portugal. Na realidade, a *Crónica do Condestável* é provavelmente o documento mais usada pelo autor como fonte para a elaboração *Crónica de D. João I*:

Seja qual for o recorte exacto dos seus antecedentes e contexto literários, o que é certo é que, no estado actual dos conhecimentos, a *Crónica do Condestabre* é a narrativa que se verifica ter sido usada mais exaustivamente por Fernão Lopes. Razões políticas ligadas à orientação geral que deu à *Crónica de D. João* e de simples assentimento ao prestígio público de que gozava Nun'Álvares foram já aduzidas nas páginas precedentes para explicar o interesse excepcional por esta personagem. Não será talvez inteiramente descabida a hipótese de que D. Duarte, na sua qualidade de promotor da escrita das crónicas e de quem mostrou empenho activo nesse empreendimento ao proporcionar ao seu autor materiais em abundância que lhe permitissem fazer trabalho bem acabado (segundo comentou Zurara), tenha pessoalmente orientado o cronista para um tratamento excepcionalmente prestigiante da pessoa do Condestável (AMADO, 1997, p. 51).

Percebe-se, então, como ocorre na citação acima, que a *Crónica do Condestável de Portugal* teve um impacto significativo na elaboração da imagem de Nuno Álvares Pereira no Medievo a ponto de ser a principal documentação utilizada por Fernão Lopes na escrita da *Crónica de D. João I*, assim, enfatizando não apenas o monarca, mas destacando de forma notável o papel do cavaleiro luso na formação da Dinastia de Avis. Na realidade, existindo a hipótese, de até mesmo D. Duarte ter sido o ponto central para que se destaque a figura do Condestável por Fernão Lopes, permitindo várias documentações que lhe auxiliariam a prestigiar Nuno Álvares Pereira em sua obra.

Atribui-se a autoria de Fernão Lopes, com alta probabilidade, a *Crónica de Portugal de 1419*, a *Crónica de D. Pedro I* e a *Crónica de D. Fernando*, bem como as duas primeiras partes da *Crónica de D. João I*. Damião de Góis o atribui também a autoria a terceira parte da *Crónica de D. João I* (Ou *Crónica da Tomada de Ceuta*), bem como a *Crónica de D. Duarte* (SARAIVA, 1988).

A *Crónica de D. João I*, juntamente com as que se centram em outros reis portugueses escritas por esse autor, passaram parcialmente por um processo de modernização por António José Saraiva no século XX, sendo essa versão uma das que utilizamos como guia inicial na presente pesquisa, mas com ênfase em uma edição de 2017 de *Crónica de Dom João I, Primeira Parte* com notas e edição crítica de Teresa Amado com a colaboração de Ariadne Nunes, Carlota Pimenta e Mário Costa.

À vista disso, a *Crónica de D. João* destaca-se a respeito do Movimentos de Avis o descrevendo não somente como um evento político ou militar determinante, mas também como possuindo uma origem divina. Como Monteiro destaca, para Fernão Lopes a própria mudança de dinastia não se limita às ações e pensamentos humanos, mas como sendo uma espécie de nova ordem sobrenatural e cósmica (MONTEIRO, 2017).

Assim, a *Crónica de D. João I* consolidou D. João de Avis como um “Messias” de Lisboa diante da ameaça de Castela, e semelhante à *Crónica do Condestável*, na qual Fernão Lopes utilizou como fonte, ele foi apoiado pelos que se consideram como “verdadeiros portugueses”. Esses atributos fizeram o monarca ser intitulado como o “Rei da Boa Memória” devido a circulação dos relatos atrelados a uma memória positiva do rei, principalmente devido as escritas de Fernão Lopes.

Desde o início da narrativa, Fernão Lopes vai intencionalmente construindo uma bipolarização no reino de Portugal. Esse elemento é necessário no documento, seja pela sequência de eventos históricos que ocorreram, seja pelo autor querer definir sem hesitação quem são os amigos e inimigos, os nossos e os outros. Isso é definido principalmente por meio da solidariedade, os pequenos contra os grandes (VENTURA, 1992).

Os apoiadores de D. João de Avis eram na maioria compostos por nobres secundogênitos, desprovidos de terras, sendo chamados de Fernão Lopes como uma categoria de nobreza ideal lusa, “mansa oliveira portuguesa”. Em contraponto, os nobres tradicionais, apoiadores de Castela são colocados na crônica como “enxertos tortos”, possuidora de uma série de características negativas, como falsidade e cobiça, sendo considerados traiçoeiros e apoiadores de um “herético e cismático”, no caso D. João de Castela (ZIERER, 2017).

Não se sabe tantos detalhes a respeito da vida de Fernão Lopes, mas é certo que ele pertencia à primeira geração após a fundação da Dinastia de Avis, ou seja, pertencia à geração dos herdeiros de D. João de Avis, além disso, possuía origem humilde. Segundo António José Saraiva, ele possuía a profissão de tabelião ou de notário, conseguindo exercer a profissão em qualquer localidade do reino, sendo um cargo de nomeação régia, exigia um mínimo de letras e era mediante a um exame (SARAIVA, 1988).

Em 1481, Fernão Lopes era guarda-mor da Torre do Tombo, título equivalente ao chefe do arquivo público do reino português, sendo responsável também por documentos régios. Devido ao seu trabalho com as crônicas a respeito dos monarcas portugueses, em 1434, D. Duarte lhe concedeu uma boa tença vitalícia, na mesma época já se intitulava como “vassalo

do *el-rei*”, em suma, já possuindo uma carta de nobreza. Fernão Lopes também foi escrivão da puridade do rei D. Fernando, que morreu em Ceuta, assim, foi responsável pela assinatura de seu testamento e em 1454 foi aposentado da função na Torre do Tombo devido à velhice (SARAIVA, 1988).

Como apontado por Ventura, existia a intenção por Fernão Lopes durante a *Crónica de D. João I*, de valorizar a figura do Condestável através de suas vitórias militares em auxiliar o surgimento da Dinastia de Avis e refundar Portugal através de D. João de Avis. Dessa maneira, na obra, enquanto o monarca luso era comparado pelo autor com Jesus Cristo, Nuno Álvares Pereira é retratado nesse quesito com se fosse a figura de São Pedro (VENTURA, 2011). Isso pode ser notado na seguinte passagem da obra:

Mas podemos bem dizer e apropriar que assi como o nosso salvador Jesu Cristo, sobre Pedro fundou a sua Igreja dando-lhe poderio que aquel que legasse e assolvesse na terra seria legado e assolto nos ceos, assi o Mestre que sobre a bondade e esforço de Nuno Alvarez fundou a defensom daquela comarca, lhe deu livre e isento poder, que el podesse poer alcades, e tomar e quitar menagens, e dar bens móvis e de raiz, e poer tenças e tirá-las, e todalas outras cousas assi perfeitamente como o Mestre delas usar poderia. E que aquelas que Nun’Alvarez per suas cartas desse, o Mestre nom desse depois a outrem; e assi se guardava sem poer mais dúvida. De guisa que como a dada de Nun’Alvarez se mostrava ser feita primeiro, logo o Mestre mandava que cessasse a sua, dizendo que sua mercê era de nom ir contra nehuã doaçom que Nun’Alvarez fezesse a alguã pessoa, mas confirmá-la e mantê-lo em ela (*A Crónica do Condestável*, 1993, p. 63).

Como pode ser notado, Fernão Lopes constrói na crônica um paralelo existente entre Jesus Cristo e São Pedro, os fundadores da Igreja, coloca D. João de Avis e Nuno Álvares Pereira como fundadores da Dinastia de Avis. Isso reforça o caráter de providência divina almejado a ser passado no documento, além disso, não apenas fortifica o cavaleiro lusitano como um dos pilares fundamentais do reino, tão importante quanto São Pedro foi para a formação da Igreja, como também conecta o Condestável diretamente com um santo.

Apesar do ousado paralelo estabelecido por Fernão Lopes de Cristo e D. João de Avis, a tarefa de pregação coube a Nuno Álvares Pereira na crônica, fazendo do Condestável o centro de toda essa parte do texto (AMADO, 1997). Assim, mesmo que o autor tenha estabelecido uma comparação direta de Jesus com o monarca português, trata-se do cavaleiro a figura central no que se refere a uma cerimônia religiosa, fundamenta ele como alguém mais ligado à fé cristã que o rei português.

Percebe-se, então, que Nuno Álvares Pereira tem um grande destaque na obra de Fernão Lopes, sendo atribuído a fundação da Dinastia de Avis como um evento de prudência Divina, comparando até mesmo D. João de Avis como o Messias de Portugal, bem como D. Nuno como o seu braço direito, exercendo a função de São Pedro, apesar disso, sendo colocado no centro da cerimônia religiosa.

É relevante ressaltar que apesar de Fernão Lopes diretamente descrever um paralelo existente entre Jesus e D. João de Avis, indiretamente também é construído essa ligação entre Cristo e Nuno Álvares Pereira, tendo em vista a forte religiosidade do cavaleiro português. Nesse sentido, o condestável era um símbolo de pureza, sendo reforçado na obra, tal como ocorre com a *Crónica do Condestável de Portugal*, que não desejava se casar, queria permanecer virgem e casto, característica atribuída diretamente a Jesus, o maior exemplo de modelo de comportamento do cristianismo.

Nesse sentido, existe a construção hagiográfica da figura de Nuno Álvares Pereira ao compará-lo diretamente com um dos apóstolos e santos mais importantes da tradição cristã. A *Crónica de D. João I*, estabelece, o Condestável como um herói hagiográfico, tratando-o de maneira semelhante aos sermões dos pregadores da vida de santo, reforçando mais o caráter do cavaleiro como uma figura santificada no período medieval, mas sem um convencionalismo retórico evidente (SARAIVA, 1988).

Não apenas a figura de D. João de Avis e D. Nuno Álvares Pereira eram comparadas a Jesus Cristo e São Pedro, ambos eram colocados como complementares, os exemplos ideais de cavaleiro e rei, com Fernão Lopes não pondo ninguém acima do Condestável, exercendo não uma relação de subalternidade com o monarca, mas como sua dupla, como discute Teresa Amado:

Mais que a subalternidade, creio que a expressão se refere à figura de verdadeiro duplo que ele incarna junto de D. João, numa composição narrativa e psicológica cuja a concepção e minuciosa execução não tem seguramente paralelo na nossa historiografia. Uma parte considerável da *Crónica de D. João I* é, aliás, preenchida pela história da relação entre os dois homens e da sua complementariedade na chefia política e militar do reino. A informação acessível a Fernão Lopes não lhe empunha necessariamente essa visão. A *Crónica do Condestabre*, por exemplo, é bastante omissa quanto á actuação de D. João e mostra Nun' Álvares quase solitário e independente nas ocasiões de decidir e de agir; faz o retrato do senhor medieval, sem atender ao seu contributo para a construção da nova era. (AMADO, 1997, p. 42).

Como descrito no trecho acima, percebe-se que a relação retratada por Fernão Lopes entre D. João de Avis e Nuno Álvares Pereira trata-se de uma composição de completitude,

uma relação ideal entre o militar e o político, o nobre ideal e o rei ideal, sendo a maior parte do documento centrado no laço dessas duas figuras. O autor reforça, portanto, a ideia do Condestável como um pilar central do estabelecimento da Dinastia de Avis em paralelo direto com o próprio monarca, diferente de outras fontes a dispor de Fernão Lopes, como a própria *Crónica do Condestável*, que não se aprofunda no monarca português e nem em sua relação com D. Nuno.

Na realidade, em grande parte da *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes se dedica a Nuno Álvares Pereira, com o autor perpassando as qualidades do Condestável, sua história, bem como as motivações para destacar sua figura, sendo isso o enfoque em diversos capítulos. Isso se inicia a partir do capítulo 31 da primeira parte intitulado como *Razões do autor desta obra ante que fale dos feitos de Nun'Alvarez*, na qual explica o porquê de estar fazendo isso e para não gerar uma estranheza no leitor.

Trata-se de uma passagem de suma importância na qual Nuno Álvares Pereira torna-se o principal foco da obra, apesar de se tratar de uma crônica régia, que deveria focar principalmente na figura de D. João de Avis. Apesar disso, Fernão Lopes se dedica não apenas ao monarca luso, mas passa diversos capítulos da obra menciona a figura do cavaleiro português, nesses momentos são visíveis paralelos com *A Crónica do Condestável de Portugal*, na qual o autor utilizou como uma das principais fontes.

Na realidade, Fernão Lopes lamenta de forma enfática durante *A Crónica de D. João I*, o fato de escrever após a morte dele, pois isso impossibilita o uso de testemunhos diretos, reduzindo-os a “escassas relíquias”. Isso é interessante principalmente pelo fato de Fernão Lopes em outras obras contar a respeito de períodos bem mais antigos durante sua trajetória, mas acreditava ser inconveniente não ter o contato com o Condestável. Isso levanta a possibilidade de que a memória a respeito do cavaleiro português poderia causar uma grande insegurança no autor devido ao legado e símbolo que ele representava (AMADO, 1997).

Fernão Lopes, por exemplo, passa nove capítulos seguidos na obra ~~se dedicando~~ falando a respeito de Nuno Álvares Pereira, isso sem considerar outros momentos da crônica de forma separada. Diante disso, o autor em *A Crónica de D. João I* explica os motivos que o levaram a falar dos feitos do Condestável, a sua linhagem, explicando quem foi seu pai e a sua mãe, como foi posto em armas na corte de D. Fernando, como se casou apesar de ser contra, bem como passou a ser leal a causa de D. João de Avis.

O encontro dos dois é definido como o encontro de dois predestinados, Nuno Álvares Pereira ao se aliar a D. João de Avis, é um fator de suma importância na obra. A razão na qual o Condestável se alia ao futuro monarca é por considerar que D. João de Avis era o mais apto para defender após a morte de D. Fernando. A partir de então Fernão Lopes passa a elogiar as virtudes do cavaleiro, bem como sua linhagem e liga as suas vitórias como uma predestinação divina (VENTURA, 1992).

Na realidade, a sua importante ligação é traçada na documentação em eventos prévios antes aos acontecimentos do Movimento de Avis, tendo em vista que na juventude Nuno Álvares Pereira foi feito escudeiro a pedido de D. Leonor Teles durante o regime de D. Fernando e, na ocasião, o futuro condestável utilizou o arnés de D. João por não ter uma armadura que lhe coubesse na época (ZIERER, 2017). Isso é uma ocorrência que é descrita tanto por Fernão Lopes quanto pelo autor anônimo da *Crónica do Condestável de Portugal*, simbolizando ainda mais a predestinação do encontro dos dois.

Um dos pontos centrais da *Crónica de D. João I* é a relação entre rei e cavaleiro, D. João de Avis e Nuno Álvares Pereira, sendo o Condestável um dos personagens com mais destaque durante a obra. O laço que é construído entre eles é destacado como uma amizade nascida de uma aliança de interesses mútuos, como pode ser visto na seguinte passagem:

Gram liança d'amor e bem querença se gerou muito antre Nun'Alvarez e o Mestre des que veo pera el e começou de o servir. E esto foi, segundo algu's escrevem, porque eram ambos de cavaleirosos corações, e acompanhados de virtuosos costumes. E porque nom há cousa que antre os homens gere mor amor que a concordança nos bons desejos, nom pôde o Mestre com sua vontade que se despedisse dele em Lixboa, quando Nun'Alvarez partio da cidade. Mas como passou per Almadã, e se foi a Couana, que som dhi três legoas, chegou hi o Mestre em huã galé, e comeo esse dia com Nun'Alvarez. (*A Crónica de D. João I parte 1*, 2017, p.162-163).

Como é perceptível nessa específica passagem, Nuno Álvares Pereira e D. João de Avis formam aliança devido aos seus interesses políticos, entretanto, Fernão Lopes destaca ambos como detentores de virtuosos costumes e, principalmente, se destacam como possuidores de corações de ideais de cavalaria. Assim, o autor na obra salienta a relação de ambos como vindoura também de aspectos positivos que os dois compartilhavam, virtude e cavalaria.

Vale ressaltar, como já comentamos anteriormente, que a amizade dos dois não é um ponto tão central em *A Crónica do Condestável* na qual Nuno Álvares Pereira protagoniza e Fernão Lopes utilizou como fonte para sua obra. Devido ao fato do autor anônimo buscava se concentrar nas façanhas de Nuno Álvares Pereira, o Condestável atua como um herói quase

solitário e o rei está bastante omissos. Por outro lado, *Crónica de D. João I* por reforçar a fundação da Dinastia de Avis como forma de legitimá-la, utiliza a figura do cavaleiro lusitano como demasiadamente atrelado a D. João de Avis, apesar do mesmo sendo teoricamente o foco central da obra, expondo a relação e amizade dos dois, bem como os feitos de Nuno Álvares Pereira, como um ponto determinante da obra.

Nesse sentido, Nuno Álvares Pereira é a figura mais necessária da *Crónica de D. João I* além do próprio D. João de Avis. Pois a ausência ou diferente decisão do Condestável poderia resultar em acontecimentos completamente diferentes para o reino português. Nesse sentido, Fernão Lopes se esforça para mostrar que os eventos que se seguiram e a aliança formada entre o rei e o cavaleiro foi a melhor das soluções possíveis (AMADO, 1997).

Pode-se observar que a relação dos dois tem paralelos com escritas clássicas, como as obras do autor romano Cícero, pois o laço de amizade dos dois foi construído através da virtude, ou seja, entre os bons. Nuno Álvares Pereira é descrito por Fernão Lopes como um conselheiro do monarca, com D. João de Avis ouvindo e atendendo as suas sugestões, ainda que não fosse omissa de desacordos. Nesse sentido, o autor reforça a sabedoria do Condestável em muitas dessas ocasiões, sendo que aconselhava com sinceridade e não se intimidava pela condição de futuro rei de D. João (GUIMARÃES, 2012).

Portanto, é notável que a figura de Nuno Álvares Pereira possui forte destaque nos escritos de Fernão Lopes, sendo um dos pilares fundamentais descritos pelo autor para a fundação da Dinastia de Avis. Ele é um dos personagens com mais destaque na obra que constantemente elogia sua figura, sendo utilizado até mesmo como um exemplo ideal de nobreza cuja virtudes deveriam ser almejadas. Em suma, o Condestável era um modelo de comportamento a ser seguido segundo o autor.

Constantemente suas virtudes, purezas e religiosidade são descritas, sendo o cavaleiro luso na *Crónica de D. João I* é apresentado como o nobre ideal como forma de consolidar politicamente a recém-fundada Dinastia de Avis. Sua relação de aliança política e amizade com o monarca é um dos pontos centrais da trama, apesar de historicamente os dois terem divergido em determinado momento, Fernão Lopes utiliza parte da sua obra para se dedicar à vida e façanhas do Condestável mais que qualquer outro aliado de D. João.

Ao mesmo tempo, os dois são também estabelecidos como complementares um do outros, Nuno Álvares Pereira é ao mesmo tempo braço-direito de D. João de Avis, mas também seu oposto, possuindo características que são reversas ao rei, mas que contribuem para a causa

de ambos. Nesse sentido, o Condestável recebe tanto destaque que pode ser colocado como segundo protagonista da obra de Fernão Lopes e como um contraste do monarca português. Como Teresa Amado argumenta:

Combinando a trajetória dos dois protagonistas ao longo de toda a narrativa, reproduz em todos os ângulos de visão, desde o que abarca os grandes objectivos ao que capta as expressões do rosto, os termos gerais em que se define a sua implicação mútua: se o Mestre tinha que ser o rei, quem concretizou a exequibilidade de tal projecto foi Nun'Álvares; se o rei devia e souber promover a paz, foi porque o Condestável soube ganhar a guerra; Se a fraqueza, o medo e a inépcia daquele que não tiveram consequências mais desastrosas e puderam servir à protecção de sua preciosa pessoa, foi porque este se excedeu em coragem, força e eficiência combativa. Acrescente-se que a prepotência inapelável do fundador da dinastia no tratamento dos inferiores contrasta com a justiça e a capacidade de perdoar de seu chefe militar. Em contrapartida, há de reconhecer a vantagem da cortesia e da prudência do primeiro em ocasiões políticas delicadas onde a severidade e impaciência do segundo só teriam agravado as dificuldades. Manifestam-se, em certo sentido, como o reverso um do outro (AMADO, 1997, p. 64).

Como pode-se perceber através de tais ideias, Fernão Lopes constrói os dois como protagonistas da narrativa, além disso, complementos um do outros através de suas qualidades opostas. Enquanto D. João de Avis é caracterizado como prepotente no trato com aqueles abaixo dele, mas age de forma prudente em situações políticas delicadas. Enquanto, o Condestável é representado por sua capacidade de perdoar e pelo seu senso de justiça, bem como pela sua força, bravura, coragem e eficiência nos aspectos militares, mas é impaciente em situações políticas.

Portanto, é notório que em *A Crónica de D. João I* um não pode existir sem o outro, Nuno Álvares Pereira e o monarca português são opostos entre si, mas justamente por isso conseguem completar as fraquezas um dos outros no que se refere a determinadas situações. Diante disso, Fernão Lopes constrói D. João I como eleito de Deus para ser o rei de Portugal, mas somente consegue isso com o auxílio do Condestável (ZIERER, 2017).

Assim, torna-se perceptível que na documentação Nuno Álvares Pereira era retratado como o exemplo ideal de cavaleiro, seja na *Crónica do Condestável de Portugal* que o retrata de forma mais solitária e com ênfase em suas façanhas e vida ou na *Crónica de D. João I*, focado bem mais na figura do monarca, na relação do cavaleiro e do rei, bem como a fundação da Dinastia de Avis. Ambas as obras do Medievo focam em suas virtudes e sua forte religiosidade, descrevendo sua dedicação a fé cristã, sua pureza, sua honra, sua linhagem nobre e sua dedicação aos costumes da cavalaria.

O fato de ter nunca perdido uma batalha é visto como uma bênção do Além, refletido pela pureza e religiosidade do Condestável, colocando as vitórias de Nuno Álvares Pereira como realizações milagrosas nas quais demonstram que o reino lusitano estava sendo favorecido por Deus de acordo com suas vontades. Além disso, o personagem histórico é utilizado também na documentação como um símbolo para a fundação da Dinastia de Avis como forma de legitimação política ao ficar do lado de D. João I, bem como um exemplo a ser seguido, um modelo de comportamento idealizado.

Através desses fatores, é possível ver que a figura de Nuno Álvares Pereira é construída desde o período medieval nos documentos, descrevendo-o como um cavaleiro virtuoso, ideal e religioso. Isso perpassou durante os séculos até a atualidade, passando das documentações medievais, como a *Crónica do Condestável de Portugal* e *A Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, escritos do século XV, até chegar ao ponto do cavaleiro luso ser canonizado no século XXI. Isso reforça o papel da Literatura no Medievo no auxílio da imagem do Condestável ao ponto de influenciar diretamente a História e chegando aos dias de hoje.

### 2.3 – Nuno Álvares Pereira e Galaaz

Nuno Álvares Pereira na documentação medieval, como *A Crónica do Condestável* e a *Crónica de D. João I*, era retratado como o “maior cavaleiro de Portugal”, e o Condestável nos registros possui paralelos especialmente com o personagem principal, Galaaz, de *A Demanda do Santo Graal*, eleito como “o maior cavaleiro do mundo”. Ambos são apresentados nas fontes como possuindo forte religiosidade, valorizando mais o espiritual que o carnal, e por isso eram postos como imbatíveis em combate. Como afirma João Golveia Monteiro:

É inegável a popularidade do imaginário arturiano nos meios cortesão portugueses ao tempo Nun'Álvares e dos cronistas sobre eles escrevem e que lhe imputam mesmo uma grande recetividade moral aos romances de cavalaria, ao ponto de afirmarem que o Condestável desde muito cedo, erigiu Galaaz, o cavaleiro casto, como seu paradigma de vida e de comportamento. (MONTEIRO, 2017, p. 29).

Como citado acima, a repercussão da Literatura da Matéria da Bretanha no reino português foi ampla, especialmente a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, e isso pode ser visto diretamente através da influência da imagem de Nuno Álvares Pereira nas crônicas com o cavaleiro português sendo descrito como elegendo o cavaleiro arturiano Galaaz como um exemplo a ser seguido, um modelo de comportamento.

Os dois cavaleiros possuem vários paralelos e semelhanças nas descrições em suas respectivas documentações, buscando serem castos, corajosos, puros e defensores do cristianismo, possuindo um forte compromisso religioso. A *Crónica do Condestável de Portugal* sugere que Nuno Álvares Pereira tivera contato com as narrativas arturianas na infância e apreciara a Matéria da Bretanha através das aventuras da Távola Redonda, principalmente Galaaz, como pode ser notado nesse determinado momento da obra: “Assim cresceu, andando a monte e à caça, sem entender em amor de mulheres, coisa que não lhe chegava ao coração. Tinha, sim, em grande gosto ouvir e ler livros de histórias, e, mais que nenhum, a de Galaaz e de Távola Redonda” (A *Crónica do Condestável*, 1993, p. 20).

Maria do Amparo Tavares Maleval (2012) reforça que os registros sobre a vida de Nuno Álvares Pereira, começam a ser narradas a partir dos seus trezes e já apresentam em seu início descrito como valente e muito virtuoso, possuindo como modelo Galaaz, que era a sua leitura preferida. Com isso, além de possuir "mesura", uma condição da cortesia, não utilizou como modelo de cavaleiro cortês, espelhado em Lancelot e Tristão, mas em uma cavalaria espiritual. Os dois são retratados como predestinados e o condestável buscou pela virgindade eterna do personagem literário que alcançou o Santo Graal.

É evidente que a forma que Nuno Álvares Pereira é retratado em a *Crónica do Condestável de Portugal* é semelhante à forma como Galaaz é retratado em *A Demanda do Santo Graal*, pois ambos são caracterizados com diversas características virtuosas ligadas à religião cristã. Ambos são apresentados como puros, corajosos, leais, ligados mais ao espiritual que ao material, e, principalmente, são imbatíveis em combate por sua forte religiosidade que torna Deus ao seu lado durante as batalhas.

De acordo com a *Crónica do Condestável de Portugal*, Nuno Álvares Pereira buscou seguir Galaaz como modelo de comportamento, pois queria possuir as mesmas características que o cavaleiro literário. Assim, o Condestável desejava se manter casto e puro para conseguir realizar façanhas como o personagem arturiano, como é expresso na seguinte passagem: “E como ali soubesse que, por virtude de não casar, Galaaz lograra acabar tão grandes e notáveis feitos, desejava também ficar solteiro, pois via o seu rei ameaçado dos inimigos e sonhava livrá-lo com nobres façanhas de cavalaria” (A *Crónica do Condestável de Portugal*, 1993. p. 20).

É perceptível, então, que Nuno Álvares Pereira possuía desejo de permanecer solteiro, isso é explicado pelo autor anônimo da obra, por ele possuir como modelo Galaaz de *A Demanda do Santo Graal* que jurou castidade eterna e através disso conseguiu realizar grandes

feitos de cavalaria. O cavaleiro português histórico almejou possuir as mesmas características que o personagem literário, por isso, procurou permanecer puro e fazer voto de virgindade eterna.

Entretanto, ele falhou nessa missão, pois por pressão familiar, Nuno Álvares Pereira foi obrigado a contrair matrimônio com uma viúva abastada chamada D. Leonor de Alvim “(...) ficou um pouco perturbado, já de vergonha, já de surpresa por lhe falar em casamento, coisa de que era bem longe de seu desejo.” (*A Crónica do Condestável de Portugal*, 1993, p. 21). Essa união originou três filhos, mas apenas uma menina que foi chamada D. Beatriz sobreviveu até a idade adulta.

Um ponto de importância na característica de ambos os cavaleiros vinculado à própria conduta de cavalaria, é o auxílio aos mais necessitados. Enquanto Galaaz realiza milagres exorcizando demônios, bem como curando uma leprosa e um paralítico, o condestável auxilia um cego em determina passagem da documentação:

E até um cego bradava que o não o deixassem entre aquela gente má. Nun'Álvares que o ouviu, houve dele piedade e o mandou pôr atrás de si nas ancas da mula que montava. E assim o levou por espaço de boas quatro léguas, até onde o cego foi contente de ficar. Vede quão humano e carinhoso senhor! (*A Crónica do Condestável*, 1993, p. 134-135).

Diante disso, como visto acima, reforçando que o papel de um bom cavaleiro também é o do bom cristão nessa perspectiva, refletindo que o que Galaaz realiza ao longo da novela de cavalaria deveria ser imitado, tal como ocorre com Nuno Álvares Pereira. Com ambos demonstrando características positivas ligadas aos preceitos do cristianismo de ajuda aqueles que precisam que a Igreja buscava implementar no núcleo da cavalaria.

Além disso, Nuno Álvares também é retratado na documentação como o maior cavaleiro do reino lusitano, “Ora ouvires, senhores, a história do melhor cavaleiro de Portugal, para que seus nobres feitos, como é razão, soem por todo o mundo e acordem quem os leia cobiça de os imitar” (*A Crónica do Condestável de Portugal*, 1993, p. 15). Ademais, o texto enfatiza que suas façanhas deveriam ser imitadas e por isso eram contadas, demonstrando que o condestável é retratado no texto como um modelo de comportamento que deveria ser almejado, semelhante ao próprio Galaaz.

Ressalta-se o caráter oratório dessa passagem em especial da *Crónica de Condestável*, pois ela implica que o documento era declamado, tal como ocorria com diversas outras obras da Idade Média, está implícito que a narrativa era lida para um grupo de pessoas (ZIERER, 2019. p.21). Considerando isso, era enfatizado diante massas o papel do cavaleiro lusitano como um modelo de comportamento que deveria ser seguido, suas características deveriam ser imitadas, pois ele é o maior cavaleiro de Portugal.

Outro ponto que a narrativa enfoca a respeito de Nuno Álvares Pereira é que ele está em uma missão mandada por Deus, assim como Galaaz está em busca do Santo Graal como uma ordem do além, o Condestável tinha um dever divino. Assim, a *Crónica do Condestável* constrói que o cavaleiro luso estava em uma missão mandada pelo Divino, sendo essa salvar o reino português da ameaça de Castela:

Entre estes, mais que nenhum, era Nun'Álvares. E como para os homens de grande devoção o dever é mandado divino, teve D. Nuno para si que salvar o reino do jugo de Castela era obra de Deus; e defender a sua terra foi em seu coração ponto de fé, inspiração do Alto. (*A Crónica do Condestável de Portugal*, 1993. p. 66).

Observa-se que Nuno Álvares, não apenas possui como objetivo defender o reino seguindo o acordo dos deveres da cavalaria, mas é descrito na obra como tendo um caráter de salvador de Portugal como uma missão mandada pelo Divino. Nesse sentido, é reforçado o Condestável como alguém de grande devoção, e por isso, foi incumbido por Deus para ele proteger o reino da invasão de Castela, sendo como uma inspiração do Além.

Isso se encaixa diretamente no que corresponde ao modelo de cavaleiro cristão atribuído na narrativa arturiana, como *A Demanda do Santo Graal*, pois os personagens vistos com tais características também são movidos como uma missão divina, no caso, alcançar o Santo Graal. Além disso, são apresentados como os maiores cavaleiros justamente por sua devoção, semelhante a como é caracterizado Nuno Álvares Pereira no trecho acima, especialmente é uma virtude que Galaaz é descrito como constantemente possuindo ao longo da novela de cavalaria do século XIII.

Além da *Crónica do Condestável de Portugal*, outro documento que reforça o paralelo dos dois é a obra de Fernão Lopes em a *Crónica de D. João I*. Fernandes (2009) explica que Nuno Álvares Pereira ocupa um espaço significativo na obra como uma exaltação à Dinastia de Avis, descrevendo como a grande renovação política. Assim, D. João I é apresentado como o

modelo de monarca ideal, como o Rei Artur, enquanto; o condestável correspondia ao cavaleiro ideal, Galaaz.

Semelhante ao texto anterior, *A Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, também reforça o papel de cavaleiro de Nuno Álvares Pereira, reforçando suas façanhas de cavalaria e no campo de batalha que o fizeram ser admirado e querer ser imitado, como pode ser observado no seguinte trecho quando D. João I de Avis concede-lhe o título de Condestável:

Enlegido o Mestre e alçado assi por rei, falou-se logo que fizessem condestabre pera a guerra em que eram postos segundo novamente fezera elRei dom Fernando quando em seu tempo os ingleses veerom. E ordenou elRei que o fosse o seu mui leal e fiel servidor Nuno Alvarez Pereira, havendo àquel tempo vinte e quatro anos e nove meses e doze dias, conhecendo del que era d'honestos costumes e mui avisado nos autos da cavalaria. Assi que vista sua prudente e notavel discreçom, bem se podia dizer dele que posto que cega fortuna em esta presente vida leixe nus de galardom alguõs que o bem merecem, contra este nom sendo ingrata, o promoveo estonce a alteza de grande e honroso officio, nas guerras e hostes do reino; do qual el usou de tal guisa, crecendo de dia em dia em cavaleirosos feitos que em muitos como depois verees, espertou envejosa grandeza. Porque se forteleza he esforçado desejo de percalçar grandes cousas, com soportamento de proveitoso trabalho, este nom receando noites asperas nem esquivos dias, nom temia se poer a quaesquer aventuras, por haver vitoria dos e~migos; nom por desprezar com soberva afouteza a multidom deles, mas porque nehu~ avisamento antigo podia estonce ser igual às sajarias daqueste novo guerreiro, sendo sempre muito sem oufania e levantamento em seus bem aventuirados vencimentos (*A Crónica de D. João I parte 1*, 2017, p. 377-378).

Como se percebe através dessa passagem, após ser proclamado e eleito como rei, Fernão Lopes aponta que D. João de Avis logo quer nomear Nuno Álvares Pereira como condestável, não somente por ser um vassalo muito leal, mas também por seus honestos costumes, a sua prudente e notável discricção por suas façanhas de cavalaria. Diante disso, enfatizando seu caráter como um cavaleiro ideal, reforçando seus feitos, bem como enaltecendo sua lealdade e honestidade, condutas dignas da conduta esperada da ideia de um cavaleiro através do Condestável.

Ademais, o trecho da obra de Fernão Lopes também implica, semelhante ao que ocorre na *Crónica do Condestável de Portugal*, que as façanhas de cavalaria Nuno Álvares Pereira eram notáveis e na realidade deveriam ser emuladas, em suma, imitadas, e que segundo o autor despertou a ambição de muitos para almejar ser como o mesmo. Isso denota a construção do Condestável, não somente como um cavaleiro ideal, mas também como um modelo de comportamento, alguém que deveria ser imitado e que despertou o desejo de muitos para seguir como ele.

Na realidade, essa não é a única semelhança existente entre a *Crónica do Condestável de Portugal* e a *Crónica de D. João I*, pois Fernão Lopes se utilizou da primeira documentação como uma das suas bases para a escrita da sua obra. Em ambas é possível ver Nuno Álvares Pereira apresentado no mesmo patamar que Galaaz da Távola Redonda, sendo dito que o Condestável se assemelhava ao personagem arturiano e almejava ser como ele, como pode ser notado de forma evidente nessa passagem da *Crónica de D. João I*:

Nun'Alvarez além de ser a todos mesurado de sua natureza, era-o muito mais a seu padre, e muito mandado e obediente. E quando lhe tal razom ouvio dizer, ficou hu~ pouco como torvado. A hu~a por a vergonha que de seu padre havia; a outra por lhe falar em feito de casamento, de que sua vontade andava muito afastada, ca el em esta sazom era de pequena idade, e todo seu cuidado nom era, salvo trazer-se bem, si, e os seus; desi cavalgar a monte e a caça, nom entendendo em amor de nehu~a molher, nem tam somente lhe vinha per maginaçom, mas lia ameúde per livros d'estorias, especialmente da estoria de Galaz que fala da Tavola Redonda. E porque em elas achava que per virtude de virgindade Galaz acabara grandes e notavees feitos, que outros acabar nom podiam, desejava muito de o semelhar em algu~a guisa. E muitas vezes cuidava em si, de ser virgem se lho Deus guisasse. E portanto era muito afastado do que lhe seu padre falara em feito de casamento; pero por lhe obedecer e dar reposta a sua pergunta, disse-lhe em esta guisa: — Senhor, vós me falaes em casamento, cousa de que eu nom era avisado. Porém vos peço por mercê que me dees logar pera cuidar em elo, e assi vos poderei responder (*A Crónica de D. João I parte 1*, 2017, p. 78).

Diante disso, percebe-se que Fernão Lopes também constrói na documentação um paralelo existente entre Galaaz e Nuno Álvares Pereira, descrevendo que em sua juventude possuía apreço pelas narrativas da Távola Redonda, especialmente por Galaaz. Além disso, como o cavaleiro arturiano, não possuía interesses em se relacionar com mulheres, mas possuir virgindade eterna seguindo princípios da fé cristã, assim, almejando ser como Galaaz para ter façanhas de cavalaria tal como ele.

Assim, é possível analisar que as duas documentações do Medievo descrevem pontos de contatos existentes entre uma figura histórica portuguesa, Nuno Álvares Pereira, se utilizando como base um cavaleiro literário fictício, Galaaz. Nesse sentido, estabelecendo que o Condestável almejava na juventude ser semelhante ao herói casto arturiano, compartilhando uma série de características com ele, como o código de honra da cavalaria e a dedicação religiosa, mas principalmente o desejo de se manter casto.

Dessa forma, os dois constantemente oram, jejuam, tendo dedicação religiosa, possuindo Deus ao seu lado e que garantem nunca perderem o combate, além disso, Galaaz permaneceu virgem, enquanto, Nuno Álvares Pereira almejou possuir essa característica.

Mesmo em desvantagem, possuindo menor número, os cavaleiros conseguem sair vitoriosos em batalha, característica atribuída como uma intervenção divina por meio de seus aspectos virtuosos de acordo com os registros.

Em ambas as documentações são atribuídos ao "combate contra os infiéis", pois Galaaz em *A Demanda do Santo Graal* consegue converter, Palamades, um cavaleiro mouro, ao cristianismo. Enquanto, Nuno Álvares Pereira participou em 1415 da Conquista de Ceuta, dominando uma cidade muçulmana no Norte da África, auxiliando na expansão do cristianismo, parte dos ideais do cavaleiro cristã (ZIERER, 2019).

Os dois também são descritos portando objetos com uma cruz, símbolos do cristianismo, por exemplo, Galaaz carregava um escudo branco com a imagem de uma cruz avermelhada. O símbolo era uma alusão às ordens militares medievais, como os templários, enquanto isso, Nuno Álvares Pereira é retratado em figuras possuindo um estandarte que também continha uma cruz vermelha em um fundo branco.

E simbolicamente ambos superam seus pais, tal como Galaaz se tornou o maior cavaleiro a partir do século XIII, consolidando o cavaleiro cristão ideal acima do cavaleiro cortês de Lancelot, Nuno Álvares também superou o seu pai como cavaleiro por suas façanhas e santidade. Como é relatado na documentação “Se o pai fundou castelos, agora vereis como D. Nuno fundou um reino; se a mãe foi devota e piedosa, agora vereis como D. Nuno foi quase um santo.” (*A Crónica do Condestável*, 1993, p. 17).

Além disso, se Nuno Álvares Pereira é comparado na documentação com Galaaz, um cavaleiro ideal, existe também a criação de um paralelo existente entre D. João de Avis e o próprio Rei Artur, aquele considerado o rei ideal e senhor de Galaaz. Isso pode ser observado em uma passagem na segunda parte da *Crónica de D. João I* durante o cerco na cidade de Coria na qual se compara ao Artur e lhe fazia falta os cavaleiros da Távola Redonda (ZIERER, 2017).

Na realidade, as obras arturianas, além de terem imensa repercussão em território luso, também estavam à disposição de Fernão Lopes durante a escrita da *Crónica de D. João I*, e, provavelmente, impactaram a escrita dele. Na biblioteca de D. Duarte havia um “Livro de Tristam”, um “Merlim” e mais destacável, um “livro de Galaaz”, a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, sendo um ciclo de narrativas que não podem ser ignoradas no contexto em que o autor estava inserido (AMADO, 1997).

Tal como os cavaleiros arturianos de *A Demanda do Santo Graal*, como Galaaz, Persival e Boorz conseguiam suas vitórias através de intervenção divina, a documentação também

colocava Nuno Álvares Pereira e os portugueses sendo vitoriosos através de Deus. Fernão Lopes em a Crónica de D. João I, por exemplo, narra Deus sancionando milagres na causa lusa, sendo reforçada através de sermões reconstituídos cuidadosamente. Isso é está relacionado ao juízo de Deus, onde os vencedores são favorecidos pelo Divino, elemento muito importante no Medievo no Direito e na guerra, e isso é exemplificado na obra por meio de Nuno Álvares Pereira (SARAIVA, 1988).

Nuno Álvares Pereira é elogiado por suas virtudes cristãs na obra de Fernão Lopes, o autor o define como um modelo de vida que estimulava o rei nas virtudes, sendo o Condestável descrito como um modelo para qualquer príncipe. *A Crónica de D. João I* coloca como ele regia seus homens em campanha mantendo os "bons costumes" ao proibir que trouxessem mulheres e jogassem jogos de dados (VENTURA, 1992). Isso tem paralelos também com *A Demanda do Santo Graal* em que os cavaleiros que se colocavam na busca pela relíquia sagrada não deveriam levar mulheres e não deveriam sucumbir aos pecados durante sua missão.

Nesse sentido, existe uma clara intenção na documentação medieval, seja pelo autor anônimo de a *Crónica do Condestável* ou nos escritos de Fernão Lopes, de destacar aspectos arturianos em Nuno Álvares Pereira, seja colocando seu rei, D. João I como Artur, seja traçando paralelos evidentes entre o Condestável e Galaaz, ou ~~colocando~~ descrevendo como intervenção divina suas vitórias devido as suas virtudes e pureza. Tanto o cavaleiro histórico quanto o cavaleiro literário compartilham diversas características que são traços de um modelo de comportamento cristão ideal, evidentes em sua busca pela castidade e por sua dedicação religiosa, bem como sua invencibilidade no campo de batalha e conduta cavaleiresca.

Portanto, para fins didáticos em relação aos pontos de contato, fizemos uma tabela como forma de estabelecer melhor as características semelhantes e diferenças existentes entre Galaaz e Nuno Álvares Pereira de acordo com as respectivas documentações apresentadas ao longo da pesquisa:

TABELA II – Comparação entre Nuno Álvares e Galaaz

<b>Nuno Álvares Pereira em <i>A Crónica do Condestável</i> e <i>A Crónica de D. João</i></b>	<b>Galaaz de <i>A Demanda do Santo Graal</i></b>
Figura Histórica do Movimento de Avis (Século XV)	Figura literária fictícia da Matéria da Bretanha (Século XIII)

O maior cavaleiro de Portugal	O maior cavaleiro do mundo (Anteriormente era Lancelot)
Destinado a salvar o reino lusitano (Como se Deus o tivesse incumbido a essa missão)	Destinado a alcançar o Santo Graal (Sentou-se no Assento Perigoso como prova, pegou a espada na pedra, dentre outras façanhas)
Religioso ligado à fé cristã (Espiritualidade)	Religioso ligado à fé cristã (Espiritualidade)
Considerado braço direito de um rei ideal, D. João de Avis	Membro da Távola Redonda, sendo vassalo de um rei ideal, Artur
Almejou a eterna virgindade de Galaaz (Mas acabou se casando por pressão familiar)	Jurou virgindade e castidade eterna (Nunca se casou ou caiu em tentação)
Generosidade com os mais necessitados	Generosidade com os mais necessitados
Invencível em batalha (Deus está ao seu lado)	Invencível em batalha (Deus está ao seu lado)
Oposição aos “maus portugueses” (Aqueles que não apoiaram D. João de Avis)	Oposição aos “maus cavaleiros” (Cavaleiros pecadores que falharam na Demanda)
Filho bastardo e superação da figura paterna	Filho bastardo e superação da figura paterna
Modelo de comportamento ideal a ser seguido (Documentos reforçam que ele deveria ser imitado ou que foi imitado)	Modelo de comportamento ideal a ser seguido (Esforços da Igreja para concretizar um cavaleiro cristão perfeito)
Realizou milagres após a morte (cerca de duzentos e vinte um associados a ele), sendo canonizado no século XXI	Realizou milagres ao longo da narrativa (Exorcizou um demônio, curou um paralítico...)

Fonte: Autoria própria

Assim, como pode ser notado pela tabela acima, é possível traçar paralelos existentes na documentação entre uma figura literária fictícia da Matéria da Bretanha, Galaaz, e uma figura histórica do Medievo, Nuno Álvares Pereira. Tanto *A Crónica do Condestável de Portugal* quanto *A Crónica de D. João I* de Fernão Lopes demonstram o cavaleiro luso possuindo características semelhantes aos do cavaleiro arturiano que protagoniza a novela de cavalaria *A Demanda do Santo graal*.

Eles são considerados como os maiores cavaleiros em suas respectivas obras, como se observa na Tabela II, Galaaz era o maior cavaleiro do mundo, enquanto, Nuno Álvares Pereira era o maior cavaleiro de Portugal. Além disso, os dois são destinados a cumprir um certo destino, o Condestável era retratado como o escolhido para salvar o reino português da ameaça de Castela, enquanto, o cavaleiro arturiano era o escolhido para alcançar o Santo Graal, com ambos cumprindo seu propósito no final das suas narrativas.

O papel de maiores cavaleiros dos dois estava conectado diretamente as suas virtudes e sua religiosidade, foram escolhidos por Deus, de acordo com a documentação, para cumprir seus objetivos. Nuno Álvares Pereira ouviu as vozes do céu, segundo *A Crónica do Condestável de Portugal*, para se aliar a D. João de Avis e salvar Portugal, enquanto Galaaz em *A Demanda do Santo Graal*, também recebeu o mesmo propósito para alcançar o Graal, passando pelas provações impostas a ele para demonstrar seu mérito como eleito, por exemplo, sentar-se no Assento Perigoso e retirar a espada da pedra.

Na realidade, como a Tabela II reforça, tanto *A Crónica do Condestável de Portugal* quanto *A Crónica de D. João I* descrevem que Nuno Álvares Pereira possuía contato com as narrativas da Távola Redonda e possuía Galaaz como modelo de comportamento a ser seguido. O Condestável buscava ser casto e puro como cavaleiro arturiano para realizar grandes façanhas de cavalaria, mas foi obrigado a se casar por pressão familiar.

Isso demonstra o impacto, segundo a documentação, que as obras arturianas envolvendo Galaaz tiveram na representação de Nuno Álvares Pereira, sendo que o Condestável além de se espalhar no cavaleiro literário também compartilha diversas características com ele, como apontado na Tabela II. Assim, é perceptível, como estabelecemos diversas vezes ao longo da atual pesquisa, que o cavaleiro português foi modelado nas fontes medievais do século XV como seguindo as virtudes do Cavaleiro Cristão que podem ser encontradas na Matéria da Bretanha do século XIII.

Um ponto de importância fundamental que conecta os dois, é o fato de ambos nunca terem perdido nenhuma batalha, tanto Galaaz quanto Nuno Álvares Pereira sempre foram vitoriosos, tal característica é atribuída a ambos como de proveniência divina. Deus intervém ao longo da *Demanda do Santo Graal* em favor do cavaleiro literário, vencendo diversos outros cavaleiros como forma de provar sua inocência, por exemplo, enquanto as vitórias do Condestável eram também atribuídas ao Além, bem como forma de provar que o Divino estava ao lado do reino lusitano, em suma, os eventos históricos da fundação da Dinastia de Avis ocorreram por vontade de forças superiores.

Tanto Galaaz quanto Nuno Álvares Pereira, são descritos com características virtuosas similares em suas respectivas documentações, tendo forte religiosidade, auxiliando os mais necessitados, realizando milagres, bem como buscando serem castos e puros. O cavaleiro literário para provar sua castidade e religiosidade, por exemplo, até vestia uma manta de espinhos, enquanto, Nuno Álvares Pereira, estava no centro de cerimônias religiosas, segundo Fernão Lopes, e não desejava se casar, mas seguir uma vida clerical.

Os dois como os maiores cavaleiros são apresentados como modelos ideais cuja características deveriam ser almeçadas pelos outros, como reforçado na Tabela II, ideais de nobreza e religiosidade, enquanto contrapõe contramodelos. No caso, Galaaz serve como contramodelo para os “maus cavaleiros”, cavaleiros pecadores que falham na missão para alcançar o Santo Graal, enquanto Nuno Álvares Pereira serve como contramodelo dos “falsos portugueses”, a antiga e tradicional nobreza lusa cuja maioria se colocou do lado de Castela.

Os cavaleiros da *Demanda do Santo Graal*, por exemplo, não podem levar mulheres para a missão, enquanto, segundo a obra de Fernão Lopes, Nuno Álvares Pereira não permita que suas tropas trouxessem mulheres para o campo de batalha. Em ambas as situações a decisão é relacionada à proibição que atos carnavais fossem cometidos e desvirtuassem os cavaleiros. Além disso, o Condestável seguia o “O rei Messias”, D. João de Avis, comparado diretamente com Jesus Cristo, enquanto, o cavaleiro português era São Pedro, já Galaaz seguia o Rei Artur, considerado o rei ideal, apesar de pecador, que também é comparado diretamente ao monarca lusitano na documentação.

Galaaz e Nuno Álvares Pereira também eram filhos ilegítimos, o cavaleiro arturiano era filho de Lancelot com uma mulher com a qual não era casado, enquanto, o Condestável era filho de Álvaro Gonçalves Pereira, que devia seguir um celibato clerical, mas teve diversos

filhos. Assim, apesar de elogiados como puros, são vistos como nascidos do pecado, como se fosse sua missão superar tal impureza como uma provação divina.

Apesar das condições de nascimento de ambos, é destacado nas documentações elogios as suas linhagens, Lancelot era o maior cavaleiro nas narrativas arturianas anteriores, enquanto, Álvaro Gonçalves Pereira e Iria Gonçalves do Carvalhal eram detentores de diversas qualidades também de acordo com os escritos do período. Nesse sentido, como podemos ver na Tabela II, Galaaz e Nuno Álvares Pereira superaram seus pais, com o cavaleiro arturiano se tornando o maior no lugar do pai a partir da cristianização da Matéria da Bretanha e alcançando o Santo Graal, missão que Lancelot falhou por seu amor a Genevra, já o Condestável é colocado como “fundador de um reino” e “quase santo” em contraste à construção de castelos e piedade dos seus pais.

O caráter religioso dos dois é reforçado constantemente na documentação, frequentemente orando e jejuando, por exemplo, com Deus intervindo em favor deles e isso explicando, de acordo com as obras, o motivo de serem imbatíveis em combate. Galaaz é chamado de “santo cavaleiro” em vários momentos de *A Demanda do Santo Graal*, tendo paralelos diretos com Jesus Cristo e realizando milagres, como curar um paraplégico e um leproso, bem como exorcizando um demônio. Enquanto Nuno Álvares Pereira é comparado a São Pedro, “morrendo com cheiro de santidade” e sendo atribuído a ele mais de duzentos milagres após sua morte ao ponto de ser canonizado no século XXI depois de um longo processo que se desejava desde o Medievo.

Demonstramos, então, como analisado ao longo da Tabela II, o papel da Literatura na Idade Média e seu impacto no estudo da História, sendo a proposta a construção de um material didático que auxilie os estudantes a compreenderem a sociedade portuguesa do medievo através de uma figura histórica lusitana da Idade Média que se tornou santo na atualidade, Nuno Álvares Pereira, que foi influenciado por um herói literário arturiano, Galaaz. Os dois são caracterizados de forma semelhante nas suas documentações, demonstrando os pontos de contatos entre os dois personagens, bem como da Literatura e da História. assim, mostrando influências do modelo de Cavaleiro Cristão da Matéria da Bretanha em Portugal no final do Medievo.

Tanto a *Crónica do Condestável de Portugal* e *A Crónica de D. João I* quanto *A Demanda do Santo Graal* reforçam caráter religioso dos dois cavaleiros, com Nuno Álvares Pereira conseguindo ouvir vozes dos Céus, bem como sempre orando antes de uma batalha, destacando o caráter divino e religioso de suas façanhas em combate que o fazem ser imbatíveis

em combate. Tais atributos também se encontram em Galaaz que constantemente jejuava, rezava e possuía Deus ao seu lado de acordo com a Matéria da Bretanha.

É importante ressaltar que Galaaz não é o único cavaleiro arturiano pertencente *A Demanda do Santo Graal* na qual Nuno Álvares Pereira tem paralelos,. Os valores descritos do Cavaleiro Cristão são atribuídos de forma geral também para os outros dois eleitos da obra mediante a serem valores considerados positivos pelo Cristianismo. Assim, o cavaleiro português como um modelo de cavaleiro cristão ideal, apesar de ser uma figura histórica, tem vários paralelos com os personagens arturianos, mas não apenas com Galaaz, mas também com outro escolhido pelo Graal, Boorz.

Percebe-se que a virgindade é um atributo valorizado no cristianismo como um símbolo de pureza, pois reflete diretamente a figura de Jesus Cristo, sendo uma qualidade cristã presente em dois dos eleitos, Galaaz e Persival, mas não em Boorz, segundo *A Demanda do Santo Graal*. O mesmo ocorre com Nuno Álvares Pereira, pois por mais que o Condestável seja retratado com aspectos considerados puros e com uma forte religiosidade, Boorz também é descrito assim, e ambos possuem uma impureza, apesar de tudo, pois não são castos.

O cavaleiro lusitano não desejava casar-se, mas foi obrigado por razões familiares a tornar-se marido da viúva D. Leonor de Alvim, assim, perdendo a virgindade e gerando filhos. "(...) ficou um pouco perturbado, já de vergonha, já de surpresa por lhe falar em casamento, coisa de que era bem longe de seu desejo" (*A Crónica do Condestável*, 1993, p. 21).

Percebe-se que Nuno Álvares Pereira, por mais que buscasse seguir como Galaaz, pois não desejava comprometimento matrimonial, foi obrigado a ter um relacionamento, semelhante ao que ocorre com Boorz em *A Demanda do Santo Graal* também não teve escolha e foi obrigado a perder a virgindade. O personagem arturiano contra a sua vontade teve relações sexuais com uma donzela através de magia, perdendo sua virgindade e, semelhante ao Condestável, também tendo filhos.

Apesar de tal impureza, Nuno Álvares e Boorz são considerados modelos de cavaleiros cristãos ideais em suas respectivas documentações, mesmo não sendo virgens, são castos e puros, possuindo forte espiritualidade, não desejando os prazeres mundanos da carne. E isso não é o único paralelo existente entre os dois, pois ambos durante o final da vida seguiram a carreira religiosa, o cavaleiro arturiano tornou-se um ermitão após sua aventura, enquanto, o Condestável ingressou Convento do Carmo permanecendo ali até morrer (MALEVAL, 2012, p. 447).

Mesmo diante das semelhanças entre Boorz e Nuno Álvares Pereira, é evidente que a documentação do período medieval, como a *Crónica do Condestável de Portugal* e *A Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, e como apontado ao longo do nosso trabalho, traçam um paralelo mais forte entre o Condestável com Galaaz de *A Demanda do Santo Graal*. O cavaleiro arturiano em específico é colocado como um modelo que o cavaleiro português segue, passando a juventude lendo sua narrativa, bem como almejando ser virgem, casto e religioso como ele, pois queria ter façanhas de cavalaria como o herói literário.

Nesse sentido, é perceptível que Nuno Álvares Pereira retratado nas obras medievais é descrito como possuidor de atributos vindouros da Matéria Bretanha. O Condestável, por suas características traçando paralelos diretos com Galaaz, é um modelo de comportamento ideal, o maior cavaleiro de Portugal cujas façanhas deveriam ser imitadas e que era considerado um nobre ideal diante a construção da Dinastia de Avis.

Nuno Álvares Pereira, de acordo com a documentação do período, era um modelo de cavaleiro cristão ideal, possuindo atributos e virtudes ligadas à fé cristã que o fizeram se destacar diante dos demais de sua época justamente por buscar ser como Galaaz, um cavaleiro fictício arturiano. Ao ponto que devido a sua forte religiosidade, é como se Deus diretamente intervisse ao seu favor, assim, o fazendo ser imbatível em combate, nunca tendo sido derrotado em nenhuma batalha que participou, como ocorre com o personagem fictício da Matéria da Bretanha.

Isso é reforçado com o Condestável sendo canonizado no século XXI, tornando-se São Nuno de Santa Maria, algo que desde a Idade Média foi almejado. Ambos são colocados como modelos a serem seguidos, Nuno Álvares Pereira é colocado como suas façanhas deveriam ser imitadas em *A Crónica do Condestável*, enquanto, na obra de Fernão Lopes ele é visto como um modelo virtuoso até para príncipes. Ao mesmo tempo, Galaaz em *A Demanda do Santo Graal* é um modelo de cavaleiro ideal apresentado pela Igreja no contexto de cristianização da Matéria da Bretanha ao ponto que serviu como modelo para o cavaleiro luso.

Além de buscar ser como Galaaz, Nuno Álvares Pereira é descrito nas obras como tendo paralelos direto com ele, seja em seu comportamento religioso, sua pureza, sua honra, seguir o código de cavalaria, um nobre ideal, quanto em batalha, pois ambos eram atribuídos como abençoados pelo Divino a não perderem. Eles também realizaram milagres segundo os registros, e deveriam ser imitados, tornando os dois como modelos de comportamentos de

cavalaria ideais ligados à fé cristã, apesar de um ser um personagem literário fictício e o outro um cavaleiro histórico português.

Portanto, essa relação dos dois é importante para se compreender o contexto da Idade Média em que ambos estavam inseridos, bem como reforça o papel e vínculo existente entre a História e a Literatura. Pensando nisso, a conexão de Nuno Álvares Pereira e Galaaz tornou-se um dos pontos focais na elaboração de um *E-Book*, um paradidático voltado a apresentar o período medieval através dessas duas figuras, reforçando o período histórico português e o papel do cavaleiro.

Entretanto, antes de nos aprofundar no Produto Didático que foi produzido diante das pesquisas acima, é interessante perpassar pela importância do estudo do Medievo nas salas de aula das escolas brasileiras, bem como foi estabelecido as pesquisas voltadas para a Idade Média em um território nacional que teoricamente nunca vivenciou tal período histórico, mas que teve grande impacto na realidade atual do país e como isso pode ser traçado para o convívio do aluno.

## CAPÍTULO 03 – A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA IDADE MÉDIA

### 3.1 – A importância da desconstrução dos preconceitos a respeito do Medievo

Existe a necessidade de ressaltar a importância do estudo do Medievo no Brasil, buscando superar o preconceito a respeito do estudo desse período histórico no país. Por conseguinte, torna-se relevante uma aproximação dos conhecimentos aprendidos na Academia com o público leigo, especialmente estudantes em nível escolar que possuem sua mente ainda em desenvolvimento e maturação, assim, expandido o espectro do campo da História Medieval.

Apesar de estar presente de forma forte na cultura brasileira, incluindo maranhense, bem como em séries, filmes e na cultura moderna, a Idade Média ainda sofre muito preconceito atrelado a uma visão negativa do período. É comum ainda ser disseminado o Medievo como um período de estagnação e obscurantismo, bem como uma temática eurocêntrica sem ligação com o Brasil.

Em suma, no contexto atual, ainda é reforçado estereótipos da época e propagando o Medievo como uma era de atrasos e com pouca ligação com o Brasil, mesmo no ambiente acadêmico das universidades, cada vez existindo a necessidade de provar o motivo e importância do seu estudo que é posto em prova constantemente. O preconceito com a Idade Média não é algo estritamente atual, como ressalta Zierer:

Até pouco tempo imaginava-se a visão geral sobre esse período histórico somente pelo seu lado negativo, lembrando que essa visão preconceituosa começou no Renascimento com Petrarca, que a intitulou de *tanebrae*, continuou no Iluminismo, com uma visão bastante anti-clerical de vários filósofos, que por isso viam o medievo de forma depreciativa, e essa imagem estaria consolidada hoje. O negativo estaria ligado à inquisição, às bruxas, aos bárbaros, à peste. (ZIERER, 2009, p. 09).

Como o trecho acima destaca, desde o Renascimento e passando pelo Iluminismo, a perspectiva a respeito do Medievo é cercada de preconceitos que se reflete até a atualidade através de estereótipos que associam essa época como uma era de obscurantismo. Nesse sentido, ocorre uma continuação dessa tradição errônea que foi construída ao longo da História a respeito da Idade Média e na qual existe a necessidade de ser compreendida e, principalmente, desconstruída para os estudantes no ambiente escolar.

Mesmo após tantos estudos na Academia em relação ao combate dessa visão estereotipada do período, na Contemporaneidade é perceptível que ainda se predomina esses preconceitos a respeito do Medievo. Uma Idade Média cercada de concepções distorcidas e

preconceituosas ainda é visível não apenas no ambiente escolar, mas no cotidiano dos alunos. Assim, existe a necessidade de passar o conhecimento acadêmico para desconstruir tais preconceitos e aprofundar o estudo da História Medieval na atualidade.

Diante disso, se almeja criar um elo que conecte o aprendizado da Idade Média na Universidade com os estudantes das escolas, demonstrando uma outra perspectiva a respeito do ensino do período medieval para os alunos. Como apontado por José Rivair Macedo (2003), a Idade Média ensinada nas escolas não é mesma dos pesquisadores, possuindo uma função social e um estatuto diferente no campo acadêmico, demonstrando uma diferença entre o que é estudado nas universidades e nas escolas, este último ainda está muito relacionado a uma perspectiva nacional europeia.

Ironicamente, a noção de uma Idade Média como um período de obscurantismo, bem como seu nome “Média”, indicando transição, estar no meio, entre ao que é considerado a Antiguidade e a Modernidade, provém do próprio final do que muitos estudiosos consideram como ainda pertencendo ao Medieval. Dessa forma, o próprio termo que até os dias de hoje é utilizado para denotar essa época, Idade Média, normalmente colocado como o período de mil anos entre o século V até o XV, está já carregado de preconceitos.

Nesse sentido, a pesquisa se pauta em buscar desvencilhar tais preconceitos a respeito do período, esclarecendo que a própria noção de como Medieval veio a ser ensinado, reforçando as noções que fizeram originalmente esse recorte histórico. Em suma, trabalhando em porque, por exemplo, a Era Medieval passou a ser conhecida da forma negativa até a Contemporaneidade, como elucidado por Le Goff:

Essa ideia surgiu no decorrer da própria Idade Média, principalmente perto do fim, primeiro entre estudiosos e artistas que sentem que os séculos transcorridos antes dele - que para nós são o coração da Idade Média - foram um intermédio, uma transição, e também um período obscuro, um tempo de declínio, em relação à Antiguidade, da qual eles têm uma imagem idealizada. (LE GOFF, 2007, p. 17).

Como pode ser percebido na citação anterior, a noção de Medieval foi uma construção e que possuía um objetivo, especialmente vinculado a uma noção de declínio e uma idealização da Antiguidade. Portanto, se faz necessário fazer os estudantes compreenderem a própria noção de como a Idade Média como recorte histórico foi constituída na historiografia, buscando desvincular de noções errôneas a respeito dessa época, bem como porque elas foram construídas em primeiro lugar.

Le Goff (2007) reforça a ideia de duas visões existentes a respeito do Medieval no geral, uma Idade Média considerada "má", tratada anteriormente, bem como uma "boa". A visão ruim é vinculada à noção negativa da Idade Média, vista como um período de atrasos, violência, doença e pobreza, principalmente para contrapor uma noção científica que períodos posteriores vão construir para si mesmos, como no caso dos Iluministas. O período medieval também passa a ter visão "positiva" após ser apropriado no século XIX pelo movimento do Romantismo, passando por uma idealização, especialmente focando nos magníficos castelos e na imagem do cavaleiro, ressaltando o aspecto nacionalista europeu.

Apesar de ser considerada uma visão "boa", é sempre necessário reforçar para os estudantes que esses preceitos, não fundamentalmente eram a realidade do período, seja a visão "negativa" dos iluministas quanto a "positiva" dos românticos. Nesse sentido, a idealização da Idade Média se propagou até a atualidade, podendo ser percebido no ambiente escolar. Assim, tal debate pode ser o ideal para construir uma noção para os estudantes de como o conhecimento passa a ser ensinado e construído, bem como isso reflete o seu dia a dia, não somente no ambiente escolar, mas também no seu cotidiano.

Como exposto por Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Maria F.Braga Garcia (2005), é necessário recuperar a vivência pessoal e coletiva dos docentes e discentes para serem vistos como participantes da realidade história que deve ser analisada e retrabalhada para ser convertida em conhecimento histórico. Através disso demonstrando as noções negativas que a Idade Média é afetada até a Contemporaneidade e porque ainda são mantidas.

Nesse sentido, torna-se cada vez mais necessário reforçar a importância para a disseminação do estudo da Idade Média no Brasil, não apenas no ambiente acadêmico, onde os Medievalistas buscam adquirir mais espaço, mas expandir tal debate também nas escolas. Com isso, temos a intenção de fazer tanto os discentes quanto docentes refletirem a realidade atual através de como o passado é representado utilizando-se do Medieval, pois o estudo do período medieval no país é colocado em disputa diariamente.

O caráter da BNCC, a Base Nacional Comum Curricular, que define aprendizagens e orienta currículos no território, formulada a partir do Ministério da Educação, reforça como o estudo da Idade Média constantemente precisa reforçar sua importância no país. Em um primeiro momento, especificamente a versão inicial proposta em 2015, excluía completamente na área da História a necessidade do aprendizado de História Antiga e Medieval no Brasil. Como reforça Marcella Lopes Guimarães:

A primeira versão do documento propôs a supressão do ensino da História Antiga e da História Medieval no país. A amputação dessas áreas e de outras foi tão evidente que o então ministro da educação, Prof. Renato Janine Ribeiro, não demorou a fazer ele mesmo críticas às supressões. As colaborações até 2017 e 2018 transformaram esse documento e devolveram às crianças, jovens e adultos a promessa de mundo mais amplo, que, entretanto, cabe a nós – professores e professoras – colaborar para concretizar. (GUIMARÃES, 2021, p. 638-639).

Compreende-se através disso que a versão inicial da BNCC não contemplava a História Medieval, reforçando como o ensino desse período histórico no Brasil é cada vez mais alvo de disputa e necessita constantemente reforçar sua importância do seu aprendizado. Por mais que as edições posteriores do documento, após fortes críticas tenham devolvido o ensino do Medieval, é preciso os discentes reforçarem diariamente o porquê a Idade Média precisa ser estudada no país, bem como no Maranhão.

Como aponta Igor Salomão Teixeira e Nilton Mullet Pereira (2016), após a publicação do documento a Associação Brasileira de Estudos Medievais disponibilizou uma carta aberta sobre a retirada do Medieval na versão preliminar da BNCC. Concentrando-se principalmente que a permanência do estudo do Período Medieval não é uma "defesa" a uma visão Europeia ou uma visão conservadora sobre o ensino de História, mas lutar pelo acesso a um patrimônio cultural diversificado. Ou seja, um conhecimento fundamental em um mundo que passa por transformações sociais.

A proposta de retirada do período Medieval na Base Comum Curricular demonstrou não apenas para os professores ou acadêmicos, mas para o país inteiro, como o estudo dessa época não é valorizado e que se não houvesse um alvoroço por parte da comunidade o ensino de Idade Média ia ser completamente opcional no país. E mesmo com a retomada, o aprendizado do Medieval perpassa por enalços por ser depreciado, considerado uma época longe e distante da realidade brasileira atual que não deve ser levada em consideração.

É necessário se considerar as motivações da primeira retirada, a Idade Média em geral é abordada de forma precoce na educação brasileira em decorrência da própria construção do currículo escolar que se concentra em destacar a formação do país. Como observado por Douglas Xavier Lima (2019), a amputação da Idade Média na Base Comum Curricular ocorreu por uma suposta tentativa de quebrar com uma narrativa histórica de viés eurocêntrico, na qual o Brasil surgiria após as chamadas Grandes Navegações. Só depois de várias discussões se que retomou o estudo do Medieval na disciplina de História, mas ainda permanecendo com pouco espaço.

Diante disso, buscou-se a negação do período Medieval como opção de estudo no ambiente escolar na tentativa errônea de considerar que o Brasil, como não passou diretamente por uma Idade Média, não haveria a necessidade de ser ensinado. Entretanto, ao mesmo tempo o documento oferecia que o pontapé inicial que representava o recorte histórico que os alunos brasileiros deveriam aprender, perpassa pelo aparecimento dos portugueses na região.

Trata-se de um apagamento de todo um contexto histórico para os estudantes, bem como especialmente os aliena negando parte do passado, não apenas relacionado ao país, mas retirando a ligação do território com o restante do globo. Deve-se reforçar a construção de uma consciência histórica para os estudantes, em suma, como o passado os afeta e os fez chegar até a atualidade, bem como isso pode ser importante para o futuro.

Como apontado por Armando Terribili e Paschoal Quaglio (2008), o professor tem que **se procurar em** atuar de forma reflexiva com o intuito de servir como um facilitador da aprendizagem dos alunos através da reflexão. Diante disso, permitindo a integração entre os referenciais teóricos e a prática, levando a construção dos saberes históricos para os alunos.

Nesse sentido, os docentes necessitam construir uma ponte entre o conhecimento aprendido nas Universidades e passar para os estudantes no ambiente escolar, de modo que atue cada vez mais e aproxime os alunos do conhecimento acadêmico. Assim, o aprendizado em História possui a função de fomentar o desenvolvimento de uma compreensão reflexiva da realidade nos discentes, sendo o principal eixo da presente pesquisa expor isso através do Medievalo.

Logo, se faz necessário criar alternativas para a compreensão da Idade Média em sala de aula, principalmente, como o professor pode criar essa ligação entre o aprendizado das universidades e transportar para o ambiente escolar de forma efetiva. Adriana Zierer propõe discutir como se constituiu o passado Medieval com a realidade atual de modo a fazer os estudantes refletirem, como:

Para além do fortalecimento da História Medieval em eventos científicos e publicações são necessárias algumas sugestões de atividades no ensino. Pensando na necessidade de aproximação da História desenvolvida no meio acadêmico com o meio escolar, uma opção seria mesclar o ensino cronológico e o ensino temático. Um exemplo seria trabalhar a importância da religião na Idade Média ou o papel dos camponeses no trabalho, fazendo um contraponto com os trabalhadores da sociedade atual nas cidades e no campo. (ZIERER, 2009, p. 15).

A ideia defendida na citação, por exemplo, se constitui em não abolir um ensino cronológico especificamente, mas atrelar a realidade do aluno ao período Medieval,

principalmente considerando as exigências do Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM. Mas utilizar a proposta de relacionar ao cotidiano dos estudantes as vivências do passado de modo a buscar despertar sua curiosidade, bem como perceber as diferenças e semelhanças com a contemporaneidade.

Como trabalha Marc Bloch (1949) em *Apologia da História*, o estudo da História se pauta em compreender o presente pelo passado e, ao mesmo tempo, compreender o passado pelo presente. Nesse sentido, deve-se construir nos estudantes, não apenas a História como um período longínquo e distante, mas que impacta na sua realidade e explica como o mundo é constituído na atualidade.

Em suma, é importante se aprofundar em uma aprendizagem histórica desenvolvida em função da possibilidade de aproximar o passado do presente vivido, ou pelo menos, tornar familiar esse passado considerado distante. Não somente isso, mas como esse passado passa a ser utilizado nos dias de hoje e como o estudante trata-se também de um sujeito histórico.

Como Umberto Eco (2012) aponta, é na Idade Média que muitas coisas utilizadas na atualidade surgiram, por exemplo, foi o período que ocorreu a invenção da calça, as cartas de jogo, o papel, a camisa, os óculos, os algarismos árabes, os nomes das notas musicais, o xadrez, os vitrais, as gavetas, os botões, bem como a pólvora e outras diversas inovações. Assim, se constituindo de um período riquíssimo que pode ser trabalhado em sala de aula como a origem de diversas ainda comuns no dia a dia, procurando aproximar o estudante da realidade e que é essencial para a compreensão da realidade atual.

Outro ponto relevante a respeito da importância do ensino de História Medieval é apontado por Cláudia Regina Bovo (2018) no qual os estudantes para conseguirem desenvolver um pensamento crítico e uma consciência histórica, necessitam ter contato com estudos de períodos mais recuados, como a Idade Média, que irão auxiliá-los a desenvolver noções como temporalidade, como discutido aqui:

[..] qual a contribuição cognitiva das temporalidades recuadas para a formação histórica dos jovens? O tempo enquanto categoria ordenadora da pesquisa e do ensino de história, enquanto condição que permite a fundamentação singular da história frente as outras ciências humanas, precisa das temporalidades, das cronologias que advém delas e dos ritmos diferentes das durações, para estabelecer suas singularidades e também suas relações com o presente de onde se parte para pensá-las. (BOVO, 2018, p. 288).

Como elucidado acima pela pesquisadora, uma parte importante do estudo do período medieval trata-se de tornar o aluno consciente das diferenças históricas que ocorreram em

tempos anteriores e como isso se estabelece na realidade presente. Além disso, auxiliando o estudante a se situar no tempo, algo de grande importância para compreender a si mesmo e a sociedade em que vive, e tirar isso do ambiente escolar afeta diretamente o pensamento crítico.

A retirada do período medieval no Brasil impacta, por exemplo, no apagamento de toda noção de mundo que os portugueses até então possuíam, e que eventualmente transmitiram no que iria se constituir como território do país. É necessário compreender o Medieval para se entender a mentalidade e ideologias que, até então, eram carregadas nas Grandes Navegações, bem como elas se formaram, se constituíram e como impactaram a sociedade de modo geral.

O próprio ensino do Medieval de Portugal passa por dificuldades no ensino do Brasil, no ambiente escolar ao ser abordado o período Medieval é especialmente enfatizado a Idade Média da França ou Inglaterra, existindo pouca ênfase no território lusitano, região que influenciou diretamente o Brasil ao longo de sua formação histórica, social e cultural como país e na qual carrega reminiscências dessa época até hoje em dia.

Como Marcella Lopes Guimarães (2021) reforça, Portugal quando aparece pela primeira vez para os estudantes é no 4º Ano do Ensino Fundamental nos processos migratórios que formariam o Brasil, mas sem quaisquer citações a respeito do contexto medieval lusitano. E posteriormente, quando é primeiro abordado o Medieval lusitano, como, por exemplo, no Ensino Médio, não é fundamentado um contexto e importância devida.

Existem muitas possibilidades do ensino da Idade Média portuguesa no país, principalmente se considerados os vários fatores que o entrelaçam com o Brasil, por exemplo, a própria língua portuguesa é derivada dessa época no contexto lusitano. Diante disso, podendo ser abordado as mudanças que em oito séculos esse idioma passou, sem falar em várias pesquisas sobre o período medieval que são estudadas no Brasil nas universidades, mas que não chegam ao ambiente escolar. Como aponta Guimarães:

A formação de Portugal oferece muitas possibilidades de trabalhar com movimentações de pessoas no medieval, com o tema da viagem, da movimentação no Mediterrâneo, com a sociedade, com a fragmentação do poder político, com o papel das mulheres (Afonso Henriques confrontou a própria mãe na guerra...) e com relações “internacionais” entre reinos. Tudo isso está na BNCC. (GUIMARÃES, 2021, p. 651).

Assim, como observado na citação acima, trabalhar Idade Média em Portugal, por exemplo, destaca a possibilidade de cumprir os próprios princípios impostos pela Base Comum

Curricular. Construindo nos estudantes várias noções de sociedade e política que devem ser abordadas na História para os estudantes melhor compreenderem o passado do Medievo.

Portanto, percebe-se que apesar do Brasil não ter vivenciado o período Medieval diretamente, foi influenciado por essa época e se deve ressaltar a importância do seu ensinamento nas escolas, auxiliando na compreensão do estudante na realidade que vive e na construção de uma consciência histórica. Além disso, apesar do ensino do Medievo estar gradualmente ganhando espaço, ainda perpassa por vários obstáculos e diariamente deve-se provar merecedor do seu espaço. Como aponta Le Goff (1990) no livro *História e Memória*, a História não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional na pesquisa, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica.

Para isso é importante discutirmos o processo de crescimento dos estudos medievais no território brasileiro, bem como no Estado do Maranhão. Assim, auxiliando em compreender como se formou a pesquisa a respeito da Idade Média no país, bem como academicamente se desenvolveu produções voltadas a compreender as reminiscências históricas do Medievo que podem ser vistas na sociedade brasileira atualmente.

### **3.2 – A trajetória do estudo de Idade Média no Brasil e no Maranhão**

A trajetória da pesquisa a respeito do Medievo no país começou de forma vagarosa, mas começou a ganhar força gradualmente, principalmente na região Sudeste, posteriormente se expandido para outras regiões. O alvo de estudo geralmente está entrelaçado ao legado medieval no Brasil com pesquisadores investigando principalmente as contribuições do Medievo para a nossa formação nacional, principalmente através do imaginário político, social, econômico e religioso. Entretanto, essa expansão no estudo de Idade Média começou tímida e só ganhou força a partir do final do século XX.

Como comenta Zierer e Oliveira (2019), um dos principais motivos de expansão dos estudos a respeito da Idade Média no Brasil está vinculado à ampla circulação dos escritos dos membros da escola dos *Annales*, bem como o estudioso Fernand Braudel na década de 1930 ensinando na Universidade de São Paulo nos primeiros anos de sua fundação, abrindo caminho a futuras influências de novas concepções de História-Problema.

Outro principal motivo trata-se do fortalecimento da Pós-Graduação em História no país, com o incremento da investigação na área de História Antiga e Medieval, destacando-se

a participação dos docentes Ciro Cardoso a respeito de História Antiga e Vânia Fróes no que se refere a História Medieval, para o fortalecimento da área de Pós-Graduação na Universidade Federal Fluminense (ZIERER; OLIVEIRA, 2019).

A primeira Tese de Doutorado defendida no Brasil foi em 1942 e sua temática foi o Medieval, como discute Marcelo Cândido da Silva e Victor Sobreira (2017), com o trabalho intitulado “*O comércio varegue e o Grão Principado de Kiev*”, de Eurípedes Simões de Paula, na Universidade de São Paulo. Contudo, o fato da primeira Tese ter sido em História Medieval teve pouca repercussão para a área, pois a pesquisa a respeito desse período continuou a ser feita de forma isolada e na dependência de algumas figuras-chave do mundo acadêmico do país. Somente com a reestruturação da universidade brasileiras, ocorrida entre as décadas de 1960 e 1980, e com o aumento nas opções de financiamento da pesquisa e de bolsas de estudo, houve um primeiro impulso no estudo do Medieval.

Como comenta Néri de Barros Almeida (2013), um esforço para a formação de pesquisadores a respeito de Idade Média no país é uma iniciativa de tempos recentes, datado apenas na década de 1980. E se deu ao mesmo tempo que a progressão da modernização e expansão do sistema universitário brasileiro nas pesquisas científicas das ciências humanas, principalmente no que se refere a pós-graduação na década de 90. Os estudos no Brasil a respeito do Medieval não se desenvolveram em resposta a demandas da área de História, mas do aumento do incentivo à pesquisa e da organização dos ambientes de estudo em geral que foram promovidos pelo Estado através das Universidades.

O estudo do Medieval demandou um gradativo processo para se estabelecer completamente em território nacional, sendo progressiva sua expansão e particularmente se concentrando na região sudeste no Brasil, possuindo no início poucos especialistas em Idade Média nas Universidades em outras regiões do território nacional, como pode ser atestado aqui:

A atuação de especialistas em história medieval nas Universidades brasileiras, nos anos 1990, passou por um processo inicial de expansão. Porém, essa expansão ficou limitada em número de doutores em estados das regiões sul e sudeste do país, com especial concentração em São Paulo e no Rio de Janeiro. (...) Ainda neste período, a maior parte das Universidades brasileiras sequer tinha um medievalista em seus quadros. Situação que mudou quantitativa e substancialmente nos últimos dez anos: seja pela criação de novas instituições e cursos de História, seja pela reposição de aposentadorias, seja pela ampliação do número de concursos. (TEIXEIRA; PEREIRA, 2016, p. 18)

Dessa forma, como aponta o trecho destacado, houve uma expansão significativa do estudo do Medieval durante a década de 90, mas foi um processo lento, sendo especialmente

concentrado na Sudeste do país, como São Paulo e Rio de Janeiro. Mas existindo pouca ou nenhuma presença de Medievalistas nas Universidades em outras regiões do Brasil, como Nordeste, por exemplo, durante esse período.

A respeito do aprofundamento da História Medieval no país, Zierer (2009) aponta, que é perceptível que os estudos do Medievo no território brasileiro se fortaleceram principalmente em 1996 após a criação da Associação Brasileira de Estudos Medievais, ABREM. Trata-se de uma instituição interdisciplinar, com pesquisadores de áreas não apenas da História, mas também de Letras e Filosofia. Ocorrendo encontros internacionais bianualmente e possui um jornal semestral com matérias sobre eventos e publicações a respeito do Medievo, bem como uma revista impressa anual, a *Signum*.

Outro ponto de fortalecimento, são simpósio temáticos bianuais através do Simpósio Nacional de História da ANPUH (Associação Nacional de História), onde são discutidas produções dos grupos de pesquisa e encontro regionais de cada Estado brasileiro, contando com três grupos de trabalho nacionais que desenvolvem pesquisa a respeito de Idade Média. As reuniões nacionais da ANPUH permitiram a divulgação e discussão de projetos desenvolvidos nas universidades e a visibilidade institucional da área no ambiente em que acontecem as reuniões que discutem propostas para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa em história que serão levadas ao governo federal (ALMEIDA, 2013).

Não somente os cursos de pós-graduação das Universidades, mas os laboratórios, grupos e centros de pesquisa passaram a desempenhar papel de grande importância na formação dos especialistas no Brasil a respeito do período Medieval, bem como na organização de projetos para o desenvolvimento na área no território nacional, como salienta Almeida:

Dentre os grupos que hoje atuam no aperfeiçoamento da pesquisa em história medieval, destacamos os mais antigos: o *Programa de Estudos Medievais* (PEM) da Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal de Goiás (UFGO), existente desde 1994, coordenado por Maria Eurydice de Barros Ribeiro; o *Scriptorium – Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos* da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenado por Vânia Leite Fróes; o Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMEd), da Universidade Federal do Paraná, coordenado por Renan Frighetto e Fátima Regina Fernandes; o *Programa de Estudos Medievais* (PEM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado por Andréia Cristina Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva; o *Translatio studii* coordenado por Mário Jorge da Motta Bastos (UFF) e o *Laboratório de Estudos Medievais* (LEME) que reúne as três universidades públicas do Estado de São Paulo (USP, UNICAMP, UNIFESP) e as Universidades Federais de Goiás (UFG) e de Minas Gerais (UFMG) coordenado por Marcel Cândido da Silva (USP). A maior parte destes grupos nasceu nos anos 1990, decorrentes da multiplicação dos centros de pós-graduação no país. Desde então a Universidade de São Paulo deixa de concentrar a formação dos

doutores em história medieval. A formação dos profissionais fora de São Paulo passa nos anos 1990 a incluir os programas de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). (ALMEIDA, 2013, p. 07).

Assim, é notável como na citação acima, que o desenvolvimento de diversos laboratórios de pesquisa brasileiros a respeito da Idade Média contribuiu significativamente para formação de uma série de pesquisadores especializados no Brasil, atuando em diversas partes do território nacional. Diante disso, a produção acadêmica a respeito do Medieval passou a se adentrar em outros Estados e regiões do país, não apenas no Sudeste, mas se expandindo cada vez mais no país e ocupando gradualmente mais espaço nas Universidades.

Conseqüentemente, os estudos medievais no Maranhão começaram a se desenvolver com a vinda de pesquisadores de outras regiões do Brasil, sendo que até o ano de 2003 ainda não havia especialistas no período Medieval no Estado. As pesquisas se desenvolveram desde então na Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, que teve os primeiros bolsistas de iniciação científica de História Medieval com trabalhos iniciados em 2004.

No contexto maranhense, o Grupo de Estudos de Celtas e Germânicos, *Brathair*, também contribuiu para a expansão das pesquisas na área, principalmente através da realização de eventos como simpósios e sua revista, bem como Encontros Internacionais de História Antiga e Medieval que ocorrem no Estado desde 2005. Os eventos se constituem como uma forma de expandir os laços dos estudiosos do período Medieval tanto academicamente quanto socialmente, compartilhando pesquisas e perspectivas das mais variadas a respeito de Idade Média.

Além disso, permite o encontro de diversos pesquisadores das mais diversas regiões do Brasil, especialmente com a evolução tecnológica das chamadas por vídeo, bem como o caráter Internacional, conecta os estudos e estudiosos do país com o resto do mundo, enfatizando a importância nacional no aprendizado do Medieval. Como destaca Zierer e Oliveira:

Os primeiros eventos, realizados em 2005, 2007 e 2009, contaram com uma média de setecentos participantes, vindos principalmente do próprio Maranhão e de outros estados brasileiros, do norte ao sul do país, sempre com a participação de conferencistas internacionais e cerca de trinta docentes de fora do estado. No primeiro Encontro cabe ressaltar que o Prof. Dr. José Rivair Macedo ministrou uma conferência sobre História Medieval e Cinema, realizada no Centro de Convenções da UEMA, para o qual havia setecentas (700) cadeiras alugadas para o evento. (ZIERER; OLIVEIRA, 2019, p. 641) .

Assim, percebe-se, como exposto acima, que os estudos e pesquisas a respeito da Idade Média tiveram uma grande repercussão no Estado através da promulgação de eventos direcionados ao Medieval, atraindo pesquisadores de várias partes do território brasileiro e de outros cantos do mundo. Apesar de se concentrar principalmente no público acadêmico, cada vez mais é expandido como forma de alcançar o público geral, especialmente os discentes das escolas da região que são convidados para participar. Desse modo, ressaltando não apenas a importância do estudo do período medieval no Brasil, mas também como é necessário construir uma conexão gradualmente mais sólida com o ambiente escolar.

Mas os estudos do Medieval não se limitaram apenas a UEMA, a Universidade Federal do Maranhão, UFMA, começou a se aprofundar nas pesquisas a respeito da História Medieval com a chegada dos docentes Johnni Langer e Luciana de Campos, entre 2008 e 2013, através das pesquisas de Graduação e Pós-Graduação desenvolvidas junto com Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos, o Neve. Os trabalhos de Idade Média continuaram na UFMA através do professor Marcus Baccega, também membro do Brathair.

Assim, devido ao fortalecimento do estudo da História Medieval no Maranhão através das Universidades, tanto na UEMA quanto na UFMA, acarretou a formação de especialistas da área originados do próprio Estado, formando a primeira geração de Mestres e Doutores maranhenses especializados em Idade Média. Ressalta-se que cursos de Pós-graduação em História é algo recente no Estado, tendo começado em março de 2012 na UFMA, enquanto, em março de 2014 na UEMA.

Um dos grandes destaques na produção de Ensino de História Medieval no Maranhão foi a criação da disciplina de Jogos de Tabuleiro no Ensino de História: Uma ferramenta lúdica para Ensino-Aprendizagem que ocorreu na Universidade Estadual do Maranhão no Prédio do Curso de História entre os meses de março e julho de 2024 pelas docentes Prof. Dra. Adriana Zierer e a Prof. Dra. Solange Oliveira.

Tratou-se de uma iniciativa inédita na produção acadêmica do Estado e promoveu a utilização de jogos de tabuleiro para o uso do Ensino, utilizando-se como exemplo uma pesquisa anterior das duas que utilizaram a obra medieval *Visão de Túndalo* do século XII para criarem um jogo de tabuleiro baseado no Além do Medieval como forma de auxiliar no ensino-aprendizado dos estudantes. Acarretando a expansão da utilização de formas lúdicas do Ensino de História para diversos estudantes do curso de Pós-graduação de História da Universidade Estadual do Maranhão que produziram seu próprio jogo com base na disciplina.

Um ponto de destaque a respeito da Idade Média no Maranhão são várias pesquisas que se concentram nas permanências, as reminiscências e apropriações desse período histórico que ocorrem na atualidade, sendo o principal contato de muitos estudantes a respeito do que se pensa sobre o Medieval. Assim, se constituindo em como o período se apresenta em tradições como a Festa do Espírito Santo no Brasil, mas também como é representada de forma fictícia em séries, filmes, novelas e jogos, por exemplo, que fazem parte da vivência dos alunos.

### **3.3 – As reminiscências e apropriações medievais**

O período medieval diversas vezes é apresentado aos estudantes em sala de aula como uma época distante e sem qualquer proximidade com a realidade atual dos alunos. Em suma, é representado como uma época sem quaisquer influências na atualidade, especialmente a brasileira, quase como se fosse algo alienígena e que não contribuiu em nada para seu aprendizado, pois como o Brasil não vivenciou a Idade Média de forma direta, supostamente, não teria necessidade de estudá-la, acarretando em uma problemática para os estudiosos desse período nesse país.

Uma forma encontrada trata-se de compreender a Idade Média através de suas reminiscências, em suma, entender as residualidades e permanências desse período histórico que podem ser observados no território nacional. Tal perspectiva adquiriu popularidade no Brasil principalmente diante da exclusão da obrigatoriedade do estudo de Idade Média pela BNCC, como comenta Nadia R. Altschul e Lukas Gabriel Grzybowski:

Por sua singularidade, o Brasil colocou desde cedo os pesquisadores interessados no passado medieval diante de um complexo dilema: afirmar a necessidade do estudo de uma Idade Média histórica em um país que não a havia experimentado; e, ao mesmo tempo, construir um discurso que equilibrasse a conexão com o passado medieval português sem perder a formação de uma identidade própria nos horizontes dos debates acadêmicos. [...] Todavia, um mero olhar para as discussões levantadas em torno da proposta da Base Nacional Curricular Comum, que excluía do conjunto de temas de ensino obrigatório da disciplina histórica aqueles referentes à Idade Média—entre outros, vale lembrar. O tom geral das críticas levantadas por especialistas do medieval nas diversas manifestações de desagravo à proposta do governo federal incluía sistematicamente a ideia de que o passado brasileiro se estenderia, de uma forma ou outra, sobre a Idade Média europeia através da colonização portuguesa. Seríamos, portanto, também medievais, no sentido de herdeiros de uma tradição transferida pelos colonizadores, a qual não somente justifica ainda o investimento em pesquisa na área, mas também a sua presença nos currículos de ensino obrigatório (ALTSCHUL; GRZYBOWSKI, 2020, p. 31-32).

Em vista disso, como reforçado no trecho acima, devido ao constante desafio de justificar o aprendizado de Idade Média no país, levantou-se mais a possibilidade e a

necessidade de compreender as conexões existente entre o Medievo e o Brasil. Dessa forma, incentivando na Academia mais estudo que demonstram a ligação do país com essa época histórica que vivenciou indiretamente através da influência de Portugal na formação da nação.

Além disso, no contexto do ambiente escolar, é provável que os estudantes, antes mesmo de adentrar a sala de aula, tenham tido contato com o Medievo em certa instância, especificamente como o esse período ainda permanece na atualidade, seja em festividades ou mesmo através da mídia, pois diversos filmes, séries e jogos inspirados na Idade Média são produzidos constantemente, acarretando na criação prévia do Imaginário a respeito dessa época.

Os alunos desde a infância provavelmente já entraram em contato com histórias envolvendo princesas, dragões, castelos magníficos, lutas de espadas, duelos de cavaleiros, dentre outros elementos associados à Idade Média. Então, quando adentram o ambiente escolar provavelmente já possuem uma concepção do que seria supostamente esse período. A Era Medieval possui repercussões no Imaginário, seja devido as reminiscências, permanências dessa época que influenciam a cultura brasileira ou mesmo através de apropriações, na qual o Medievo, por exemplo, é utilizado como forma de sustentar ideias atuais.

Percebe-se que a Idade Média permanece na atualidade através de reminiscências e as chamadas medievalidades, permitindo-se observar que não se trata de uma época completamente distante da Contemporaneidade, pois pode ser visto no contexto diário da população brasileira através de resquícios e ressignificações desse período que chegaram até a atualidade. Como explicado por José Rivair Macedo:

Por “residualidades medievais” ou “reminiscências medievais” devem-se entender justamente as formas de apropriação dos vestígios do que um dia pertenceu ao medievo, alterados e/ou transformados no decurso do tempo. Nesta categoria encontram-se, por exemplo, as festas, os costumes populares, as tradições orais de cunho folclórico que remontam aos séculos anteriores ao XV e que preservam algo ainda do momento em que foram criados, mesmo tendo sofrido acréscimos, adaptações, alterações. Festas como a de Corpus Christi, as Folias de Reis e a Festa do Divino Espírito Santo, o Natal, e mesmo o Carnaval, foram um dia “medievais”, e persistem... (Macedo, 2011, p.13).

Como apontado no trecho acima, é notório que existem vários elementos que se originaram no Medievo e que permanecem na atualidade como reminiscências do período, inclusive influenciando o território brasileiro, principalmente, por exemplo, no aspecto religioso e popular. Assim, são elementos que um dia foram medievais, mas que podem ser observados na atualidade em certa instância, apesar de ter passado por transformações, acréscimos e influências desde então.

Portanto, é perceptível que uma possibilidade de estudo a respeito do período é através das reminiscências, as residualidades existentes do Medievo que podem ser observadas na atualidade. Um dos principais pontos trabalhados para a presente pesquisa trata-se de demonstrar para os discentes essa relação existente entre a Idade Média e a Contemporaneidade. Mesmo que se trate de elementos do Medievo que passaram por mudanças ao longo dos séculos ou foram apropriados e descontextualizados hoje em dia, sendo importante demonstrar para o aluno porque tais mudanças e apropriações ocorrem.

O cordel ou folheto é uma pequena brochura, podendo conter entre oito, dezesseis, vinte e quatro, ou quarenta páginas, apresentando estrofes de seis versos, sete versos ou dez versos dando cadência para a narrativa contada. Devido as dificuldades de comunicação em certos territórios da região, a função informativa e a capacidade socialização fornecidas pelos cordéis adquiriu popularidade na região Nordeste do país como uma forma acessível de conhecimento, sendo transmitidas de forma oral para um público que podem apoiar ou repudiar ações dos personagens na história transmitida (CAMÊLO, 2015).

Constituiu-se como um dos principais exemplos de residualidades da Idade Média no Brasil originados devido a influência lusitana, pois é perceptível a presença da Literatura do Medievo na região Nordeste se expressando por meio da Literatura de Cordel que carrega diversos elementos de obras do período, como explica Júlia Constança Pereira Camêlo:

Um dos elementos que tornam presentes as reminiscências da Idade Média no Brasil é a cultura popular; em especial a Literatura de Cordel. Essa produção era realizada com o uso de rimas, oriundas da poesia do trovadorismo europeu, trazido à colônia pelos portugueses e com grande receptividade no nordeste. (CAMÊLO, 2015, p.243).

Nesse sentido, é evidente pelo trecho acima, que elementos do Medievo ainda repercutem na atualidade no Brasil por meio da presença portuguesa, como pode ser observado com a Literatura de Cordel, que carrega influências da produção trovadoresca do período. Portanto, denotando reminiscências da Idade Média, mesmo que o país não tenha passado diretamente por essa época, e que repercutiram por séculos até a atualidade na região Nordeste do território nacional, principalmente através da cultura popular.

Durante a Idade Média os trovadores tinham a função de narrar acontecimentos, seja aspectos do cotidiano, quanto proezas de narrativas. Após o surgimento da imprensa, isso passou a ser publicado em folhetos e vendido por ambulantes pela Europa, sendo chamados de Cordel em Portugal por serem colocados em uma espécie de corda, cordéis. Essa forma literária

foi levada às colônias ibéricas onde ganhou popularidade, sendo os primeiros cordéis da região Nordeste do Brasil narrativas famosas do Medievo, como a Literatura de Cavalaria do Ciclo Carolíngio ou Matéria da França (CAMÊLO, 2015).

Nesse sentido, existe uma presença da Literatura do Medievo na região Nordeste do Brasil através das residualidades existentes através da Literatura de Cordel por influência de Portugal. Assim, narrativas cavaleirescas, por exemplo, as obras ligadas a Carlos Magno e seus Doze Pares da França, seus cavaleiros da tradição literária da Idade Média, foram transmitidas na região e foram incorporadas na tradição popular do território nacional por meio do Imaginário. Outro ponto interessante no Cordel trata-se de sua estrutura através de rimas, remanescentes também da tradição trovadoresca do período medieval.

Diante disso, é notável que a região Nordeste do Brasil teve contato com a Literatura do Medievo, como as obras do Ciclo Carolíngio ou mesmo da Matéria da Bretanha por meio de Tristão de Isolda. Assim, é possível compreender as reminiscências desse período histórico no país através da Literatura de Cordel. Reforçando a conexão existente entre a Idade Média através dos lusitanos com a atualidade do Brasil. Como discute Júlia Constança Pereira Camêlo:

O Ciclo de Carlos Magno reúne os romances de cavalaria, das princesas dos reis e rainhas em seus castelos, cercados por mistérios, maldade, bondade e riqueza. São folhetos que sempre apontam para um tempo a ser revivido. Vemos permanências das narrativas de histórias como: os *Doze Pares de França*, *Tristão e Isolda* e uma variedade de história que a narrativa oral sedimentou no nordeste brasileiro (CAMÊLO, 2015, p.243).

É evidenciado pelo trecho acima que os romances de cavalaria e outros elementos do Medievo foram passados para os folhetos da Literatura de Cordel, demonstrando as permanências da Idade Média no Brasil. Narrativas originais de obras medievais, como o Ciclo Arturiano e Ciclo Carolíngio, tornaram-se parte da cultura popular nordestina do país, bem como fizeram elementos de histórias do Medievo, como princesas, dragões, reinos encantados, se tornarem parte do Imaginário dessa região e ainda são transmitidos como atributos recorrentes nos cordéis até em tempos mais recentes.

Uma outra reminiscência da Idade Média notável na região Nordeste do Brasil e que se tornou tema de diversas pesquisas sobre o assunto, trata-se da presença do rei português Dom Sebastião através do movimento messiânico do Sebastianismo que incorpora diversos elementos do Medievo, e que podem ser observados em diversos Estados, inclusive no Maranhão, através do Imaginário Popular. Um dos primeiros estudiosos a se aprofundar no

assunto foi Pedro Braga que incorporou a sua pesquisa na obra *Touro Encantado da Ilha dos Lençóis: O Sebastianismo no Maranhão* publicado originalmente em 1973 e ampliado em 1987.

Dom Sebastião I (1554-1578) foi o último monarca da Dinastia de Avis (1385-1580), ele recebeu o epíteto de o “Desejado”, na medida em que o seu pai morreu de diabetes juvenil, e ele se tornou o único herdeiro de seu avô D. João III (1502-1557) e foi aclamado rei aos quatorze anos, em 1568. O rei era muito religioso e não quis se casar, por isso morreu virgem e sem herdeiros aos vinte e quatro anos, em 1578, após o seu súbito falecimento na Batalha de Alcácer-Quibir em Marrocos, o trono foi entregue a um tio seu, o Cardeal Henrique, já idoso, que faleceu dois anos depois (ZIERER, 2024).

O elemento de virgindade relacionado à pureza já foi discutido anteriormente durante a presente pesquisa, mas está relacionado ao fator religioso. Dom Sebastião, tal como Nuno Álvares Pereira, almejava ser casto como forma de dedicação espiritual ligado aos preceitos do Cristianismo. Em suma, tal como Galaaz era retratado na Literatura como sendo imbatível em combate por sua virgindade, Dom Sebastião e Nuno Álvares Pereira quiseram ser como ele para ser abençoado pelo Divino. Nesse sentido, o rei português procurou através da fé uma forma de ser invencível em batalha ligado à sua percepção religiosa e que é corroborada pelas obras arturianas que desenvolveram no Medievo o modelo de Cavaleiro Cristão.

As manifestações messiânicas surgiram na Idade Média, particularmente a Península Ibérica passou por uma intensa expectativa messiânica principalmente ligado às crenças do Cristianismo do fim dos tempos, bem como Portugal, sendo o suposto Quinto Império. Dom Sebastião desde seu nascimento foi saudado como um rei prometido que realizaria a unidade do Império e Fé no Mundo ligando todas as nações sob a religião cristã (BRAGA, 2001).

Nesse sentido, Dom Sebastião, apesar de ser um monarca do século XVI, período que muitos estudiosos consideram como já a Modernidade e não o Medievo, carrega consigo crenças da Idade Média. Isso pode ser observado não apenas como atributos que possuía em vida por acreditar que seria abençoado por sua virgindade para ser imbatível em combate, mas também com a expectativa que existia sobre seu nascimento, bem como o movimento messiânico que surgiu após sua morte. Com isso, demonstrando reminiscências dessa época que repercutiram ao longo dos séculos.

Após o seu falecimento em Marrocos, muitos acreditaram que Dom Sebastião não havia morrido, mas estaria encoberto, encantado, escondido, e que reapareceria depois, originando a crença do Sebastianismo. Surgiu originalmente em Portugal principalmente no contexto de

dominação de Castela através da União Ibérica (1580-1640) por Filipe II em que, sem rei, o trono português foi ocupado pelo governante castelhano. Assim, se originou a crença no retorno do monarca lusitano para reestabelecer dias melhores para Portugal diante da dominação por outro reino (ZIERER, 2024).

Portanto, o Sebastianismo está ligado ao credo que um rei encantado viria salvar o povo, em suma, uma crença messiânica como um mito da espera de um messias ou salvador, sendo algo existente em diversas culturas diferentes ao longo dos séculos. No Brasil, isso foi trazido pelos portugueses, possuindo manifestações e particularidades em cada território nacional, no Maranhão sendo feito uma comparação entre o deserto no Norte da África e as areias de regiões dos Lençóis Maranhenses (FERRETI, 2013).

No Maranhão, o Sebastianismo adquiriu características de conto maravilhoso, pois se narra que Dom Sebastião encantado aparece no dia 24 de junho à meia-noite, ligado ao dia de São João, na forma de um touro negro com uma estrela na testa. Essa aparição é na Ilha dos Lençóis, um povoado ligado ao município de Cururupu no Maranhão em que parte da população albina acredita ser seu descendente, possuindo diversas histórias sobre suas aparições e como o rei do local (BRAGA, 2001).

Isso demonstra as residualidades existentes de crenças do Medievo que passaram para o Brasil através de Portugal, mas que obtiveram características próprias no território nacional. Portanto, como ocorre com o Cordel, é possível perceber que a Idade Média possui permanências principalmente através da cultura popular, apesar do país não ter vivenciado a época diretamente, ainda carrega traços medievais, e isso pode ser notado novamente com o Sebastianismo no Maranhão.

Quando a estrela que está em sua testa for atingida, o touro voltará à forma humana, trazendo prosperidade e justiça, mas no processo afundará São Luís. O próprio fato de Dom Sebastião está encantado na Ilha dos Lençóis no Maranhão são características análogas às narrativas do Medievo, como ocorre com Rei Artur que, segundo a Matéria da Bretanha, se encontra encantado na ilha mística de Avalon (BACCEGA, 2020). Por conseguinte, reforçando novamente que existem paralelos da Idade Média que podem ser observados no contexto maranhense da atualidade.

Dom Sebastião não está apenas presente na crença da Ilha dos Lençóis, mas em diversas outras manifestações no Maranhão. O monarca português, no contexto do Tambor de Mina, religião de Matriz Africana, possui filhos, sendo ele e sua prole seres encantados que são

recebidos em transe em rituais, demonstrando sincretismo existente através de sua figura. O rei português por sua ligação com o touro também aparece em festas da cultura popular do Estado, como o Bumba-meu-boi (FERRETI, 2013).

Assim, é possível perceber que no Nordeste do Brasil, seja por meio da Literatura de Cordel ou pelo Sebastianismo do Maranhão, existem residualidades existentes do Medievo que podem ser observadas na atualidade no Brasil por meio de permanências, especialmente ligadas à cultura popular. Com isso, apesar do país não ter passado por esse período, ainda absorveu elementos medievais através de Portugal, reforçando a importância de compreender tal fenômeno e como se deu a Idade Média nesse território.

Entretanto, a Idade Média não está somente presente através das manifestações populares no Brasil, o Medievo é apropriado na atualidade das mais diversas formas, seja em séries, jogos, filmes e outras formas de entretenimento midiáticos. Mas isso não se trata de reminiscências ou residualidades vindouros dessa época que chegaram no presente, mas apropriações de elementos considerados desse período histórico para uma determinada finalidade no presente.

Como comenta Beatriz Faria (2019), por exemplo, não existe nenhuma personagem histórica em séries como *Game of Thrones*, por exemplo, mesmo tendo inspirações são alusões vagas, apesar disso, são reconhecidas pelo grande público como elementos do Medievo. Trata-se, portanto, de uma concepção idealizada, imaginada, do que seria a Idade Média, assim, diversas mídias como jogos e filmes se aproveitam de elementos “pseudomedievalescos”, mas que acabam sendo reconhecidos pelo grande público como efetivamente medievais.

Assim, é necessária compreensão desses elementos “pseudomedievais” existentes na atualidade, pois é o primeiro e principal contato que existe entre o grande público com o que seria o Medievo, sendo uma idealização fictícia desse período histórico que acaba reverberando no Imaginário da população. Desse modo, é possível perceber a Idade Média no dia a dia não somente pelas residualidades, mas como uma época constantemente sendo apropriada na atualidade através de filmes, jogos e séries, mas também para determinados fins políticos que utilizam essa época para pautas específicas.

Como discutimos em capítulos anteriores da presente pesquisa, Nuno Álvares Pereira foi apropriado para fins políticos durante o período ditatorial do Salazarismo (1933-1968) em Portugal por sua vinculação militar. Nesse sentido, sua figura se tornou um símbolo do regime e houve uma tentativa de canonização do cavaleiro português como forma de fortalecimento

político. Isso demonstra que a Idade Média é um período utilizado para apoiar concepções do Presente veiculados a certas ideias que idealizar essa época, como uma espécie de passado glorioso, cristão e de bons valores, em contrapartida ao presente atual, necessitando de um resgate de tais valores.

Por exemplo, a expressão do latim "*Deus Vult*" (Deus quer), foi apropriado pela Extrema Direita mundial desde que Donald Trump resolveu se candidatar em 2016 pela presidência dos Estados Unidos. Trata-se de uma referência ao grito do povo em resposta ao papa Urbano II quando fez um anúncio da Primeira Cruzada. Demonstrando que discurso sobre o passado não é inócuo, mas tem consequências na atualidade, sendo apropriado para fins políticos (PACHÁ, 2019).

Atualmente em diferentes partes do mundo, existe uma série de grupos e indivíduos que se apropriam do passado medieval para divulgar e legitimar mensagens que trazem conteúdos de cunho nacionalista, misógino e xenofóbico, geralmente buscando “defender” supostamente “valores tradicionais” que existem no Medievo, mas que foram perdidos na Contemporaneidade (JÚNIOR, 2021).

Isso é perceptível no Brasil, seguindo os moldes dos Estados Unidos, onde movimentos de Extrema Direita, como o Bolsonarismo, utilizam a Idade Média como apropriação política para se consolidar, principalmente como um período patriarcal, branco e cristão, construindo uma idealização da época para fomentar discursos atuais no país (PACHÁ, 2019). Assim, demonstrando a necessidade de compreender tal percepção dessa idealização do Medievo que ocorre no território nacional, demonstrando uma apropriação do passado pelo presente invés de uma continuidade ou residualidade

A figura do cavaleiro, por exemplo, é utilizada como forma de defender ideais como "pátria" e "religião" no contexto político da Extrema Direita brasileira, como usado durante as manifestações a favor de Jair Bolsonaro contra o Congresso Nacional e o Superior Tribunal de Justiça em 2020. Além disso, sendo colocado como uma “Cruzada” contra a Esquerda. Utilizando-se frases de efeito em latim e colocando uma "Cruzada" contra inimigos que precisam derrotados, um conflito entre "patriotas" contra "comunistas" e "traidores da pátria" (JÚNIOR, 2021).

É notório uma apropriação política de uma visão idealizada da Idade Média existente no presente para defender determinados valores atuais, principalmente pela Extrema Direita, sendo um fenômeno que ocorre no mundo inteiro, inclusive no contexto brasileiro. Assim,

demonstrando a importância do estudo do Medievo no país como forma de compreender a época e como essa apropriação acaba sendo colocada, bem como as motivações para essa apropriação a essa época.

Portanto, por mais que o Brasil não tenha vivenciado uma Idade Média de forma direta, tal período ainda possui repercussões na atualidade e no contexto nacional, demonstrando a importância do estudo do país. O Medievo pode ser compreendido no território brasileiro seja através das permanências que ocorrem, por exemplo, no Nordeste, como a Literatura de Cordel e a crença do Sebastianismo. Ou pelas apropriações de uma visão idealizada da época, como ocorre pela mídia ou para fins políticos na Extrema Direita, mostrando as repercussões de uma visão do passado pelo presente.

Com isso, a presente pesquisa foi pensada como um elemento importante para os estudantes conseguirem compreender o Medievo, não como uma época distante e não tangível, que nada tem a ver com a realidade do Brasil, mas que pode ser compreendida no Presente. Nesse sentido, o ponto principal do trabalho é fazer os discentes entenderem a Idade Média e como impacta a realidade atual, sendo isso pensando para fazer o aluno construir um pensamento crítico e conseguir se identificar como um sujeito histórico, entendendo as relações existente entre a História, a Literatura e o seu cotidiano. Com isso, foi elaborado um Produto Didático no formato de um *E-Book* cujo objetivo é reforçar a importância do estudo dessa época para a atualidade brasileira atual.

## CAPÍTULO 04 – PRODUTO EDUCACIONAL

### 4.1 – As bases do Produto Didático

A proposta que foi pensada para a elaboração do Produto Didática foi inserir o Medievo da academia nas escolas, demonstrando uma perspectiva diferente do estudo do período através de um cavaleiro do período, Nuno Álvares Pereira, juntamente com um cavaleiro literário, Galaaz, com o intuito de compreender através dessas duas figuras a sociedade medieval, o contexto medieval lusitano, ao mesmo tempo que demonstrar para os discentes os pontos de contato existentes entre a Literatura e a História, juntamente com seus impactos sociais.

O Paradidático possui como título "A Idade Média e a literatura de cavalaria através de Nuno Álvares Pereira". Apesar de abordar o conteúdo acadêmico, sua linguagem é simples visando principalmente aos estudantes, sendo delimitado especificamente para os alunos do Ensino Médio do Primeiro Ano, onde o Medievo é trabalho na disciplina de História nas escolas e eles já tiveram contato anteriormente durante o Fundamental. Entretanto, pode ser utilizado também por professores como forma de se guiar durante as aulas e como transmitir esses conhecimentos para os alunos.

O formato de "A Idade Média e a literatura de cavalaria através de Nuno Álvares Pereira" é um *E-Book*, um Produto Didático digital, com a intenção de ser distribuído virtualmente. Planejamos isso como forma de facilitar seu alcance para o público, assim, não sendo limitado por número de cópias impressas. Entretanto, dependendo do acesso tecnológico durante a sua aplicação, é possível sua impressão, tornando-se um Paradidático físico que não necessita de algum aparelho eletrônico para sua leitura.

A formação de um *E-Book* na área de História Medieval foi inspirada em trabalhos anteriores de membros do Brathair, incentivado pela orientadora Adriana Zierer, desde sua formatação até como é dividido seus tópicos. Assim, destaca-se principalmente o trabalho da doutoranda Natasha Nickolly Alhadeff Sampaio Mateus com seu *E-Book* intitulado "Ramon Llull e a Idade Média" de 2018, bem como do doutorando Ricardo Marques de Jesus com seu *E-Book* "A Idade Média e a Cultura Política" de 2024. Sendo o principal diferencial os temas próprios abordados, novos segmentos, bem como o próprio conteúdo que se concentra em Cavalaria, Literatura de Cavalaria e Idade Média em Portugal.

A função do atual Produto Didático é ser um complemento para as aulas de Idade Média na disciplina de História, não um substituto, tendo que ser transmitidos alguns conhecimentos

prévios antes de sua aplicação em sala de aula, como Cruzadas e o básico a respeito da sociedade do Medievo, por exemplo. Apesar disso, o Produto Didático possui informações para fazer o leitor se situar nos estudos transmitidos de forma que consiga compreender as temáticas com o conhecimento colocado no próprio *E-Book*.

O Produto Educacional se inicia com uma mensagem para os estudantes, agradecendo pela leitura e explicando resumidamente o que terá nas próximas páginas, o que aguarda o aluno no paradidático. Além disso, após isso tem uma parte dedicada aos professores, auxiliando em como aplicar o Material Didático e os objetivos que levaram a sua concepção. Em seguida, terá um espaço dedicado ao leitor compreender a terminologia de cada sessão extra, como curiosidades, saiba mais, informações relevantes, bem como sugestões de filmes e leituras que são colocados ao longo do *E-Book*.

As sessões "Você Sabia?" tem como objetivo apresentar uma curiosidade sobre a temática do Medievo, "Saiba Mais" busca aprofundar os conhecimentos dos discentes, "Explicando Mais" é posto para adicionar uma informação complementar do conteúdo que está na página, enquanto, "Glossário" é utilizado para explicar algum termo ou palavra ligado ao Medievo que é usado ao longo do Paradidático. Enquanto isso, o espaço de "E hoje em dia?" busca ligar o passado e o presente, em suma, mostrar como aquele conteúdo a respeito da Idade Média ou informação impacta não apenas o passado, mas como ser visto na atualidade.

"Para Refletir" trata-se de uma informação ou conteúdo que tem como objetivo demonstrar para o leitor uma perspectiva sobre o período Medieval para fazê-lo indagar a respeito da realidade e a Idade Média, obter um senso crítico a respeito dos temas apresentados. "Leitura Medieval" recomenda uma obra medieval como forma de compreender mais essa época através de uma narrativa escrita durante o Medievo.

No caso de "Posso aprender com filme?" apresenta a sugestão de uma obra cinematográfica atual que trata sobre o assunto apresentado, mas chamando atenção que se trata de uma ficção e não representação histórica que visa uma perspectiva didática. E por fim, temos "Se aprofundando nos estudos" que mostra uma pesquisa de um acadêmico a respeito do assunto caso o leitor queira se aprofundar no que foi apresentado no paradidático.

Após o sumário, o *E-Book* passa para a Introdução que possui uma breve explicação das motivações que levaram à construção do Paradidático, seus objetivos e sua importância. Funcionará como um prefácio que se concentrará em brevemente introduzir o medievo no

âmbito geral para os estudantes como forma de contextualizá-los, bem como as reminiscências e Medievalidades que podemos ver na atualidade.

Assim, de forma resumida, explanando sobre a Literatura de Cavalaria e a figura de Nuno Álvares Pereira, o cavaleiro português que se tornou santo na Contemporaneidade, tornando-se um modelo ideal de bom comportamento ao almejar ser como Galaaz. Em suma, a Introdução atua como um guia para os alunos e professores para o que está para vir nos três capítulos subsequentes.

#### **4.2 – Os capítulos do Paradidático**

O primeiro capítulo é intitulado “A Idade Média” abordando o Medievo, como um complemento do conteúdo a respeito da época em como é trabalhada na sala de aula, bem como atuando como uma introdução do período para contextualizar os dois capítulos seguintes. Nesse sentido, explicando, por exemplo, do que se trata o período Medieval, porque é nomeado dessa forma, como era a mentalidade do período e como era a noção de beleza e arte.

Além disso, se aprofundando a respeito do Feudalismo, como era a sua dinâmica, e como isso impactava a sociedade, descrevendo como é estabelecido sua estrutura. É abordado a respeito das classes sociais da Idade Média explicando as diferenças entre clérigos, camponeses e nobreza segundo os pensamentos da época, bem como as divisões históricas de períodos como Alta e Baixa Idade Média. É explicado fundamentos como a diferenciação entre servidão e vassalagem, bem como o que o Medievo nos deixou atualmente, em suma, as heranças e invenções da época.

No primeiro capítulo é utilizado algumas obras como, por exemplo, Hilário Franco Júnior, como *Idade Média: Nascimento do Ocidente* (2000) e *O feudalismo* (1983) para fundamentar o conteúdo de Idade Média. Além disso, produções de Jacques Le Goff, como *A Idade Média: explicado aos meus filhos* (2007), *Em Busca da Idade Média* (2006), *História e Memória* (1990), *O Homem Medieval* (1989) e o *Imaginário Medieval* (1994), bem como *Introdução à Idade Média* (2014) de Umberto Eco e o artigo *Medievalismo e Neomedievalismo* (2019) de Beatriz Faria.

O segundo capítulo é intitulado “Os cavaleiros”, abordando especificamente a figura do cavaleiro, as origens da cavalaria, sua formação, seu papel na sociedade medieval. É importante ressaltar para os estudantes como o conceito de cavalaria é mais complexo e multifacetado do

que se pensa, possuindo diversos significados além de que é o guerreiro montado. Estimular que os discentes compreendam que não existia somente o aspecto militar, e não significava apenas uma força guerreira que usava cavalos para se locomover e para batalhar, assim, abordando as camadas que o cavaleiro possuía no período medieval.

Além disso, demonstrando para o aluno que como a figura do cavaleiro foi construída na Literatura como modelo a ser seguido. Personagens perfeitos com características positivas de bons valores que deveriam ser almejados pela sociedade, especialmente para a nobreza. Eles eram imbatíveis em batalha por seguirem certos dogmas e códigos de honra, como ajuda ao próximo, fé cristã, defesa dos inocentes, tais descrições que ainda podem ser vistos nos dias de hoje como valores positivos, e que na época medieval os nobres deveriam se espelhar, assim, demonstrado como modelos de comportamento.

É utilizado como base a novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, como forma de explicar a respeito da Literatura de Cavalaria usando uma obra do período. Destaca-se o uso de estudos para falar a respeito da figura do cavaleiro como *O guerreiro e o cavaleiro* (1989) de Franco Cardini, *A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média* (2005) de Jean Flori, bem como *Artur: guerreiro a rei cristão nas fontes medievais latinas e célticas* (2002) e *o mito arturiano e sua cristianização nos séculos XII e XIII* (2013) de Adriana Zierer para compreender mais a respeito da Matéria da Bretanha.

O terceiro capítulo do Paradidático é chamado de “A Idade Média de Portugal e Nuno Álvares Pereira” possuindo como proposta demonstrar o período da Idade Média em território lusitano, com aspectos como a formação do reino de Portugal com Afonso Henriques, de forma a instigar a curiosidade do estudante. Buscando demonstrar para o leitor as origens do que futuramente seria o país que influenciaria a formação do que seria conhecido como Brasil posteriormente também os aspectos das origens de certos costumes lusos e da própria língua portuguesa no período medieval.

Além da formação do reino de Portugal, possui um segmento dedicado a respeito do Movimento de Avis ou chamada também de Crise de 1383–1385 em Portugal, desenvolvendo os principais aspectos do período, antecedentes, principais figuras, acontecimentos, importância e consequências. Nesse sentido, refletindo como Idade Média no território luso é pouco abordado no ambiente escolar brasileiro, considerando que existe uma valorização maior do Medievo em localidades como França e Inglaterra quando se estuda essa época.

Um dos principais segmentos é dedicado ao cavaleiro português Nuno Álvares Pereira explicando suas origens, suas façanhas, as características registradas nos documentos, bem como sua importância durante o Movimento de Avis. Explicando para os estudantes como o Condestável era retratado como um modelo perfeito de comportamento, sua dedicação religiosa ao ponto que na contemporaneidade o cavaleiro luso foi canonizado. Mostrando para os estudantes como certas características boas na Idade Média ainda são relevantes na atualidade.

Nesse sentido, todo o Material Didático é construído para a culminação da abordagem de Nuno Álvares Pereira, sendo o primeiro capítulo a apresentação da Idade Média, contextualizando o período em que ele viveu, depois abordando no segundo capítulo a respeito dos cavaleiros, para compreensão de Nuno Álvares Pereira como um cavaleiro histórico e que foi influenciado pela Literatura de Cavalaria. Até finalmente, adentrar no capítulo 3 que trata de sua figura e do contexto luso medieval em que estava diretamente inserido.

Dessa forma, sendo discutido as características que formam Galaaz e Nuno Álvares Pereira com ideais de Cavaleiros Cristãos como pureza, castidade, bondade, honra, nunca cometendo pecado, dessa forma, era imbatíveis em batalha. Explorando os motivos que tais características eram consideradas boas no período medieval e podem ser consideradas também na atualidade, bem como os motivos disso ser visto como um símbolo de santidade desde o medieval até hoje.

Outro ponto discutido brevemente no Paradidático, são as reminiscências e as medievalidades em território brasileiro, traços que surgiram na Idade Média e que permanecem atualmente, mesmo no Brasil, especificamente no Maranhão, que não se vivenciou espacialmente o período medieval. Abordando a figura de Dom Sebastião, influenciado pelo mesmo modelo de Galaaz como Nuno Álvares Pereira, o rei português através do Sebastianismo permanece no imaginário maranhense através da lenda do touro encantado e da Ilha dos Lençóis, assim como a Literatura de Cordel, que carrega traços marcantes da Literatura do Medieval.

Para discutir a respeito de Nuno Álvares Pereira e o Movimento de Avis foram utilizadas as fontes medievais da *Crónica do Condestável de Portugal* e *A Crónica de D. João I* por Fernão Lopes. A respeito da história portuguesa utilizamos algumas obras e estudos como *Introdução à História medieval de Portugal* (2010) de Manuela Mendonça, *História de Portugal* (1980) de A.H. de Oliveira Marques, *História de Portugal* (2016) de Paulo Dias e

Diogo Ferreira, bem como *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal* (1988) de António José Saraiva.

Foi utilizado como base para o estudo da figura do Condestável a biografia feita por João Gouveia Monteiro, *Nuno Álvares Pereira - Guerreiro, senhor feudal e santo: os Três Rostos do Condestável* (2018), bem como estudos como *Uma Lâmpada de Prata e Muito Mais: Testemunhos de D. Duarte sobre a Santidade de Nuno Álvares Pereira* (2011) de Margarida Garcez Ventura e D. Nuno e *Galaaz: santos e heróis na História e no Imaginário* (2019) de Adriana Zierer, assim como outras informações que permeiam os estudos anteriormente já citados.

Cada final de capítulo possui atividades a respeito dos tópicos com exercícios, desde análise de mapas, respostas de selecionar a opção correspondente e interpretação de texto usando fontes do Medievo ou através de Charges, bem como questões mais lúdicas como Caça-Palavras, Palavras-Cruzadas e Foca, mas resgatando aspectos que foram abordados em cada tópico do paradidático. Por fim, o *E-Book* termina com uma conclusão, agradecendo os envolvidos juntamente com algumas palavras finais a respeito da sua produção e do conteúdo do paradidático, juntamente com as referências de todas as obras utilizadas para seu desenvolvimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta ao longo do trabalho foi demonstrar a importância do estudo do Medievo, principalmente as relações existentes entre Literatura e História, e especialmente os impactos dessa relação em Portugal e como isso foi utilizado para apresentar aos estudantes esse período histórico através do Paradidático.

O objetivo é conseguir inserir o Medievo da Academia nas escolas, demonstrando uma perspectiva de estudo do período que complementa os aprendizados do ambiente escolar. Assim, perpassando pela Idade Média através da cavalaria, especificamente apresentando uma figura histórica, Nuno Álvares Pereira juntamente com uma figura literária, Galaaz, com o intuito de compreender através dessas duas figuras a sociedade medieval portuguesa e a importância da Literatura para a História, juntamente com seu impacto social.

Ao longo do trabalho foram apresentados diversos conceitos que podem agregar o aprendizado ao estudante, desde a figura do cavaleiro que está presente no imaginário da sociedade até mesmo na atualidade, bem como era o cotidiano e pensamento dos medievais. Nesse sentido, objetivando mostrar ao estudante que a Idade Média não é uma época distante e sem impacto na realidade, mas que formou o mundo como é hoje e como isso está presente no dia a dia, auxiliando na criação de uma consciência histórica e como o aluno é um sujeito no tempo.

Um ponto ressaltado no desenvolvimento da atual pesquisa foi a figura do cavaleiro que é influenciado diretamente pela Literatura Medieval, tendo uma grande influência em figuras históricas na época, ocorrendo um verdadeiro fenômeno que influenciou nobres da alta aristocracia a se considerarem cavaleiros. Assim, apesar de possuir características difíceis de serem replicadas na realidade, cavaleiros da literatura atuaram como exemplos para a nobreza durante Idade Média. E a intenção é mostrar isso para os discentes por meio de um cavaleiro português do Medievo, Nuno Álvares Pereira que tentou possuir as características de Galaaz no século XV ao ponto que o Condestável foi canonizado na atualidade.

Como apresentado durante o trabalho, reforça-se que isso possuía uma intenção, a Literatura foi utilizada como fortalecimento político de determinados grupos e como forma de consolidação de poder durante a Idade Média. Assim, não é por acaso tais colocações nas documentações do período, pois Galaaz, em *A Demanda do Santo Graal* foi construído para atender necessidades da Igreja na formação de um modelo de comportamento para a cavalaria

que atendessem às características propostas em relação a sua visão de conduta cavaleiresca relacionada ao cristianismo, se apropriando da Matéria da Bretanha para isso.

E o mesmo ocorre com Nuno Álvares Pereira em *A Crónica do Condestável de Portugal*, bem como em *A Crónica de D. João I*, que utilizaram como um campeão honrado do cristianismo para fortalecer a recém-estabelecida Dinastia de Avis no poder, descrevendo-o como um cavaleiro que tendia à santidade como forma de demonstração da legitimação política reforçando Deus ao seu lado e ao do reino de Portugal. Demonstra-se, então, um potencial de reflexão para o aluno em como pode analisar não como um conhecimento a mais a respeito da Idade Média, mas como auxiliando à construção de um pensamento crítico.

Diante disso, a presente pesquisa se concentrou em analisar dinâmicas e construções a respeito do cavaleiro em relação às documentações do período como forma de demonstrar tais pontos de contato no Medieval. Portanto, os estudos desenvolvidos pretenderam auxiliar na compreensão da existência de um método mais dinâmico no que se refere ao aprendizado da Idade Média, principalmente no que corresponde ao território atual de Portugal, pouco explorado em sala de aula, ao mesmo tempo que demonstrando os pontos de contato entre Literatura e História por meio de dois cavaleiros, um histórico lusitano, Nuno Álvares Pereira, e um cavaleiro literário arturiano, Galaaz.

## REFERÊNCIAS

### - FONTES:

**Crónica do condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira por autor anônimo do século XV.** (Adaptação por Jaime Cortesão). Lisboa: Sá da Costa, 1972.

**A Demanda do Santo Graal.** Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

LOPES, Fernão. **Crónica de Dom João I - Primeira Parte.** Edição crítica e notas de TERESA AMADO, com a colaboração de ARIADNE NUNES, CARLOTA PIMENTA e MÁRIO COSTA. Lisboa: Imprensa Nacional e Centro de Estudos Comparatistas, 2017.

### - ESTUDOS:

ALMEIDA, Néri de Barros. A História medieval no Brasil. In: **Revista Signum**, 14, n. 1, 2013, p.1-16.

AMADO, Teresa. **Fernão Lopes, contador de História.** Lisboa: Estampa, 1997.

BACCEGA, Marcus. Maranhão, a última cruzada: encantaria sebastiânica e escritos cavaleirescos medievais. In: PEREIRA, Denise; CARNEIRO, Maristela (orgs.). **O Brasil dimensionado pela História.** Ponta Grossa: Atena Editora, 2020, v. 2, p. 80-94.

BRAGA, Pedro. **O Touro Encantado da Ilha dos Lençóis: o sebastianismo no Maranhão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador.** Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2001.

BOVO, Claudia Regina. Porque Idade Média? Dos motivos de se ensinar História Medieval no Brasil. In: TORRES FAUAZ, Armando. **La Edad Media en perspectiva latinoamericana.** Heredia, Costa Rica: EUNA, 2018, p. 268-290.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo; SOBREIRA, Victor. O Laboratório de Estudos Medievais: balanço e perspectivas. In :AMARAL, Clínio; LISBÔA, João (org.). **A historiografia medieval no Brasil: de 1990 a 2017.** Curitiba: Appris, 2019. p. 251-261.

CARDINI, Franco. “O guerreiro e o cavaleiro”. In LE GOFF, Jacques (dir). **O homem medieval.** Lisboa: Editorial presença, 1989.

CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. Memória e identidade no nordeste brasileiro: o medievo na classificação de folhetos de cordel. In: ZIERER, Adriana. VIEIRA, Ana Lúvia. ABRANTES, Elizabeth S.. (Org.). **História Antiga e Medieval sonhos, mitos e heróis: memória e Identidade**. 1ªed.São Luís: Editora Uema, 2015, v. 5, p. 243-252.

DUBY, George. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1994.

ECO, Umberto. Introdução à Idade Média. In: ECO, Umberto (dir.). **Idade Média - bárbaros, cristãos e muçulmanos**. Lisboa: D. Quixote, 2014, p. 04-27.

FARIA, Beatriz. Medievalismo e Neomedievalismo: As retraduições da Idade Média. In: CORDEIRO, Gabriel R.S; FONSECA, José Francisco; SANCHEZ, Marina Duarte; SILVA, Isabela Alves. (Org.). **Idade Média e História Global**. São Paulo: Cátedra Digital, 2019. Págs. 21-38.

FERNANDES, Fátima. A construção da sociedade política de Avis à luz da trajetória de Nuno Álvares Pereira. In: **VI JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE ESTUDOS MEDIEVAIS**. A Guerra e a Sociedade na Idade Média (2008). Actas. Campo Militar de S. Jorge/Porto de Mós/Alcobaça/Batalha, 2009, p. 421- 446.

FERRETI, Sérgio. Encantaria maranhense de D. Sebastião. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 1, n. 1, p.262-285, 2013. Disponível em: <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/19>. Acesso em: 21 março de 2024.

FILHO, Armando Terribili; QUAGLIO, Paschoal. Professor Reflexivo: Mais que um simples modismo – uma possibilidade real. **Revista da faculdade de Educação**, Ano VI, nº 9. São Paulo, 2008, Disponível em: <[http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol\\_9/artigo\\_9/55\\_71.pdf](http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_9/artigo_9/55_71.pdf)>, acesso em: 17 de abril de 2024.

FLORI, Jean. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.

GONZÁLEZ, Javier Roberto. A formação da ficção cavaleiresca: do heroísmo épico ao cortesão (séculos xii-xiv). In: **Revista Signum**, 2013, vol. 14, n. 2. P. 205-221. Disponível em: <<https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/5201>> , acesso em: 21 de março de 2024.

GRZYBOWSK, Lukas Gabriel; ALTSCHUL, Nadia R. “Em Busca Dos Dragões: A Idade Média No Brasil”. In: **Antíteses**, Londrina 13, no. 26 (dezembro 9, 2020): 24–35. Acessado em junho do 12, 2024: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/42304>.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. Aljubarrota (1385) e a Tradição das Lembranças. In: **Fundación para la Historia de España (Argentina)**. 2010-2011, N°. 10, p. 48-54.

\_\_\_\_\_. De Cícero a Fernão Lopes, considerações sobre a amizade do Ocidente Medieval. In: **Revista Convergência Lusíada**, 2012, v. 22 n. 26: A Volta da Poesia, p. 132-145.

\_\_\_\_\_. O estudo do Portugal Medieval a serviço de uma compreensão mais larga da História por parte das crianças e dos jovens brasileiros. In: VIANNA, Luciano José (Org.). **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na educação básica no século XXI**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 637-659.

JÚNIOR, Carlile Lanzieri. Cavaleiros de papel: considerações sobre as histórias conectadas de diferentes usos do passado medieval na contemporaneidade dentro e fora do Brasil e seus possíveis impactos na formação do conhecimento histórico escolar. In: VIANNA, Luciano José (Org.). **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na educação básica no século XXI**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 107-124.

JÚNIOR, Hilário Franco. **O feudalismo**. São Paulo: Editora Brasilienses S. A., 1983.

LE GOFF, Jacques; SCHLEGEL, Jean-Louis. **A Idade Média: explicado aos meus filhos**. homem Rio de Janeiro: Agir, 2007.

\_\_\_\_\_. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Homem medieval**. Lisboa: Editorial presença, 1989.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 109-125.

\_\_\_\_\_. Sobre a Idade Média residual no Brasil. In: MACEDO, José Rivair. (Org.). **A Idade Média portuguesa e o Brasil: reminiscência, transformações, ressignificações**. 1ª ed. Porto Alegre: Vidrúguas, 2011. Págs. 9-20.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Ainda sobre Nun'Álvares Pereira e o ideal de cavalaria. In: MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.). **De Cavaleiros e Cavalarias: por terras de Europa e Américas**. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 441-454 Disponível em:

<<http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/441-454.pdf>>. Acesso em: 02 de Novembro de 2023.

MONTEIRO, João Gouveia. **Nuno Álvares Pereira - Guerreiro, senhor feudal e santo: os Três Rostos do Condestável**. Lisboa: Manuscrito, 2017.

MARCHELLO-NIZIA, Christiane. Cavalaria e Cortesia. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens: Da Antiguidade a Era Moderna**. Companhia das Letras; 1ª edição, p. 141-187, 1996.

MARQUES. A.H. de Oliveira. **História de Portugal**; Lisboa, Ed. Palas, 1980. Vol. 1.

PACHÁ, Paulo Henrique de Carvalho. **Deus vult: uma velha expressão na boca da extrema direita**. A Pública, 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, p. 31-45, 01 set. 2003.

SARAIVA, António José. **As Crônicas de Fernão Lopes: Selecionadas e transportada em português moderno**. Lisboa: Gradiva, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Crepúsculo da Idade Média em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 1988.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A Formação da Consciência Histórica de Alunos e Professores e o Cotidiano em Aulas de História. In: **Cad Cedes**, vol. 25, n. 67, p.297 – 308, set./dez. 2005. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/21776019-A-formacao-da-consciencia-historica-de-alunos-e-professores-e-o-cotidiano-em-aulas-de-historia.html>>, acesso em: 23 de Outubro de 2023.

SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. Representações Simbólicas do Cavaleiro em Portugal: Guerreiro de Cristo e Defensor da Pátria. In: **História Antiga e Medieval. Conflitos Sociais, Guerras e Relações de Gênero: Representações e Violência**, v. 6, p. 293-304, 2017.

TEIXEIRA, Igor; PEREIRA, Nilton Mullet. A Idade Média nos currículos escolares: as controvérsias nos debates sobre a BNCC. **Diálogos**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 16-29, set./dez. 2016.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII)**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VENTURA, Margarida Garcez. Uma Lâmpada de Prata e Muito Mais: Testemunhos de D. Duarte sobre a Santidade de Nuno Álvares Pereira. **Revista Portuguesa de História do Livro**, Lisboa, Ano XIV, v. 27, p. 243-271, 2011.

\_\_\_\_\_. **O MESSIAS DE LISBOA: Um Estudo de Mitologia Política (1383-1415)**. Edições Cosmos. Lisboa, 1992.

XAVIER, Douglas Mota de Lima. **Uma história contestada: a História Medieval na Base Nacional Comum Curricular (2015-2017)**. Anos 90, Porto Alegre, v. 26, p. 1-21, 2019.

ZIERER, Adriana; OLIVEIRA, Solange Pereira. A História Medieval no Brasil e no Maranhão em perspectiva: ensino e pesquisa. **MIRABILIA JOURNAL**, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 634-656, 2019.

ZIERER, Adriana. **Artur: de guerreiro a rei cristão nas fontes medievais latinas e célticas**. Brathair, 2002, v.2, n. 1, p. 44-61. ISSN: 1519-9053. Disponível em: <<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/665>>. Acesso em: 24 de Outubro de 2023.

\_\_\_\_\_. **CURURUPU E A ILHA DOS LENÇÓIS: o domínio mítico de D. Sebastião no imaginário maranhense**. In: **Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História**, vol. 21, n. 37, 2024, p. 112-139.

\_\_\_\_\_. D. Nuno e Galaaz: santos e heróis na História e no Imaginário. In: REIS, Jaime Estevão dos. (Org.). **A Idade Média em Debate: estudo das fontes**. Curitiba: CRV, 2019, p. 15-32.

\_\_\_\_\_. Guerra e Atributos Arturianos dos Heróis da Crónica de D. João I. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Lúcia B. (Org.). **História Antiga e Medieval. Conflitos Sociais, Guerras e Relações de Gênero: representações e violência**. 1ª ed. São Luís: EdUEMA, 2017. p. 273-291.

\_\_\_\_\_. O mito arturiano e sua cristianização nos séculos XII e XIII. In: ID. **Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal: uma outra Viagem pela Idade Média**. São Luís: Editora UEMA, 2013, p. 155-177.

\_\_\_\_\_. O Rei Artur e sua apropriação na longa duração, do Rei Afonso III de Portugal a D. Sebastião, o Desejado. In: **Graphos**, João Pessoa, (UFPB), v. 17, p. 74-90, 2016.

\_\_\_\_\_. **Uma Viagem pela Idade Média.** São Luís: Ed. UEMA/Apoio Fapema, 2010, p. 19-33.

\_\_\_\_\_. Virtudes e Vícios dos Cavaleiros n' A Demanda do Santo Graal. In: MONGELLI, Márcia (Org.). **De Cavaleiros e Cavalarias.** Por terras de Europa e Américas. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 37-47

\_\_\_\_\_. Iluminando a Idade Média: um breve panorama sobre a História Medieval no Brasil e a relação História-Ensino. In: ZIERER, Adriana; XIMENDES, Carlos Alberto. (Org.). **História Antiga e Medieval: Cultura e Ensino.** 1ª ed. São Luís: EdUEMA, 2009. Págs. 9-27.